

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

VALDELICE CRUZ DA SILVA SOUZA

**OS SENTIMENTOS E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE GORDOFOBIA
ENTRE PRÉ-ADOLESCENTES NO CONTEXTO ESCOLAR
DE SIDROLÂNDIA / MS**

**CAMPO GRANDE / MS
2021**

VALDELICE CRUZ DA SILVA SOUZA

**OS SENTIMENTOS E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE GORDOFOBIA
ENTRE PRÉ-ADOLESCENTES NO CONTEXTO ESCOLAR
DE SIDROLÂNDIA / MS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Josiane Peres Gonçalves.

**CAMPO GRANDE / MS
2021**

Ficha Catalográfica

SOUZA, Valdelice Cruz da Silva

Os sentimentos e as representações sociais sobre gordofobia entre pré-adolescentes no contexto escolar de Sidrolândia / MS. / Valdelice Cruz da Silva Souza. Campo Grande, MS, 2020.
165 f.

Orientadora: Professora Doutora Josiane Peres Gonçalves.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Programa de Pós-graduação em Educação – Cursos de Mestrado e Doutorado.

1. Gordofobia; 2. Pré-adolescente; 3 Representações Sociais; 4. Contexto Escolar; 5. Gênero. GONÇALVES, Josiane Peres. II. Título.

VALDELICE CRUZ DA SILVA SOUZA

**OS SENTIMENTOS E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE GORDOFOBIA
ENTRE PRÉ-ADOLESCENTES NO CONTEXTO ESCOLAR
DE SIDROLÂNDIA / MS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Josiane Peres Gonçalves.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Josiane Peres Gonçalves – UFMS
Orientadora

Prof.^a Dra. Flavinês Rebolo – UCDB
Membro Titular

Prof.^a Dra. Sônia da Cunha Urt - UFMS
Membro Titular

Prof.^a Dra. Célia Beatriz Piatti – UFMS
Membro Suplente

Campo Grande, 02 de fevereiro de janeiro de 2021.

A arte de viver é simplesmente a arte de conviver...

Simplesmente, disse eu? Mas como é difícil!

Mário Quintana

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, por reconhecer que sem o auxílio de uma força maior e divina, não conseguiria alcançar tal conquista.

A minha orientadora, Professora Dr. Josiane Peres Gonçalves pela oportunidade, por me conduzir aos caminhos científicos desde a graduação, por ter visto em mim a capacidade e o desejo de alcançar novos aprendizados e por toda contribuição ao meu crescimento acadêmico e profissional.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação PPGeDu, pela estrutura oferecida durante o período de Mestrado, e ao seu respectivo corpo docente, sobretudo àqueles que proporcionaram grande aprendizado por meio das disciplinas cursadas.

A secretaria de Educação do Município de Sidrolândia, pela permissão para a realização da pesquisa nas escolas da Rede Municipal de Ensino, particularmente a Avani Moreira dos Santos pela bela recepção e interesse.

Aos diretores e professores das escolas pela disponibilidade e comprometimento durante a pesquisa.

Aos pré-adolescentes e adolescentes que fizeram parte da amostra da pesquisa e a seus pais e responsáveis que autorizaram suas participações no estudo.

Em especial, ao meu querido esposo Vagner William pelo apoio, pela paciência em momentos de crise, desespero e ausência, por suas palavras de consolo e sabedoria. Ao meu precioso filho Filipe que me acompanhou durante toda minha trajetória de formação profissional, me dando imensa alegria ao dizer “tenho muita vantagem, porque minha mãe é professora e passa o tempo todo estudando”, o que me ajudou a superar medos e aflições.

Aos meus familiares, meu pai, sogros, irmãos, cunhados e sobrinhos pelo apoio, pela ajuda, pelas palavras de ânimo quando precisei e por sentirem alegria em cada conquista que alcancei.

Aos amigos que fiz no Mestrado pelo companheirismo e parceria neste período. As minhas amigas Érica Fernanda que me acompanha e me dá força quando preciso. Cíntia Raquel e Franciele Prates pela companhia, pelo acolhimento durante o processo seletivo e no trajeto entre uma cidade e outra, momento árduo, porém, compensatório.

Por último, mas não menos importante, agradeço a Maria da Cruz Silva (Dona Lia), a quem tenho a dívida de chamar de mãe. Agradeço por todo esforço, e determinação em me manter estudando, ela que sempre desejou estar no mundo do conhecimento, mas foi impedida

por suas condições financeiras, ela que trabalhou a vida toda na roça mas não permitiu que os filhos tivessem o mesmo destino, sofreu para que pudessem estudar, ensinou que não há nada mais importante na vida do que o estudo, isso, por acreditar que a Educação transforma vidas.

A todos vocês, que muito contribuíram para minha formação humana, acadêmica e profissional....

Meu muito obrigada!!!!

RESUMO

A pesquisa versa sobre a gordofobia no contexto escolar e teve como objetivo identificar as representações sociais e os sentimentos de pré-adolescentes que estudam em escolas públicas de Sidrolândia / MS, sobre a gordofobia, evidenciando se o preconceito está relacionado com as questões de gênero e se há influência da mídia na dissipação do preconceito. A abordagem epistêmica está ancorada aos conceitos da Teoria das Representações Sociais, sob a perspectiva de Moscovici e seus colaboradores, entre outros autores. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada a partir de um questionário que foi respondido por 58 alunos e três grupos focais com 16 alunos matriculados no 5º ano do Ensino Fundamental de três escolas públicas no município de Sidrolândia-MS, escolhidas por sua localização, contemplando uma escola de centro, uma periférica e uma comunidade indígena. Os dados foram classificados a partir da Análise de Conteúdo de Bardin e resultou em seis categorias: 1. O “magro é mais da hora”: Opiniões dos pré-adolescentes quanto ao modelo de corpo - em que analisa o sentimento de tristeza e de insatisfação quanto a autopercepção corporal dos pré-adolescentes, 2. Eu sofri, eu sei como que é, eu quase me cortei, por depressão: gordofobia na escola- em que se revela as experiências de preconceito devido a estrutura física, culminando em depressão e baixa autoestima, 3. Todo mundo me zoa na escola: *bullying*, violência na escola e as dificuldades nas atividades escolares - que foi possível evidenciar as consequências do preconceito na vida e no desenvolvimento acadêmico dos alunos e a estrutura física como principal motivo de ações preconceituosas, 4. Porque tem mulher que não aceita homem gordo: gênero e gordofobia- em que expõe o poderio da gordofobia sob o corpo feminino, 5. Superman X Cinderela: influência da mídia na autopercepção dos pré-adolescentes - apontando o papel da mídia na formação da autoimagem e propagação da gordofobia e 6. Nem gorda nem magra abracadabra - em que sinaliza o modelo ideal nos dias atuais. Considera-se que corpo é visto como referencial quando se busca bem-estar, sucesso profissional, pessoal, amoroso e social, um objeto manipulável e de possível controle, com isso, aqueles que não se enquadram a esta afirmativa, são submetidos a julgamentos e discriminação. Os pré-adolescentes indicaram o corpo magro como melhor modelo corporal, demonstrando insatisfação com sua aparência física e ancoram a gordofobia às representações oriundas do *bullying* que torna a escola um ambiente hostil e inseguro, o que afeta diretamente sua autoestima e seu desenvolvimento escolar. Revelou-se que, embora os homens estejam sob coerção por conta da estrutura corporal, a mulher ainda segue como principal alvo da gordofobia, em que a mídia constantemente prestigia o corpo magro como o ideal, atuando de modo implícito e eficaz na formação da autopercepção por meio de seus personagens que inspiram os indivíduos a buscarem o novo modelo corporal estabelecido socialmente, no caso, o corpo trabalhado em academia, o que gera angústia e sofrimento aos que não alcançam tais exigências.

Palavras-chave: Gordofobia. Pré-adolescente. Representações Sociais. Contexto Escolar. Gênero.

ABSTRACT

The research deals with fatphobia in the school context and aimed to identify the social representations and feelings of pre-adolescents, who study in public schools in Sidrolândia/MS, about fatphobia, showing whether prejudice is related to issues of gender and whether there is influence of the media in the dissipation of prejudice. The epistemic approach is anchored to the concepts of Theory of Social Representations, from the perspective of Moscovici and his collaborators, among other authors. This is a qualitative research, carried out from a questionnaire that was answered by 58 students and three focus groups with 16 students enrolled in the 5th year of elementary school in three public schools in the municipality of Sidrolândia-MS, chosen for their location, contemplating a center school, a peripheral school and an indigenous community. The data were classified based on Bardin's Content Analysis and resulted in six categories: 1. The “skinny is more of the hour”: Opinions of pre-adolescents regarding the body model - in which they analyze the feeling of sadness and dissatisfaction as for the body self-perception of pre-adolescents, 2. I suffered, I know how it is, I almost cut myself, due to depression: fatphobia at school - in which the experiences of prejudice due to physical structure are revealed, culminating in depression and low self-esteem, 3. Everyone makes fun of me at school: bullying, violence at school and difficulties in school activities - it was possible to evince the consequences of prejudice in the students' life and academic development and physical structure as the main reason for prejudiced actions, 4. Because there is woman who does not accept a fat man: gender and fatphobia - in which she exposes the power of fatphobia under the female body, 5. Superman X Cinderella: influence of the media on the self-perception of pre-adolescents - pointing out the role of the media in the formation of self-image and the spread of fatphobia and 6. Neither fat nor thin abracadabra- which signals the ideal model nowadays. It is considered that the body is seen as a reference when seeking well-being, professional, personal, loving and social success, a manipulable object and of possible control, with that, those who do not fit this statement, are subjected to judgments and discrimination. Pre-adolescents indicated the lean body as the best body model, showing dissatisfaction with their physical appearance and anchoring fatphobia to the representations arising from bullying that makes the school a hostile and insecure environment, which directly affects their self-esteem and their school development. It was revealed that, although men are under coercion due to their body structure, women are still the main target of fatphobia, in which the media constantly praise the thin body as the ideal, acting implicitly and effectively in the formation of self-perception through its characters that inspire individuals to seek the new socially established body model, in this case, the body worked in the gym, which generates anguish and suffering for those who do not meet these requirements

Keywords: Fatphobia. Pre-adolescents. Social Representations. School context. Gender.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Modelo ecológico para compreender a violência.....	76
Figura 2- Ilustração representativa de tristeza da aluna da escola “F”.....	110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Trabalhos encontrados no portal da CAPES sobre “gordofobia”	84
Quadro 2- Trabalhos encontrados no portal da CAPES sobre “corpo gordo”	86

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Índice de autopercepção corporal e preconceito.....	108
---	-----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia

IMC – Índice de Massa Corporal

OMS – Organização Mundial da Saúde

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecimento

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TRS – Teoria das Representações Sociais

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1. ABORDAGEM EPISTÊMICA DA PESQUISA: TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO POSSIBILIDADE DE INVESTIGAR A GORDOFOBIA.....	19
1.1 Ponto inicial das representações sociais.....	19
1.2 Influência de Durkheim para a construção da teoria das representações sociais.....	22
1.3 Concepções gerais das representações sociais.....	24
2. GORDOFOBIA COMO DISCRIMINAÇÃO BASEADA NO PESO, NA IMAGEM CORPORAL E GÊNERO.....	31
2.1 Contextualizando a gordofobia.....	31
2.2 Corpo e imagem corporal.....	35
2.2.1 Percepções da Imagem corporal.....	38
2.2.2 Conotações do corpo no passado.....	42
2.2.3 Configurações do corpo na contemporaneidade.....	45
2.2.4 Corpo e cultura.....	48
2.3 Gordofobia e a mídia.....	53
2.4 Gordofobia e estereótipo de gênero.....	58
3. CONTEXTUALIZANDO A PRÉ-ADOLESCÊNCIA E A GORDOFOBIA EM ÂMBITO ESCOLAR.....	69
3.1 Definição da pré-adolescência e a ação gordofóbica nesta fase do desenvolvimento.....	69
3.2 Violência e gordofobia na escola.....	75
3.3 Gordofobia e <i>bullying</i> : consequências para pré-adolescência no contexto escolar.....	79
4. ANÁLISE DAS PRODUÇÕES: O QUE DIZEM AS TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE GORDOFOBIA E AS IMPLICAÇÕES CORPORAIS?.....	83
4.1 Estado do conhecimento sobre gordofobia.....	83
4.2 Apresentação dos caminhos metodológicos utilizados pelas produções científicas.....	88
4.3 Discussões sobre gordofobia a partir das teses e dissertações.....	92
5. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	99
5.1 Gordofobia como possibilidade de investigação no campo educacional	99
5.2 Definição do Campo de estudo: o município de Sidrolândia.....	101

5.2.1 Escolas participantes da pesquisa.....	101
5.3 A coleta de dados junto aos pré-adolescentes: primeira etapa da pesquisa.....	102
5.4 Participantes dos grupos focais: segunda etapa da pesquisa.....	103
5.5 Descrição dos instrumentos de pesquisa.....	104
5.6 Organização e análise dos dados.....	105
6. AS VOZES DOS PRÉ-ADOLESCENTES: GORDOFOBIA NA ESCOLA.....	107
6.1 Análise do questionário.....	107
6.1.1 O “magro é mais da hora”: Opiniões dos pré-adolescentes quanto ao modelo de corpo.....	108
6.2 Análise do grupo focal.....	115
6.2.1 Eu sofri, eu sei como que é, eu quase me cortei, por depressão: gordofobia na escola.....	115
6.2.2 Todo mundo me zoa na escola: <i>bullying</i> , violência na escola e as dificuldades nas atividades escolares.....	121
6.2.3 Porque tem mulher que não aceita homem gordo: gênero e gordofobia.....	131
6.2.4 Superman X Cinderela: influência da mídia na autopercepção dos pré-adolescentes.....	135
6.2.5 Nem gorda nem magra abracadabra.....	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
REFERÊNCIAS.....	147
APÊNDICES.....	155
APÊNDICE A – PARECER CONSUBSTENCIADO DO CEP	155
APÊNDICE B – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO.....	157
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA OS RESPONSÁVEIS.....	158
APÊNDICE D – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO (TALE) PARA OS PRÉ-ADOLESCENTES.....	160
APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO.....	162
APÊNDICE F – ROTEIRO PARA O GRUPO FOCAL.....	163
ANEXO.....	164
ANEXO A – LIVRO “GORDA OU MAGRA ABRACADABRA”	164

INTRODUÇÃO

É notável as preocupações e as fiscalizações acentuadas ao corpo humano na sociedade atual. Para além de sua função biológica, o corpo tem sido vinculado a um mecanismo submetido a imposições e observações, fazendo com que os indivíduos se enquadrem a um determinado modelo corporal. É neste cenário que a gordofobia ganha espaço e atormenta aqueles que não fazem parte da padronização.

Como parte deste grupo que não se enquadra na cultura da beleza vigente, tive minha vida marcada pela discriminação. As experiências negativas com meu corpo tiveram início na adolescência, por volta dos quatorze anos de idade, particularmente no espaço escolar, quando eu frequentava a então 8ª série do Ensino Fundamental. Embora nunca tivesse o peso excedido, por algum tempo fui alvo de zombarias e brincadeiras ofensivas praticadas pelos colegas de turma, o que me fez ter o desejo de desistir das aulas. Não desisti, mas essa experiência teve uma consequência significativa em minha autopercepção e autoestima, visto que a insegurança me acompanhou por vários anos de minha vida.

Até aí, ainda não fazia ideia da padronização corporal ou gordofobia. O primeiro contato com a terminologia aconteceu já na graduação durante o curso de Pedagogia, que me fez interessar imediatamente pelo tema. Durante a apresentação de relatório final elaborado para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), em um evento exclusivo para os bolsistas PIBIC, ocorrido em Campo Grande MS, uma acadêmica do curso de Psicologia apresentou sua pesquisa sobre a gordofobia. No decorrer da apresentação, ela abordou sobre as diferenças entre os gêneros, especialmente sobre os padrões de beleza, em que o sexo feminino é considerado o mais afetado. Tal fato aumentou ainda mais minha afeição pela temática, pois as questões de gênero já faziam parte do campo de pesquisa desejado.

A partir deste momento, passei a observar a sociedade por um olhar específico, isto é, de visualizar em como os sujeitos são oprimidos para se manter em um padrão corporal. Durante minha experiência como estagiária na mesma escola em que sofri o preconceito, pude perceber claramente que ainda existia a discriminação contra os alunos considerados “fora do padrão”. Recordo-me de um episódio o qual trouxe a interpretação de que o gordo encontra grandes desafios quando o assunto é socialização.

Nesta época, eu atuava como estagiária no 2º ano do Ensino Fundamental. Ao começar os preparativos para a festa junina, a professora regente passou a organizar as duplas para formar a quadrilha. Na turma havia alunos brancos, pardos, negros, indígenas, com deficiência e gordo, no entanto, apenas a aluna considerada gorda foi excluída por seus colegas e ficou sem

par. Um aluno coagido pela professora aceitou dançar com a menina, apenas para não ficar sem a aula de Educação Física.

Em outro momento, quando planejava uma atividade de seminário sobre preconceito no curso de graduação, meu grupo teve a ideia de selecionar pessoas com especificidades variadas para elucidar a temática a partir do cotidiano de cada uma. Seriam seis participantes (um negro, um homossexual, uma gorda e um cadeirante) que deveriam fazer um vídeo sobre as experiências de discriminação por eles vivenciadas. Embora todos tenham concordado com a participação, apenas a pessoa gorda não nos enviou seu vídeo e também não apresentou uma justificativa. Nós entendemos sua posição e prosseguimos com os demais.

Por conta disto, em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Pedagogia, abordei essa problemática. Foi aí que me dei conta da abrangência da situação, percebi que para além do senso comum, o preconceito denominado gordofobia tem sua trajetória cravada na história do desenvolvimento da humanidade, história essa marcada pelos mais diversos preconceitos.

Todas estas experiências foram cruciais para que chegasse ao objetivo desta pesquisa, por considerar que ser gordo na sociedade contemporânea se trata de algo mais complexo e que as diferenças estão muito longe de serem aceitas em nossa sociedade. E é assim que desenvolvi este estudo para a dissertação do curso de mestrado, vinculada à Linha de Pesquisa 3 intitulada “Processos Formativos, Práticas Educativas, Diferenças”, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Ressalto aqui que todo o processo de pesquisa resultou em mudanças positivas no meu papel de pesquisadora, pois todo conhecimento adquirido me proporcionou grande alegria e satisfação.

Assim, a problemática que me inquietou e que norteou essa pesquisa é: **Quais são as representações sociais e sentimentos predominantes entre pré-adolescentes do 5º ano do ensino fundamental sobre a gordofobia?** Essa questão despertou em mim o interesse de entender o que os pré-adolescentes, que se sentem insatisfeito com o próprio corpo, têm a dizer a respeito da gordofobia e dos preconceitos vivenciados na escola.

A partir disso, a pesquisa teve por objetivo geral **identificar as representações sociais e os sentimentos de pré-adolescentes, que estudam em escolas públicas de Sidrolândia / MS, sobre a gordofobia, evidenciando se o preconceito está relacionado com as questões de gênero e se há influência da mídia na dissipação do preconceito.** Os objetivos específicos da pesquisa consistem em: a) averiguar as representações sociais e sentimentos de pré-adolescentes sobre a gordofobia; b) analisar se existe a aceitação dos pré-adolescentes em relação ao próprio corpo; c) verificar se o preconceito se relaciona com as questões de gênero;

d) averiguar a influência midiática para a expansão da discriminação e dissipação do preconceito.

Com o desígnio de contemplar a proposta supracitada, organizei essa pesquisa da seguinte forma: na **Introdução**, aponto as considerações iniciais, os elementos que corroboraram para escolha do objeto, a contextualização da temática, os caminhos percorridos e a organização da pesquisa.

No primeiro capítulo, apresento a **Abordagem Epistêmica da pesquisa: Teoria das Representações Sociais (TRS) como possibilidade de investigar a gordofobia**. A justificativa de trazer este assunto em primeira instância, foi de elucidar o primeiro passo para compreender a gordofobia, ou seja, a escolha de um aporte teórico que se fez eficaz para cercar o objeto e obter as respostas almejadas.

Aqui, é possível averiguar os principais conceitos e a gênese da TRS como referencial teórico em pesquisa acadêmica, tendo Serge Moscovici como principal teórico, seus colaboradores, entre outros autores que visam as representações sociais como o primeiro passo para entender as percepções, crenças e valores que influenciam e orientam a conduta dos sujeitos e a formação de conceitos.

As representações sociais consideradas construções coletivas, são internalizadas pelos sujeitos que moldam por meio delas, sua estrutura de vida. Tendo em mente esta afirmativa, apresentamos as concepções gerais da TRS, a influência durkheiminiana e sua consolidação como método em pesquisa na Psicologia Social. A teoria se faz necessária, a partir do entendimento de que a gordofobia se refere a um fenômeno que se constitui no contexto social e cultural. Com isso, a TRS, serviu de base para compreender as representações que formam o pensamento aversivo contra a pessoa gorda.

Esta procedência corroborou como ponto de partida para o segundo capítulo intitulado **Gordofobia como discriminação baseada no peso, na imagem corporal e gênero** que traz a gordofobia como preconceito construído socialmente a partir de representações sociais baseadas no peso, abrangendo a imagem corporal e gênero. Para tanto, foi preciso contextualizar o fenômeno e os processos que permitiram que algumas características corporais passassem a ter mais valor do que outras.

Este capítulo ainda aponta que as preocupações com o corpo não é uma especificidade da sociedade contemporânea, no passado, as percepções corporais foram constituídas por um outro prisma. Toda trajetória da história humana aponta um referencial adequado para corpo, contudo, é no momento atual embasada nos discursos midiáticos, que o corpo gordo representa

uma falha pessoal, afligindo especificamente o sexo feminino, fato este que torna possível as discussões de gênero.

O terceiro capítulo, **Contextualizando a pré-adolescência e a gordofobia em âmbito escolar**, dedica-se a entender a pré-adolescência, desvendando como ocorre a formação de conceitos nesta fase e explorando as situações de violência e *bullying* no contexto escolar por conta da gordofobia. Desde o início do desenvolvimento humano, os indivíduos são expostos a valores estabelecidos pela cultura, os quais são os responsáveis pela formação da subjetividade. Ao serem submersos aos padrões corporais, os pré-adolescentes automaticamente internalizam que devem se enquadrar a tais imposições. Isto faz com que haja retaliações para aqueles que não alcançam este objetivo.

No quarto capítulo denominando **Análise das produções: o que dizem as teses e dissertações sobre gordofobia e as implicações corporais?** Optei em fazer um levantamento das produções acadêmicas vinculadas ao portal de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que contemplasse a gordofobia, a fim de situar este objeto no campo científico, observando se há relação entre a temática com o espaço escolar e pré-adolescência. Embora também tenha feito o panorama sobre o corpo gordo por visualizar que este termo fosse o mais utilizado para explorar a discriminação, optei em analisar apenas os estudos delimitados a gordofobia que abrangeram seis produções.

Ao quinto capítulo, **Percurso metodológico da pesquisa**, reservei para expor os caminhos metodológicos utilizados para a realização desta dissertação de cunho qualitativo. Para tanto, utilizei questionários com 58 alunos e grupo focal com 16 alunos como instrumento para coleta de dados em três escolas municipais de Sidrolândia-MS.

Em seguida, apresento o sexto capítulo, **Vozes dos pré-adolescentes: gordofobia na escola**, no qual exponho os resultados da pesquisa, relacionando-a com a epistemologia da TRS. Neste momento, são apresentadas as experiências e sentimentos dos pré-adolescência referentes a sua percepção corporal e a insatisfação com seu próprio corpo devido a padronização social. Sob a perspectiva de Análise de Conteúdo de Bardin, tais informações foram classificadas em seis categorias que exploram as considerações mais expressivas e significativas relacionadas a gordofobia, gênero, preferência ao corpo magro, *bullying*, violência escolar, dificuldade escolar, influência da mídia na vida dos estudantes e o novo modelo corporal estabelecido socialmente.

Por fim apresento as **Considerações finais**, fazendo uma reflexão sobre toda a pesquisa, ressaltando seus pontos mais relevantes. Posteriormente, informo as referências utilizadas, os apêndices e os anexos que compuseram esta dissertação.

1. ABORDAGEM EPISTÊMICA DA PESQUISA: TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS (TRS) COMO POSSIBILIDADE DE INVESTIGAR A GORDOFOBIA

Esse capítulo atém-se em vislumbrar os principais conceitos e a gênese da Teoria das Representações Sociais como aporte epistemológico, que serviu de eixo norteador para a investigação sobre gordofobia, tendo Serge Moscovici como principal teórico, seus colaboradores, entre outros autores.

1.1 Ponto inicial das representações sociais

Em seus estudos, o autor da TRS, Serge Moscovici, analisa que entender as representações sociais existentes num determinado contexto social é o primeiro passo para apreender as percepções, crenças e valores, os quais influenciam e demandam condições de princípios que orientam a conduta dos sujeitos.

Convém ressaltar que a investigação dos fenômenos sociais a partir dos sentidos e percepções culturais e sociais, são por excelência, conteúdos indispensáveis para os estudos em representações sociais. À vista disso, compreende-se que “na maioria das relações sociais estabelecidas, dos objetos extraídos ou produzidos, as comunicações estão impregnadas de representações sociais” (GOMES, 2008, p. 31).

A terminologia representações sociais na atualidade, expressa “tanto um conjunto de fenômenos sociais, quanto a teoria sociológica construída para explicá-los” (GOMES, 2008, p. 30). Seu ponto de partida são os conhecimentos populares de indivíduos comuns e a comunicação informal do dia a dia no contexto grupal.

Gomes (2008) explica que a teoria foca em analisar diversos assuntos que cingem as relações interpessoais e constituem a subjetividade dos sujeitos se tornando um alicerce para a construção da realidade objetiva e subjetiva que estruturam o saber da vida cotidiana. As representações sociais articulam comparações e definições de situações ou objetos de acordo com sua estrutura que criam juízos e informações advindas das experiências dos indivíduos em sua convivência em grupo.

O conceito de Representações Sociais tem sua raiz como teoria, nos estudos de Moscovici, em sua obra: *La Psychanalyse, son image, son public* de 1961 (ARRUDA, 2002), mas, nesse primeiro momento, a teoria não teve grande impacto, ressurgindo fortemente partir de 1980.

Embora tenha considerado aspectos de pressupostos positivistas, Moscovici busca em sua Teoria das Representações Sociais, incorporada à metodologia científica, numa vertente estruturalista, romper com alguns pensamentos funcionalistas (SILVA; CARMO; SILVA, 2015). Assim, o criador da teoria argumenta:

Entre as razões que explicam a força desse movimento, já mencionei o alcance da Teoria das Representações Sociais. A diversidade das dimensões psíquicas, intelectuais e cognitivas que ela abraça, a diversidade dos níveis sociais, individuais, interindividuais, intergrupais e ideológicos que ela articula permitem dar conta da complexidade dos fenômenos que uma psicologia autenticamente social deve considerar (MOSCOVICI, 2011, p. 21).

Nesse contexto, Arruda (2002) argumenta que a respectiva teoria trouxe contribuições significantes, as quais contrariava as epistemologias da época, voltadas as áreas de Psicologia e Ciências Sociais pautadas no behaviorismo e marxismo. A teoria epistêmica de Moscovici tem como primícias a captação indireta da subjetividade em conformidade com a interpretação do investigador.

O autor da TRS defendeu a ideia da Psicologia Social ser associada as questões sociais, operando “com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade” (ARRUDA, 2002, p. 129). Portanto, Moscovici entende que existem diversas maneiras de compreensão, interpretação, concepções, comunicações por diferentes propósitos, assim faz definições de duas delas, as quais estão fixadas socialmente, como a consensual e a científica.

O universo consensual seria aquele que se constitui principalmente na conversação informal, na vida cotidiana, enquanto o universo reificado se cristaliza no espaço científico, com seus cânones de linguagem e sua hierarquia interna. Ambas, portanto, apesar de terem propósitos diferentes, são eficazes e indispensáveis para a vida humana (ARRUDA, 2002, p. 130).

Percebe-se então que não há uma ordem de importância ou afastamento entre linha consensual e científica, ao que se dispõem em seus universos, são eficientes em entender o ser humano. Embora o universo científico não seja de uso popular, por ser falado basicamente por especialista, não o torna mais eficaz que o universo consensual. Deveras, podem ser associados para obter um resultado consistente.

Nessa conjuntura, Arruda (2002) explica que as Representações Sociais no universo consensual são vistas como senso comum, consciência coletiva, fugaz, inteligível a todos, já no universo científico, em contrapartida, retrata a realidade emancipada a consciência, práticas, organização, estruturas pensadas e absorvidas.

Para Aronson, Wilson e Akert (2002), a análise da influência social sob a formação de identidade e subjetividade é critério de estudo da Psicologia Social. Tal estudo busca compreender como os sujeitos são influenciados e a maneira que interpretam o ambiente em que vivem.

A vida social é a base comum da comunicação e da ideologia. A tarefa da psicologia social, no estudo desses fenômenos, é uma tarefa para qual a disciplina está muito bem equipada; ela se interessa pelas relações entre o indivíduo e sociedade. Essas relações são um foco de tensões e contradições e elas representam o ponto de encontro das necessidades de liberdade do ser humano e de suas tendências para alienação (MOSCOVICI, 2011, p. 156).

A psicologia social visa entender as atitudes, comportamentos, percepção social, os preconceitos, grupos e a comunicação (MOSCOVICI, 2000). Indo além, a psicologia social se interessa pela correlação dentre esses processos, no caso, a influência exercida entre os indivíduos, sobre as crenças e comportamentos. O autor da TRS estabelece a retratação e apreço do conhecimento comum e cotidiano. Em seus estudos, há a possibilidade de compreender esse ensejo, uma vez que relaciona a sua história pessoal durante o nazismo na Segunda Guerra Mundial. Sua principal indagação refere-se ao fato de os seres humanos serem impulsionados por aspectos que excedem a razão, como por exemplo, a religião, um conhecimento prático, porém, um alicerce que orienta o viver de determinados grupos (ARRUDA, 2002).

Por esse viés, as respostas a esses questionamentos originaram sua primeira obra, em que rompe na Psicologia, “a fronteira entre a razão e senso comum, razão e emoção, sujeito e objeto” (ARRUDA, 2002, p. 131). Com isso, surge a concepção de que a realidade é uma construção social e o conhecimento se torna uma construção do sujeito associada a sociedade, promovendo então, uma psicossociologia do conhecimento, conjugando os dispositivos subjetivos e cognitivos.

Entende-se que a Teoria das Representações Sociais surge com a finalidade de superar outras epistemologias existentes (ARRUDA, 2002). Sua consolidação ocorreu na medida em que Moscovici buscou entender os fenômenos que fugiam dos cânones da Psicologia, considerando e convergindo sobre elementos das representações coletivas de Durkheim, a qual propiciou o início do caminho da teoria.

As representações coletivas em Durkheim apresentavam razoável estabilidade e um relativo estancamento no tocante às representações individuais, configurando-se em algo semelhante ao *group mind*, como diria Moscovici. Consistiam em um grande guarda-chuva que abrigava crenças, mitos, imagens, e também o idioma, o direito, a religião, as tradições (ARRUDA, 2002, p. 134).

A autora salienta que a Teoria de Moscovici reconhece o pensamento coletivo, mas se distingue da teoria durkheimiana, no que se refere a imobilidade dos pensamentos, evidenciando que não há estabilidade, pelo contrário, as representações estão sempre em movimento e mutabilidade.

Tal perspectiva permite a aplicação da teoria em fenômenos emergentes, o que no caso, podemos utilizá-la para compreender a Gordofobia. Assim, por meio das Representações Sociais é possível analisar as diferentes configurações corporais, inclusive a aversão ao corpo gordo.

1.2 Influência de Durkheim para a construção da teoria das representações sociais

Embora tenha se constituído como teoria no campo da Psicologia em uma vertente estruturalista, a Teoria das Representações Sociais tem sua origem vinculada a sociologia de Durkheim (ARRUDA, 2002). Numa perspectiva psicossocial, serviu de base para diversas áreas do conhecimento como na área da saúde, educação, escola entre outras.

Por esse viés, Alves-Mazzotti (1994) salienta que o conceito de representação coletiva durkheimiana compreendia as classes genéricas dos fenômenos psíquicos e sociais, ideologias, mitos e as diversidades de formas de organização dos pensamentos, não sendo necessária a busca da origem das causas da problemática, atrelando a uma representação estática dos fenômenos, fato esse que a torna distante ao analisar os acontecimentos atuais.

Além disso, a concepção de representação coletiva era bastante estática – o que correspondia à permanência dos fenômenos em cujo estudo se baseou – e, portanto, não adequada ao estudo das sociedades contemporâneas, que se caracterizam pela multiplicidade de sistemas políticos, religiosos, filosóficos e artísticos e pela rapidez da circulação das representações (ALVES-MAZZOTTI, 1994, p. 62).

Serge Moscovici também buscou por meio das representações sociais, contrapor a ideia de representações estanques, e investigar exatamente as particularidades numa concepção psicossocial de forma dinâmica, enfatizando as relações entre o indivíduo e a sociedade, rompendo com os paradigmas da Psicologia Social da época.

Nascida com Durkheim nos primórdios da constituição da Sociologia como ciência, como Representação Coletivas, a noção foi re-trabalhada, re-visitada e sistematizada pela Psicologia Social, mais precisamente por Moscovici que também foi responsável por seu re-batismo como Representações Sociais (PORTO, 2006, p. 252).

De modo geral, Porto (2006) sublinha que as inclinações levantadas por Durkheim, possibilitou a Moscovici buscar caminhos que convergem ao conceito de representações sociais das ciências da época, dos mitos e da ideologia. Enfatiza os conceitos da natureza psicológica, pontos de vista, comportamentos, imagens e configurações.

Vale ressaltar que as representações, para Moscovici, não são apenas concepções de comportamentos e imagens, mas teoria coletiva sobre a realidade (SPINK, 1993). As representações apresentam um sistema lógico, uma organização estrutural pautada em valores, com uma linguagem particular que estipula a comunicação das ideias compartilhadas pelos grupos, fazendo com que os sujeitos ajam de forma condizente ao desejo grupal.

Segundo Alves-Mazzotti (1994), Moscovici relaciona as representações sociais como opiniões que predetermina a ação, norteiam o comportamento dos indivíduos e restabelece os elementos do círculo em que está inserido, incorporando relações que se vinculam ao objeto. Admite-se que indivíduo e sociedade se constituam em uma relação de dependência, seja por tensões, de forma contraditória em algumas situações ou harmônica em outras. Considera-se que o indivíduo não é apenas suporte de estruturas, mas sim atuante (mesmo que de forma limitada) e um portador de escolhas e decisões (PORTO, 2006).

De acordo com Porto (2006), os aspectos de concordância para Moscovici, referente a Durkheim, é que as representações coletivas são conceitos comuns ao grupo. Equivale aos modos em que os sujeitos e comunidade se tornam singulares, mesmo os hábitos mais frequentes e simples são produtos da experiência em sociedade.

As representações, as emoções, as tendências coletivas não têm por causas geradoras certos estados da consciência dos indivíduos, mas sim as condições em que se encontra o corpo social em conjunto. Certamente, estas só podem se realizar se as naturezas individuais não forem refratárias a elas: mas as naturezas individuais são apenas a matéria indeterminada que o fator social determina e transforma (DURKHEIM, 2009, p. 82).

Para Durkheim, as representações coletivas são homogêneas, isso é, um pensamento geral para todos os grupos, fato esse que Moscovici acredita ser uma barreira para pesquisar as frações, as pluralidades de valores que a sociedade contemporânea contempla. Contudo, Moscovici concorda com Durkheim na explicação de que “os fenômenos e pessoas com que nós lidamos no dia a dia não são, geralmente, um material bruto, mas são produtos, ou corporificações, de uma coletividade, de uma instituição, etc.” (MOSCOVICI, 2011, p. 90).

Os fenômenos não se referem a algo novo e recente, mas referem-se a algo reconstruído, isso é, as realidades construídas por gerações passadas, são reproduzidas pelas novas gerações, no entanto, podem sofrer alterações ao longo do caminho. Essa transmissão da realidade pode

ser entendida em Durkheim (2009) como “correntes sociais”, porém afirma que esse fato se trata de práticas constituídas, cristalizadas, fatos sociais em uma organização definida. As correntes sociais ocorrem contra a vontade dos indivíduos, de maneira coerciva, sem que as perceba como pressão.

De forma antagônica, Moscovici (2011) contesta esse automatismo dos indivíduos perante as imposições, por compreender que suas escolhas são individuais, mesmo que limitadas e que a coerção serve de influência nas decisões individuais, indo sempre ao encontro dos interesses do grupo.

Compreende-se que as representações são concebidas por elementos estáveis, mentais e cognitivos, de caráter social, apresentando aspectos mutáveis, vulneráveis de caráter individual. O indivíduo, ao mesmo tempo que é submetido a uma ideologia social, a qual é absorvida e objetivada, é também livre para elaborar conceitos singulares (AMARAL; ALVES, 2013).

De modo geral Moscovici concorda com as características das representações coletivas de Durkheim e a considera o ponto de partida para suas pesquisas. Destaca ainda a importância das representações sociais para a percepção das concepções dos grupos no tocante da exclusividade de um contexto específico.

1.3 Concepções gerais das representações sociais

O principal fundamento das Representações Sociais refere-se a relações sociais, em como os indivíduos lidam com a interação em grupo, seu comportamento, sentimentos e em como atribui valores a um determinado assunto. Concomitantemente, a teoria sinaliza que a ciência não precisa ser álgida e pragmática, mas que pode estar relacionada a afetividade e relações de interesses (SÁ; ARRUDA, 2000).

A teoria afirma que a natureza individual não é desagregada a psicologia social, e que os aspectos culturais e históricos são imprescindíveis para a compreensão dos fenômenos sociais. Conforme Santos (2005), a teoria busca romper com ideologias da corrente behaviorista, que defendiam a inferioridade deste saber popular perante a ciência, devido a sua lógica informal.

As representações sociais, sendo definidas como formas de conhecimento prático, inserem-se mais especificamente entre as correntes que estudam o conhecimento do senso comum. Tal privilégio já pressupõe uma ruptura com as vertentes clássicas das teorias do conhecimento, uma vez que estas abordam o conhecimento como saber formalizado, isto é, focalizam o saber que já transpôs o limiar epistemológico, sendo constituídas por conjuntos de enunciados que definem normas de verificação e coerência (SPINK, 1993, p. 302).

Sob essa ótica, Moscovici entende o sujeito como construtor da realidade social ao mesmo tempo que é construído e ativo ao processo de apropriação da realidade objetiva, superando a ideologia de ser apenas um receptor de informações externas (SANTOS, 2005). Os saberes populares são conhecimentos constituídos pela experiência, o qual fundamentam a relação do homem com o mundo.

Jodelet (2001) justifica a aplicação da teoria no sentido de reconhecer que vivemos em um mundo de objetos, de ideias, que existem acontecimentos e que pessoas se relacionam. As representações sociais circulam nos discursos por meio das palavras, em forma de mensagens, o que propicia a partilha desse universo com outras pessoas.

Nesse contexto, Moscovici defende a ideia de analisar a realidade que especifica os grupos, considerando a existência de pluralidade de realidade, do mesmo modo em que cada cultura ou grupo social possuem um pensamento ou crenças em comum que os fazem singulares, tornando as representações sociais relativas e mutáveis. (MOSCOVICI, 2011).

A respectiva teoria como abordagem epistêmica, possui o intuito de analisar o ser humano a partir de suas percepções de mundo, de maneira coletiva, em meio das suas relações sociais, pois o indivíduo, “deixa de ser indivíduo desde o momento em que se filia, se submete às pressões sociais e se torna um executor de papéis” (MOSCOVICI, 2011, p. 156). O indivíduo não é visto de maneira isolada, mas sim quaisquer que sejam suas concepções e opiniões, serão advindas de representações do grupo ao qual pertence.

A Teoria das Representações Sociais tem por finalidade analisar a subjetividade atrelada a objetividade, ao indivíduo e ao coletivo simultaneamente, de outra forma não seria possível uma análise coerente. Assim, “recuperamos, juntamente com o interesse teórico-metodológico de um instrumento de saber, o lugar dos sentimentos e das relações humanas na construção do conhecimento” (SÁ; ARRUDA, p. 16).

Compreende-se então que, no tocante as Representações Sociais, além de apresentar reflexões e produções científicas, manifesta também troca de saberes. A referida teoria propicia entender como o indivíduo assimila um determinado fenômeno e como esse fenômeno se reproduz e se torna parte real de suas vidas, “em outras palavras, nós percebemos o mundo tal como é e todas as nossas percepções, ideias e atribuições são respostas e estímulos do ambiente físico ou quase físico, em que vivemos” (MOSCOVICI, 2011, p. 30).

Tal perspectiva indica que a sociedade é constituída por grupos, os quais compartilham uma visão de mundo de maneira peculiar, em que também concebem ideologias e as absorve

como verdades de forma consciente e inconsciente, formando as opiniões de seus componentes. Por este caminho, Amaral e Alves (2013) explicam que:

Sabemos que cada grupo social elabora e/ou assimila ideias, crenças e imagens acerca do mundo, da realidade, em função do lugar que ocupa na sociedade, sendo que esse “lugar” é assumido de acordo com interesses específicos e, também, às vezes de modo inconsciente, no decorrer da dinamicidade da vida (AMARAL; ALVES, 2013, p. 30).

Torna-se explícito que as definições individuais partem de uma concepção coletiva e assim as representações sociais acontecem em um processo de relação entre pensamento, linguagem e sociedade, em que os sujeitos e os grupos se movem em função das representações, em que toda realidade é representada. Diante desta perspectiva, Moscovici (2011) aponta aspectos que são os pontos principais da Teoria das Representações Sociais, isso é, categorias que permitem vislumbrar as especificidades dos fenômenos. Ele faz menção a ancoragem e objetivação como processos que produzem as representações sociais e apresenta a comunicação social como elemento determinante para propagar o pensamento coletivo.

No que se refere à ancoragem, o referido autor a caracteriza como ideias desconhecidas, estranhas, reduzidas em categorias e imagem comum, que se transfere ao contexto familiar. Já no processo de objetivação, qualifica-se em converter uma ideia abstrata em algo concreto, isso é, remeter algo mental para o mundo físico, pois “Esses mecanismos transformam o não familiar em familiar, primeiramente transferindo-o a nossa própria esfera particular, onde nós somos capazes de compará-lo; e depois reproduzindo-o entre as coisas que nós podemos ver e tocar, e consequentemente, controlar” (MOSCOVICI, 2011, p. 61).

A ancoragem é considerada um processo que altera algo estranho, incômodo e inquietante em aspecto familiar, isso é, quando defrontamos com um assunto desconhecido, automaticamente comparamos ao que já temos em mente, ou imaginamos ser apropriado e o transformamos em um elemento comum. Pode-se afirmar que, “no momento em que determinado objeto ou ideia é comparado ao paradigma de uma categoria, adquire características dessa categoria e é reajustado para que se enquadre nela” (MOSCOVICI, 2011, p. 61).

O ato de ancorar significa classificar e nomear, atribuir uma caracterização. Com isso, é possível conciliar um objeto ou pessoa a uma categoria, possibilitando uma interpretação, outorgando-lhes representações. Esse mecanismo compreende, portanto, o momento em que se consegue dialogar sobre algo, tornando-se agora capaz de representá-lo. Neste processo, não há neutralidade, ou seja, cada valor atribuído a uma pessoa ou objeto, deve-se abranger um valor negativo ou positivo, assumindo um lugar hierárquico, a partir das concepções existentes.

Para Moscovici (2000), os processos de codificar, denotar e rotular é um procedimento fulcral na psicologia social. O ato de classificar algo, corresponde a relacionar e estabelecer os significados por meio de categorias que permitem distinguir determinados aspectos. A partir do momento que o significado é aceito a tal ponto de ser considerado uma realidade, ocorre então a apropriação do conceito, o que pode ser explicada pelo mecanismo da objetivação, ou seja, exteriorizar o pensamento, tornando-o em algo concreto.

Percebemos então que os valores e sentidos atribuídos a um determinado objeto, no caso a aversão contra pessoas gordas, sejam uma ideologia construída, uma verdade imposta, produto de uma construção material, cultural e social vigorada na sociedade contemporânea. Portanto, “ao se estudar uma representação, nós devemos sempre tentar descobrir a característica não familiar que a motivou, que esta absorveu” (MOSCOVICI, 2011, p. 59).

Tal perspectiva também ilustra as concepções distintas designadas aos objetos, de acordo com a cultura em que o sujeito está inserido, visto que a objetivação significa a materialização de um conceito em imagens, de um grupo específico “um mecanismo de concretização simbólica da realidade das RS” (FONSECA; OLIVEIRA, 2013, p. 38). Gomes (2008) ainda afirma que:

O homem, pela sua constituição biológica, é compelido a se exteriorizar e o faz coletivamente na atividade social comum e assim produz um mundo humano. A objetivação implica a produção de um mundo real externo aos indivíduos que o habitam. Já a interiorização implica que esse mundo social terá *status* de realidade no âmbito da consciência do indivíduo (GOMES, 2008, p. 33).

Para a efetivação da objetivação, a língua e a linguagem possuem um papel fundamental pois permitem a captação simbólica por meio da imagem, gerando significados. Este mecanismo permite armazenar as características ao ponto de não ser necessária a presença do objeto para que o sujeito o reconheça.

[...] é impossível classificar sem, ao mesmo tempo, dar nomes. Na verdade, essas são duas atividades distintas. Em nossa sociedade, nomear, colocar um nome em alguma coisa ou em alguém, possui um significado muito especial, quase solene. Ao nomear algo, nós o libertamos de um anonimato perturbador, para dotá-lo de uma genealogia e para incluí-lo em um complexo de palavras específicas, para localizá-lo, de fato, na matriz de identidade de nossa cultura (MOSCOVICI, 2011, p. 66).

Quando objetivamos um determinado fenômeno, concretizamos seu significado em um plano real, tornando-o em uma concepção objetiva, a qual compartilhamos e reproduzimos por meio da comunicação. Este mecanismo, permite discorrer sobre a face figurativa e face simbólica, uma vez que toda representação possui uma ideia ou imagem compatível.

Nós sabemos que: representação = imagem/significação; em outras palavras, a representação iguala toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem. [...] Os mecanismos mentais que são mobilizados nesse exemplo e que constroem essa figura em nosso universo e lhe dão um significado, uma interpretação obviamente diferem dos mecanismos cuja função é isolar uma percepção precisa de uma pessoa ou de uma coisa e de criar um sistema de conceitos que a expliquem (MOSCOVICI, 2011, p. 46).

O autor também aponta a comunicação social como aspecto primordial na formação de conceitos, significados e objetividade. Do mesmo modo, possui relações com a língua e a linguagem, tendo a mídia como forte aliada na construção da representação social (SANTOS, 2005), propiciando a internalização, a apropriação e caracterização de um objeto.

A própria linguagem, quando ela carrega representações, localiza-se a meio caminho entre o que é chamado de linguagem de observação e a linguagem da lógica; a primeira expressando puros fatos – se tais fatos existem – e a segunda, expressando símbolos abstratos. Este é, talvez, um dos mais marcantes fenômenos de nosso tempo – a união da linguagem e da representação (MOSCOVICI, 2011, p. 46).

Por conseguinte, “através da comunicação, as pessoas e os grupos concedem uma realidade física a ideias e imagens, a sistemas de classificação e fornecimento de nomes” (MOSCOVICI, 2011, p. 90), evidenciando que a comunicação é imprescindível para que as representações sociais subsistam.

Para Moscovici (2011), as representações sociais são normativas transferidas pela comunicação que trazem imposições arbitrárias aos indivíduos, ocorridas anteriormente aos exercícios de falar, agir, pensar, por meio de práticas culturais, as quais estabelecem pensamentos e ações, designando papéis sociais. Em síntese, o que é realidade para o sujeito, na verdade, corresponde a determinações instituídas pelo que a sociedade defende como realidade.

As representações não são pensadas pelos indivíduos isoladamente, mas sim pelo coletivo. Elas são repensadas e absorvidas, correspondendo sempre aos interesses sociais. As representações correspondem a pensamentos compartilhados, internalizados e influenciam na formação de conceito de cada indivíduo.

Nesse sentido, é possível entrever as ações e definições abstraídas pelos sujeitos sobre gordofobia e valorização do corpo magro a partir do ambiente em que está inserido, porque são consideradas as características do contexto em que o sujeito é orientado a reagir de uma maneira específica e o preconceito refere-se a uma construção social, um pensamento coletivo que atribui concepções negativas a pessoa gorda.

Ao se estabelecer relações de tais mecanismos ao estudo da gordofobia, pode-se pensar que o fato de denotar o corpo gordo, atribuindo-lhe um predicado negativo, representa ancorar interiormente rejeições a ele, por ser imposto socialmente que o corpo ideal é somente o magro. Portanto, essas assimilações não são mais um elemento estranho, mas agora, uma verdade objetivada e reproduzida socialmente.

Ao especificar as características das pesquisas em Representações Sociais, é importante ressaltar que as questões culturais, sociais e históricas são essenciais para orientar as análises em busca de perceber como as representações se originam e se mantêm perante as relações entre grupos sociais. De modo geral, as representações relacionam os indivíduos e as questões estruturais da sociedade, envolvidas aos níveis cognitivos e linguísticos, particular de cada grupo social.

Representações sociais, como teorias científicas, religiões, ou mitologias, são representações de alguma coisa ou de alguém. Elas têm um conteúdo específico – implicando, esse específico, além do mais, que ele difere de uma esfera ou de uma sociedade para outra. No entanto, estes processos são significantes, somente na medida que eles revelam o nascimento de tal conteúdo e suas variações (MOSCOVICI, 2011, p. 106).

De acordo com Schulze e Camargo (2000), os estudos em Representações Sociais, buscam enfatizar tanto o contexto do tema, quanto as diversas contemplações que classificam os grupos sociais, as quais são de extrema importância para desvendar suas representações. As representações sociais podem ser consideradas como formas de construir um objeto a partir da interação social.

Como conceito, as representações se relacionam com atividades discursivas e expressas, isso é, a ação e fala são integralmente partes das representações sociais. A partir dos estudos de Jodelet, entende-se que os significados propagados pela fala, e as ações ocorridas a partir das interpretações desses significados, são fundamentais para compreender os fenômenos, visto que: “A observação das representações sociais é, de fato, facilitada em muitas ocasiões. Elas circulam nos discursos, são carregadas pelas palavras, veiculadas nas mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas nas condutas e agenciamentos materiais ou espaciais” (JODELET, 2001, p. 1).

Desse modo, entendemos que em qualquer atividade realizada, seja ela expressada pela linguagem ou ação concreta, pode ser percebida a influência das representações que estão arraigadas nos pensamentos e práticas dos sujeitos. E ao analisar essas representações, concomitantemente, analisaremos as características das relações sociais entre indivíduos e os grupos sociais.

Pelo viés estruturalista, Moscovici (2011, p. 35) menciona que “nós pensamos através de uma linguagem; nós organizamos nossos pensamentos de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações como por nossa cultura”. Compreende-se que o indivíduo está submerso em mundo já construído e estruturado, mas que sofre modificações ao longo do tempo devido a própria atuação humana. As representações e os significados sobre um determinado assunto podem ter diversas configurações, dependendo dos valores atribuídos pela cultura, isto é, apreensões e práticas comuns que a comunidade expressa, vivem, pensam e produzem sentido.

Tais perspectivas demonstram a possibilidade de compreender a sociedade e as ações dos indivíduos a partir das representações e estruturas sociais, especificamente as ações gordofóbicas, tendo em vista que essas representações fazem parte da construção social em um determinado momento histórico e contexto social, as quais possuem influência nas relações entre indivíduo e sociedade.

2. GORDOFOBIA COMO DISCRIMINAÇÃO BASEADA NO PESO, NA IMAGEM CORPORAL E GÊNERO

Este capítulo apresenta as definições do fenômeno gordofobia como preconceito, sua constituição e legitimação no decorrer da história da humanidade, as percepções da imagem corporal e diferentes conotações corporais ao longo tempo, além de explicar os aspectos culturais, a disseminação do preconceito por meio da mídia e sua correlação com as desigualdades de gênero. Vale ressaltar que a padronização que se subscreve hoje, está voltada ao idealismo de magreza, em que cada vez mais percebe-se a exigência de adquirir um corpo delineado e belo, no caso, o corpo magro.

2.1 Contextualizando a gordofobia

Para entendermos as concepções que são estipuladas socialmente e que produzem aversão ao corpo gordo, devemos compreender dentre outros aspectos, “os processos históricos e culturais que possibilitaram que determinadas características se tomassem tão especiais; sobre os processos que permitiram, finalmente, que certas características passassem a ‘valer mais que outras’” (LOURO, 2000, p. 62).

Quanto a isso, Stenzel e Guareshi (2002) relacionam essas produções como roupagens, valores passados reproduzidos, o que é correlatado ao corpo magro e que pode ser entendido como mecanismo de dominação e manipulação. Nesse caso, “a magreza é entendida como um veículo, um passaporte, uma garantia de ascensão social; garantia essa fantasiosa e falsa” (STENZEL; GUARESHI, 2002, p. 192).

Nos últimos anos, corpo gordo vem sendo assolado drasticamente pelos discursos gordofóbicos que mancham a imagem da pessoa considerada gorda. A ideologia de corpo perfeito que impera e se constitui nos pensamentos dos indivíduos corresponde a representações sociais voltadas a estéticas disfarçadas como preocupações com a saúde.

É preciso acrescentar que a noção de comedimento se impõe como um mandamento da saúde, pautado por um padrão rígido de boa forma do corpo. Deriva destas representações que as práticas de saúde estão atravessadas por representações estéticas do corpo, ancoradas nos valores dominantes já mencionados [...] podemos apontar que consumismo, o sucesso, o status associado a um “corpo saudável” e em forma, entre a classe média, são valores dominantes (SUDO; LUZ, 2007, p. 1038).

Podemos notar que a gordofobia se caracteriza por discriminações que oprime o corpo gordo na sociedade por meio de representações, as quais institui a padronização dos corpos, ou seja, a imposição de que se deve buscar o corpo magro a qualquer custo.

O fato de uma pessoa não estar dentro do padrão de beleza exigido pela sociedade, pode leva-la à discriminações por sua aparência corporal como repúdio, ridicularização, desprezo e olhares críticos. Tais problemas referem-se a um tipo de estigma que aflige pessoas consideradas acima do peso, como aponta Melo, Farias e Kovacs (2017).

Atualmente, os indivíduos estão numa busca incansável da construção do corpo magro, isto é, “o ato de emagrecer é uma perseguição que cada vez mais se acentua nesta virada de século e atrai mais adeptos sobrepondo as distintas categorias de classe, etnia, gênero e geração” (SANTOS, 2008, p. 31). A conduta de emagrecimento não se atém apenas aos obesos, tornou-se uma prioridade universal, portanto, a magreza é uma referência de vida.

A fim de explicar essa coerção social referente ao modelo estabelecido socialmente, o qual prestigia o corpo magro, é correntemente utilizada a termologia gordofobia para delinear as derivadas formas de discriminação contra o corpo gordo, determinando o controle corporal. Segundo Santos (2008), as contenções voltadas ao corpo remetem opressões exteriores, concomitantemente, a auto reprovação, culpa de suas condições e autoexclusão, restando apenas uma saída, o emagrecimento.

Embora não seja de interesse específico desse trabalho, delinear as condições espaciais sobre a obesidade, não podemos descartar que é esse o público que mais está exposto a gordofobia, uma vez que esta possui o significado social como sinônimo de doença física. Conforme Secchi, Camargo e Bertolo (2009), quanto maior a massa corporal, maior é o preconceito vivido pelo sujeito. E ao contemplar a gordura como estigma de feiura, leva a sociedade ao repúdio do corpo gordo, fazendo com que este público seja alvo de exclusão social, justificado pelo peso.

De acordo com Santos (2008), as primeiras preocupações com o emagrecimento por dietas alimentares surgiram em 1864 por meio da publicação de William Banting, mas é no século XX que as restrições alimentares são legitimadas a fim de promover a longevidade. O corpo enquanto “máquina” é sujeitado (além da manutenção provida de alimentos), a queima de gorduras e calorias, dando início então, a uniformização e disciplinarização dos corpos.

Também Giddens (2002) enfatiza que o regime alimentar representa autocontrole e disciplina, tendo relevância na identidade e domínio de si. Os regimes, portanto, são práticas sociais apreendidas que estabelecem controle das necessidades orgânicas, pois modular o corpo torna-se um fato, uma obrigação, um procedimento legitimado e central na vida contemporânea

sob pressão médica e estética. Tal expectativa cria uma ideia de realização pessoal, pois pertencer ao padrão corporal estabelecido “é abrir as portas para vários outros aspectos da vida: estando bem consigo mesmo, estará bem com os outros, com os amigos e com a profissão, enfim com o mundo” (SANTOS, 2008, p. 32).

Diante de comportamentos preconceituosos, implica então a necessidade de destacar que o respectivo modelo corporal aclamado não simboliza a realidade dos brasileiros, porque a população brasileira é composta em sua maioria por pessoas consideradas pela medicina, acima do peso (ARAÚJO et. al., 2018).

Vale ressaltar que as prescrições que definem a padronização dos corpos são disseminadas mundialmente sem restrições ou limitações geográficas por meio da mídia. Santos (2008) enfatiza que as publicidades que incitam a busca do corpo perfeito, no caso o magro, rompem barreiras culturais e influenciam a construção de condutas sociais convenientes a essa expectativa. Observa-se também que a obsessão em massa de evitar desesperadamente o corpo gordo está pautado no binômio magreza/saúde, o qual se ancora nas afirmações da medicina e inclina-se a coagir os indivíduos gordos a se modelarem. Tal fato ocorre porque o “[...] discurso da obesidade como conjuntura pandêmica tem impelido as pessoas ao controle rigoroso dos seus corpos” (ARAÚJO et. al., 2018, p. 3) e as representações sobre corpo gordo relacionadas a falta de saúde.

Em suas descobertas, Stenzel e Guareshi (2002) sinalizam que as pessoas gordas são tratadas de forma diferenciada por serem vistas como doentes. Segundo a perspectiva das representações sociais, Jodelet (1989) analisa que a sociedade possui uma postura discriminatória e divergente em relação as pessoas doentes, indeferindo-as e separando-as de forma dissimulada.

Para Campos et. al. (2016), as imposições que implicam o emagrecimento a qualquer custo reforçam estigmas que tornam mais grave a situação, além de serem muito mais maléficas a saúde do que a própria gordura, porque a “obesidade e excesso de peso assumem sentidos que se misturam e se confundem nos vocabulários da saúde e da estética” (CAMPOS et. al., 2016, p. 631).

De forma similar, Rangel (2018) analisa o discurso que governa as ações preconceituosas e afirma que tal discurso está relacionado a ilusória preocupação com a saúde. Mas o corpo gordo não é um aspecto determinante em relação a doenças, “[...] uma vez que vários sinais corporais, como emagrecimento, podem indicar doença e, no entanto, os corpos escolhidos para serem super vigiados são os corpos gordos” (RANGEL, 2018, p. 25), ou seja,

existe um discurso pautado no binômio saúde/magreza que nem sempre se efetiva, mas o maior interesse social persiste em extinguir o corpo gordo.

Nota-se então que tudo que não está em conformidade com as determinações sociais gera discriminação e exclusão social e “[...] isso pode ser percebido no que diz respeito a negros, índios, mulheres, portadores de necessidades especiais etc.” (VALIM, 2017, p. 26). No caso em discussão, a valorização exacerbada do corpo magro amplia o olhar negativo à pessoa gorda, sobrepondo-a um excerto de inferioridade e automaticamente o indivíduo é sujeitado a gordofobia.

A terminologia gordofobia é empregada, a primórdio, pelo movimento feminista que se manifestou entre os séculos XIX e XX, com mais evidência no ano de 1960, com a intenção de reivindicar os direitos das mulheres. O movimento feminista se preocupava com o fato de as mulheres serem libertas de exigências sociais em relação ao próprio corpo e concomitantemente alertava para as questões de desigualdade de gêneros existentes nesse período (PEREIRA; OLIVEIRA, 2016). Em tese, a gordofobia refere-se à discriminação geradora de exclusão social, segundo Sampaio (2018), devido ao peso do indivíduo.

Das diversas facetas preconceituosas que encontramos em nossa sociedade, temos a gordofobia, configurada na aversão ou repulsa ao corpo gordo, que causa um sentimento de raiva e necessidade de afastamento do indivíduo gordo, ou, como no caso das piadas, atravessada pelo discurso debochado, por conseguinte, humilhante (SAMPAIO, 2018, p. 18).

É importante ponderar que as concepções de enaltecimento da magreza são características da sociedade ocidental (RANGEL, 2018), em que o corpo humano em sua constituição física e biológica fazem parte de um mecanismo estritamente social devido a simbologia que lhe é atribuída e a forma como o indivíduo se situa, age e interage no meio em que vive. Outro aspecto a considerar é que:

O processo de aversão à configuração corpórea volumosa (leia-se, preconceito/discriminação baseados no peso) desdobra de uma realidade social maior, pautada em conjunturas e ideologias específicas, refletindo atitudes, crenças e valores do tecido social num dado contexto histórico. Portanto, por estar situado na interface individual versus social, o corpo afeta e é afetado pelo movimento das sociedades cambiantes. Por tal razão, isto é, por compor um importante objeto social, a visão sobre o corpo (gordo) ganha centralidade e a sua análise pode revelar muito da história e das relações de uma dada sociedade (ARAÚJO et al., 2018, p. 3).

A gordofobia se inscreve como uma discriminação pautada no peso, ou melhor, no suposto excesso dele, interligada estritamente no contexto social e nas relações sociais. Então,

o corpo aqui, se torna um mecanismo de controle social, recebendo constante inspeção quanto a sua aparência.

2.2 Corpo e imagem corporal

O corpo humano posicionado no dinamismo social, sempre apresentará condições variáveis de sentidos e representações, pois, por meio dele é possível estabelecer a interação social do sujeito num determinado ambiente, além de possibilitar uma leitura cultural de um determinado grupo. O corpo vai muito além de uma mera ocupação do espaço, pois promove interpretações dos papéis sociais, da cultura, da subjetividade e do modo em que cada sociedade se organiza.

O corpo informa e se comunica por diferentes meios, seja pelo vestuário, por seu formato anatômico (curvas, volumes, estatura etc.) e por padrões estéticos. Ele está sujeito a regimes de olhar e de dizer da sociedade que criam condições de possibilidade para a sua própria existência e aos modos de atuação social, cultural, estética e política; com isso, reserva-lhe condições de existência para ocupar certas posições e não outras (VALIM, 2017, p. 25).

Na visão da Teoria das Representações Sociais, o corpo vincula as experiências individuais com as imagens difundidas socialmente, as quais são objetivadas e corroboram ao mesmo tempo, na produção de mais representações. Nessa perspectiva, Jodelet (1984) se ateve em analisar as representações sociais sobre o corpo, coletando amostras em períodos distintos.

Na primeira amostra, em 1960, observou-se que o corpo estava em meio ao duelo corpo/mente, referente às funções físicas, morais e sexuais, interligado a sua estrutura biológica. Na segunda amostra, em 1975, com diferença de 15 anos da primeira, o corpo é entendido como elemento social relacionado também ao psiquismo humano englobando as experiências nas relações sociais. Tais resultados indicam que as representações não são estáticas e as concepções acerca do corpo se transforma conforme o contexto social de cada época.

Nas mediações da mutação das representações sociais, Moscovici (2000) sinaliza que nada é totalmente novo, mas são representações modificadas ao longo do tempo que estão sempre em movimento.

Conforme Louro (2000), os conceitos referentes ao corpo são impermanentes e suas necessidades se alteram com o passar do tempo, tendo em vista que os indivíduos investem ao corpo de maneira intensificada, para adequá-lo aos critérios de seu contexto social. O corpo então está literalmente entrelaçado a forma com que os sujeitos percebem o mundo. Ele transporta a memória da existência humana e em cada memória existe uma história de ligação

com o mundo exterior (TAVARES, 2003). O corpo se transcreve ao modo de percepção individual e pessoal, concomitantemente, ao que se revela aos outros.

Para Giddens (2002), a partir da consciência das propriedades corporais, o ser humano explora e apreende características do mundo em sua volta e assim o corpo não se limita a uma matéria ou simples objeto, mas sim, um instrumento que promove experiências práticas exteriores e interiores. O ato de controlar o corpo torna-se um fator que é imposto pela humanidade.

Como objeto de pesquisa, o corpo está distante de obter resultados conclusivos, porque a dinâmica do mundo social o transfigura e lhe submete a diversas interpretações (MAROUN, VIEIRA, 2008). Mesmo que haja vários estudos sobre o assunto em distintas áreas do conhecimento, devido ao processo de construção corporal, lacunas referentes ao corpo ainda não foram preenchidas, principalmente no que remete ao seu significado e representação corporal. Como aponta Santos (2008), o significado do corpo é descrito a partir de vocábulos construídos por meio de modelos imaginários e ao citar aspectos corporais, notavelmente pode-se compreender a ligação com a interpretação que cada indivíduo possui de corpo.

No que tange à interpretação do que significa o corpo para os entrevistados, uma forte metáfora utilizada, sobretudo no discurso masculino, foi o corpo enquanto “máquina”. Uma máquina “que temos disponível para atuar”, perfeita e ordenada na qual tudo tem sua função e razão de ser. Uma máquina que exige cuidado, uma “boa manutenção”, caso contrário, “o motor bate mais cedo” ou então fica “à deriva” (SANTOS, 2008, p. 88).

O corpo é entendido como um instrumento que deve ser manejado e monitorado para se ter maior utilidade, em que o indivíduo possui completo controle sobre ele, uma vez que “o corpo exige manutenção e cuidados para garantir o seu bom funcionamento e sua longevidade” (SANTOS, 2008, p. 89). Percebemos então o sentido do corpo entrelaçado as concepções advindas da Revolução Industrial, tornando-o em ferramenta de produção, e se o corpo máquina vir a ser danificado (no caso de doenças), automaticamente a culpa cai sobre o próprio indivíduo por não o administrar corretamente. Mas tal ideologia está em transformação, isto é, na pós-modernidade, novos significados surgem acerca do corpo, configurando-o como corpo-informação. Essa denominação surge a partir da evolução tecnológica, a qual influencia novas imagens e simbologias para a figura do corpo.

No campo do saber, o corpo também proporcionou várias descobertas científicas em relação a anatomia e contribuiu e ou contribui para realizações pessoais e amorosas, como instrumento de sedução (SANTOS, 2008). O corpo então se constitui em aparência, uma embalagem, trazendo evidências da personalidade e essência do indivíduo.

Neste sentido, Secchi, Camargo e Bertolo (2009) consideram que o corpo, no contexto das representações, está relacionado à beleza e à aparência física. O corpo aqui tem o sentido de poder nas relações interpessoais, um transmissor da subjetividade e da personalidade e veículo de aceitação social. Segundo Valim (2017), na história da organização da sociedade, é visível as diferentes configurações relativas aos valores dados ao corpo e na atualidade, é perceptível o sentido arquétipo, promovido pelo enaltecimento da magreza como símbolo de beleza, principalmente ao que concerne o corpo feminino.

Para Santos (2008), as preocupações de modo geral podem ser vistas como culto ao corpo, em que este, se tornou peça essencial para o homem, principalmente em relação a estética. O corpo em um sentido físico e material, retrata sensações, agilidade, flexibilidade e sinônimo de existência humana pois o corpo é considerado o centro da vida dos indivíduos, capaz de proporcionar bem-estar, prazeres e conquistas materiais.

As formas corporais certamente são as responsáveis em traduzir a materialidade da dimensão do corpo, tornando-se a condição humana e a condição corporal unificadas e constituindo a presença e existência do homem no mundo. De acordo com Santos (2008), ao modificar as formas corporais, concomitantemente, muda-se o referencial identitário do ser humano perante o social porque o corpo carrega consigo designações biológicas e físicas que determinam as particularidades que trazem traços sociais de identidade que geram classificações e divisões sociais.

Tal referência está submersa em um cenário no qual se encontram diferentes modalidades corporais: o corpo obeso, desnutrido, anorético e magro, musculoso, deformado, esculturado. Confronta-se também com os corpos femininos e os corpos masculinos, corpos negros e corpos brancos, corpos pobres e corpos ricos, jovens, adultos e envelhecidos, baixos e altos, dentre outras subdivisões (SANTOS, 2008, p. 30).

Por meio das formas corporais, é possível distinguir o estilo de vida que o indivíduo leva, representando os aspectos de sua essência e identidade. O corpo refere-se ao *marketing* do sujeito, em que sua aparência revela quem é, qual atividade desempenha e qual sua posição social. É nesse cenário que a pessoa gorda é vista fora de conformidade ao contexto atual, tomando “contornos de uma espécie de monstro moderno, uma deformidade física (e também moral), não sendo mais tolerado socialmente” (SANTOS, 2008, p. 30).

Nessa linha de raciocínio, Maroun e Vieira (2008) reportam que o corpo é capaz de perfazer sentidos contínuos e é ativo no campo cultural e social. A partir do corpo, é constituída a relação entre o sujeito e o mundo, estando perceptíveis os aspectos como, “expressão de sentimentos, cerimoniais de ritos e de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da

aparência, jogos sutis de sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor e com sofrimento” (MAROUN; VIEIRA, 2008, p. 172).

Conforme Louro (2000), historicamente, os indivíduos só tiveram conhecimento de seu corpo, quando houve a aplicação de disciplina sobre ele, havendo então a percepção sobre o mesmo. Na medida em que o poder disciplinador é efetivado, concepções são estabelecidas a fim de controlar e reivindicar a padronização entre os sujeitos.

2.2.1 Percepções da imagem corporal

Ao falar do corpo é imprescindível relatar as percepções e importância que damos a sua imagem, a qual contribui para a formação da identidade pessoal. A imagem corporal se integra como elemento constituinte na construção de si e então temos o objetivo de dar significados e imagem aos corpos, e “um investimento contínuo é realizado sobre eles: próteses, pinturas, aromas, adornos, roupas, tatuagens, implantes, cosméticos são agregados para se tornarem, também, códigos identitários” (LOURO, 2001, p. 62).

Historicamente, escritos passados compreenderam o corpo como revelador da alma, fazendo parte da construção da inteligência, da razão e do próprio sujeito. Portanto, ao produzir conhecimentos acerca das conotações corporais, é preciso “indagar sobre os significados que, neste momento e nesta cultura, estão sendo atribuídos a uma dada aparência corporal” (LOURO, 2000, p. 62).

Vale lembrar que objetivo majoritário das pessoas é de estar bem consigo mesmas e com a alta estima elevada (ARONSON; WILSON; AKERT, 2002). Essa necessidade de ser bem-visto ou de se sentir desejado está relacionado a sua aparência física, a qual estabelece meios de interação com o mundo exterior. Portanto, “um jogo de espelhos é produzido entre o corpo e o olhar do outro, operando na construção da autoestima e da autoimagem. A percepção do corpo se dá em função da imagem que um indivíduo acredita que o outro tenha de si” (FARIAS, 2004, p. 39).

Podemos então afirmar que a autoimagem “surge na interação da pessoa com seu contexto social, consequência de relações estabelecidas com os outros e para consigo mesmo” (MOSQUERA; STOBÄUS, 2006, p. 84). Isso implica no desejo do ser humano em se adequar às exigências impostas socialmente, a fim de manter um equilíbrio em suas relações sociais, e é dessa forma que acontece a interpretação do meio em que vive.

Nesse caso, quando o indivíduo atende aos padrões sociais, automaticamente sua autoestima é constituída no sentido de positividade, isso é, quando se recebe uma valorização

mediada pelo outro, ocorre o sentimento de autorrealização pessoal (MOSQUERA; STOBÄUS, 2006). Fica claro então que o bem-estar dos sujeitos, quanto a sua imagem corporal, está relacionado com a avaliação externa que este recebe.

[...] a experiência com a imagem do próprio corpo relaciona-se à experiência de terceiros com seus corpos. Desse modo, a compreensão da problemática ligada à imagem corporal na nossa sociedade exige a consideração, além das imagens corporais individuais, das inter-relações entre as imagens de várias pessoas (SECCHI; CAMARGO; BERTOLO, 2009, p. 229).

Pelo viés da Teoria das Representações Sociais, Jodelet (2001, p. 1) explica que “sempre necessitamos saber o que temos a ver com o mundo que nos cerca”. O sujeito prioritariamente sente a necessidade de se ajustar, de se administrar, a fim de se localizar no meio em que vive, fazendo disso, o principal motivo de construir as representações.

Sob este prisma, Secchi, Camargo e Bertolo (2009) salientam que a imagem corporal deveras, está vinculada a estruturação da identidade de um determinado grupo social e as preocupações coletivas, as experiências, as sensações que rodeiam os sujeitos, são capazes de interferir na construção pessoal da imagem corporal desta pessoa. Especificamente no campo científico, a imagem corporal ganha evidência, por ser desencadeadora de sérios problemas com transtornos alimentares e essa disfunção se insere socialmente na medida em que o modelo de beleza exige um menor peso cada vez mais.

Devido ao anseio de estar adepto a padronização corporal (em particular, as mulheres), os indivíduos se submetem a procedimentos drásticos em busca de soluções para o suposto problema com sua imagem corporal. Por conta disso, predomina um conflito entre o real e o ideal submergindo, resultando em distorção da imagem corporal, que afeta diretamente a percepção do próprio corpo, ou seja, acredita-se que seu corpo é maior do que é na realidade.

A imagem corporal se define como configurações mentais extraídas das características dadas pelos sujeitos para o corpo, como o contorno, medidas e os sentimentos remetidos a ele (KAKESHITA; ALMEIDA, 2006). Como reporta Tavares (2003), a imagem corporal está vinculada a organização cerebral, com a intervenção dos setores sensoriais e processos de desenvolvimento, abrangendo todas as formas de conceitos e experiências relacionados ao corpo. Essa organização cerebral, apesar de depender de condições orgânicas, no caso o corpo humano, é entendida como fenômeno excêntrico, que formula individualmente os sentidos dados ao corpo, por meio das experiências na existência humana e relações sociais, isto é,

A Imagem Corporal possui um eixo pulsional que sustenta de modo essencial a individualidade e é o ponto de partida para o desenvolvimento da identidade da pessoa. A existência desse eixo pulsional vinculado ao corpo contrapõe a concepção de “ser sob certa medida” (TAVARES, 2003, p. 16).

Para Secchi, Camargo e Bertolo (2009), a imagem corporal procede a partir da estrutura fisiológica (organizações anatomofisiológicas), estrutura libidinal (experiências emocionais por meio das relações) e estrutura sociológica (relações pessoais de aprendizados culturais), e a última está interligada às tendências e valorização estipuladas pelo grupo. Juntas compõem o conceito, isso é, imagem corporal, a qual incide a percepção do corpo, num processo complexo por englobar figurações e representações mentais.

De acordo com Farias (2004), os aspectos relacionados aos discursos tecnológicos, científico e médicos entre outros, dão suporte a criação de representações e práticas corporais que oferecem um sentido ao mundo e tais mecanismos atados a julgamentos morais de significação social, discriminam os padrões estéticos. A autora salienta que:

Mediante estes padrões, a sociedade controla a aparência em torno daquilo que é considerado próprio, adequado ou normal. “Garantindo” a felicidade plena, a ciência promete novas utopias, esperanças ou ilusões quanto à imortalidade do corpo, imperfeições e envelhecimento. As práticas corporais associadas à saúde, à vitalidade e à beleza prometem eliminar a inquietude que o olhar do outro provoca, por meio do esforço, determinação e disciplina (FARIAS, 2004, p. 39).

Nesse contexto, Tavares (2013) afirma que nem sempre o corpo pode corresponder às adequações sociais, o que pode gerar descontentamento e sofrimento tanto individual, quanto coletivo. Tal descontentamento provém da homogeneização das disposições sociais de valores arraigados na consciência do indivíduo em que “somos pressionados em numerosas circunstâncias a concretizar, em nosso corpo, o corpo ideal de nossa cultura” (TAVARES, 2003, p. 18). Logo, há uma busca incessante em pertencer aos critérios de aparência corporal estabelecidos socialmente, como aponta Louro (2000):

De qualquer forma, investimos muito nos corpos. De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos. As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são distintamente significadas, nas mais variadas culturas e são também, nas distintas culturas, diferentemente atribuídas aos corpos de homens ou de mulheres. Através de muitos processos, de cuidados físicos, exercícios, roupas, aromas, adornos, inscrevemos nos corpos marcas de identidades e, conseqüentemente, de diferenciação (LOURO, 2000, p. 9).

A maneira pela qual o ser humano percebe o mundo ou a si mesmo e os outros, ocorre pela dimensão da percepção de sua imagem corporal. Segundo Tavares (2003), essa percepção

se integra em significações em processo particular alicerçado ao corpo, isso é, “o corpo que somos para nós mesmos, nossa imagem corporal, e o mundo que vemos fora de nós, nossa imagem do mundo, convergem uma vez que se constroem juntos e não existem em separados” (TAVARES, 2003, p. 25).

A partir dessa perspectiva, pressupõe-se que a relação do homem e sua imagem corporal define relações de convivência em sociedade e consigo mesmo. A imagem constituída pelo indivíduo se pauta no corpo imaginário estipulado socialmente, para isso, o corpo deve ser adaptado, isso é:

Precisando ser transformado pela plástica, lipoaspiração, tatuagem, *piercing*, exercícios físicos vigorosos, remédios e anabolizantes, para que o indivíduo forje uma relação de reapropriação de si e de seu corpo, ainda que o faça segundo propriedade de bens, modelo tragicamente incompatível com qualquer intimidade. Temos, então, a clássica anedota: “Este seio é seu? ‘Claro que sim, eu o comprei’” (MAROUN; VIEIRA, 2008, p. 173).

Por este fato, a imagem corporal se constitui a partir do que a sociedade requer, no caso, uma imagem corporal construída. Os cuidados com a imagem se tornam uma virtude humana, o que explica o fato de mesmo não apresentando resultados bioquímicos de problemas de saúde, é reivindicado transformações no corpo, pois uma vez assimilado o corpo gordo a doenças, gera-se representações negativas a ele, fazendo com que os sujeitos rejeitem aparentar ou ser estereotipado com tal imagem corporal.

Para Louro (2000), os indivíduos são persuadidos a treinar os sentidos para decodificar as marcas estabelecidas ao corpo e então aprendem a classificar o outro, a partir de como se apresentam corporalmente, em como se comportam, como agem ou se expressam. Tal classificação reconhece de forma negativa aqueles que não possuem os atributos compartilhados. Com isso, as sociedades “constroem os contornos demarcadores das fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com seus padrões culturais e aqueles que ficam fora dela, às suas margens)” (LOURO, 2000, p. 9).

A sociedade posiciona relações de poder, decidindo quem será dominador e quem será dominado a partir das classificações, o que acontece de forma agressiva e discriminatória (LOURO, 2000). Rótulos são destinados a fim de designar uma identidade fixa e condizente as necessidades sociais, no caso, a aparência corporal, deve corresponder aos parâmetros que estabelecem representações de um corpo ideal.

2.2.2 Conotações do corpo no passado

O dinamismo social engloba e submete ideologias mutáveis, que influenciam na formação do pensamento sujeito em qualquer situação ou assunto. Com isso, salientamos o poderio da gordofobia, que moldam o pensamento de aversão contra a pessoa gorda. Essas configurações, constituem o corpo como histórico e social, posto que as definições remetidas a ele estão ligadas em como cada sociedade visualiza e estabelece valores, em determinado momento histórico, fazendo com que haja então, um incansável duelo entre o corpo magro e o gordo.

Segundo Valim (2017, p. 42), “a relação entre essas categorias corporais e o que elas significam no tempo e no espaço são e continuam sendo indispensáveis para que elas coexistam”. Ademais, o corpo sempre foi alvo de preocupação, mas os olhares lançados a ele ocorreram de maneiras adversas.

De acordo com Santos (2008), no século XIX o corpo magro foi símbolo de fraqueza e nos dias atuais se tornou privilegiado, elemento de classificações e distinções sociais. Valim (2017) argumenta que na Grécia Antiga assim como a sociedade atual, estimava-se o corpo musculoso, atlético, representação de boa forma, agilidade, saúde e fertilidade. Particularmente para a filosofia, o corpo trazia várias indagações referentes a existência em sociedade.

Em uma breve e sucinta visão, os grandes filósofos: Sócrates (470 a 399 a.C.), Platão (427 a 347 a.C.) e Aristóteles (384 a 322 a.C.) possuíam abordagens diferentes acerca do corpo. Para Sócrates, o homem era um ser integrado por corpo e alma, esta junção torna-se importante para a interação do indivíduo com o mundo. Na perspectiva de Platão, o corpo servia de aprisionamento para a alma. Já Aristóteles acreditava que as ações humanas eram realizadas em conjunto, em um feixe entre corpo e alma em um processo contínuo. As concepções desses filósofos são a base para a compreensão sobre as diversas concepções de corpo desenvolvidas na formação da sociedade ocidental e como ele adentrou as dimensões históricas, culturais e sociais (VALIM, 2017, p. 27).

No Período Medieval, o corpo era visto pelas vertentes econômica e religiosa, a primeira relacionada a agricultura em que a estrutura física estipulava as atividades desempenhadas pelos indivíduos. Já a segunda, entendia que qualquer afeição voltada ao corpo era considerada como profana, ilícita, ação maligna que deve ser vencida, buscando libertação a partir de penalidade, sacrifício e sofrimento. Com base nesses argumentos, é perceptível que as atenções dadas ao corpo não são um mérito da sociedade atual e que em outros momentos da história humana, o corpo gordo não era apedrejado, como “[...] por exemplo, na Idade Média, as anatomias maciças

eram apreciadas como sinônimo de poderio, ascendência” (ARAÚJO et al., 2018, p. 3). Evidencia-se então que várias configurações vão surgindo em torno do corpo.

Na Idade Média do ocidente europeu, com a influência da Igreja Católica, as teias simbólicas sobre o corpo indicavam a tendência de concebê-lo como algo pecaminoso, desvalorizado, profano. Evidenciava-se a separação entre corpo e alma, prevalecendo a supremacia da segunda sobre o primeiro [...] no período renascentista, a concepção de corpo difere da anterior, já que, nessa época, a apropriação do imaginário passa a concebê-lo como belo, especificamente no que diz respeito às artes [...] na lógica industrial, o corpo passa a ser visto como força de trabalho. Ele passa a ser suporte de signos cambiados com desejos ideológicos, veiculados midiaticamente (MAROUN; VIEIRA, 2008, p. 175).

Vale ressaltar que na Idade Média o corpo avantajado esteve nos seus dias de glória, porquanto “[...] o consumo de alimentos era para poucos, nesse período, riqueza e saúde correspondiam à barriga cheia e à corpulência” (VALIM, 2017, p. 45). Essa avaliação modificou-se, principalmente nos séculos XVII e XIX, iniciando as preocupações significantes em relação a alimentação.

Os alimentos conhecidos naquele período como energéticos– açúcar, amido – passaram a ser restritos ao regime alimentar das pessoas que precisavam combater a gordura. Alimentos como “os assados”, “as saladas ou legumes sabiamente preparados” ganharam espaço na cozinha e nas dietas, o que demonstra uma vigilância sobre os produtos que se consumia para que o indivíduo não engordasse (VALIM, 2017, p. 45).

Nessas circunstâncias, um fato histórico se torna um dos principais motivos da conversão de valores fadados a estrutura corporal. Precisamente no campo econômico, com o advento da Revolução Industrial, as atribuições ao corpo relacionado a estrutura física foram decisivas na divisão social e divisão do trabalho, fato esse que evidencia o surgimento do preconceito contra o corpo gordo.

Este cenário social configura-se em um campo propício para investimentos do mercado industrial, com o pensamento de erradicar o suposto excesso de peso, originando a discriminação e marginalização do corpo gordo. As transformações econômicas, que deram origem ao capitalismo, também fecundaram uma nova ideologia para a imagem corporal:

[...] agora, a noção do corpo se relaciona com a concepção de máquina, sendo assim, um corpo manipulável e disciplinado. Essa transformação associa a energia dos sujeitos não mais na esfera da mente, mas do corpo, em movimentos repetitivos e controlados, um corpo na produção em série que a Revolução Industrial faz emergir (CARVALHO, 2018, p. 68).

Dito isso, na medida em que a sociedade se transforma a fim de se adequar ao modelo de vida que aclama a agilidade, o gordo definitivamente não se enquadra como modelo que

atenda a essas perspectivas. A restrição alimentar entra em pauta na vida dos indivíduos, concebendo um pensamento homogêneo de corpo ideal. Para Carvalho (2018, p. 12), esta hegemonia, como poder invariável exercido pelo grupo abastado de forma conceitual, “[...] permite inferir que ela se dá por estratégias implícitas, principalmente calcadas no discurso, na dimensão de ideologias de grupos particulares”.

A ascendência industrial, com as ideologias de normatização dos sujeitos, com obtenção de lucros em curto período em favor dos interesses do mercado e dos grupos afluentes, acabou por relacionar a gordofobia com a construção social e a subjetividade produzida pela industrialização.

2. 2. 3 Configurações do corpo na contemporaneidade

É plausível afirmar que as preocupações com o corpo nunca estiveram tão assomadas em qualquer outro contexto histórico, como na atualidade. Para Maroun e Vieira (2008), as características que distinguem o contexto atual dos demais, estão relacionadas a inquietações com a beleza, juventude e busca pelo hedonismo.

Especificamente no ano de 1990, a partir das indústrias farmacêuticas, surgem medicamentos que prometem o emagrecimento, dietas e procedimentos cirúrgicos, fatores estes, fundamentais para a busca do corpo perfeito, gerindo o consumismo em massa. Portanto,

O corpo passa, então, na sociedade do consumo, a ser não apenas um lugar de produção, de labor, de existência pura e simplesmente, mas de consumo. A lógica capitalista focaliza no corpo o desejo de consumo para uma vida mais bem-sucedida, feliz, um olhar que carrega consigo o hedonismo, como se o corpo fosse o único espaço de prazer dos sujeitos (CARVALHO, 2018, p. 70).

Conforme as afirmativas de Le Breton (2003), o corpo se transformou em objeto tosco que deve ser aprimorado e cada vez mais se busca transformá-lo em máquinas, alienando seus sentidos ao indivíduo como um ser no mundo e identidade de si, tornando-se então, em um objeto manobrável e controlável, um conjunto de elementos, um esquema montável conforme desejar. Segundo Maroun e Vieira (2008, p. 172), “o corpo é um dos objetos que assume valores simbólicos relevantes na atualidade, despertando interesse das pessoas e da mídia, podendo ser interpelado, também, pela lógica da cultura do consumo”. A vista disso, o corpo contemporâneo se torna peça fundamental para o indivíduo, no quesito realização pessoal.

Nesse momento histórico que preza o consumo, as transformações do corpo se integram a objetos de curta validade, que logo se descarta, e que deve ser inovado constantemente, o que

também significa mudanças na vida cotidiana (CAMPOS et al., 2016). A pessoa gorda é vista como estática, parada no tempo e tem a obrigação de despertar e se movimentar. O corpo, no atual contexto social e cultural da sociedade ocidental industrializada, representa o próprio indivíduo, trazendo conotações de si, de sua identidade, de sua existência, mas se estabelece como objeto inacabado (MAROUN; VIEIRA, 2008). As correções, reconstruções e transformações são necessárias e exigidas para alcançar a perfeição.

Especificamente na sociedade brasileira, como reportam Secchi, Camargo e Bertolo (2009), quem não atinge as metas quanto ao corpo perfeito, pode significar um fracasso pessoal, dando origem a falência da autoestima. No Brasil, surgiram vários estudos que documentam a insatisfação corporal, esse fator é determinante para crer que as preocupações com a massa corporal se restringem a sociedade ocidental. Outro aspecto a ser analisado para desvendar a gênese do fenômeno gordofobia, se refere ao discurso da medicina ancorado no pensamento capitalista do sujeito ser empreendedor do próprio corpo (RANGEL, 2018). Assim:

O senso comum, informado por um discurso biomédico que valoriza a estetização da saúde, processo no qual são utilizados critérios da medicina estética, da moda e da beleza construída nas academias como parâmetros para avaliar saúde, identifica aleatoriamente o corpo gordo como obeso, um corpo doente que precisa ser emagrecido (CAMPOS et al., 2016, p. 630).

O corpo gordo na atualidade, diante da visão da medicina, é visto como um problema a ser eliminado e “[...] essas representações calcadas na biomedicina são construções discursivas e, portanto, a concepção de gordura é definida e produzida por discursos médicos, naturalizando a concepção de que esse objeto pode ser apenas definido por eles” (CARVALHO, 2018, p. 35). O discurso em questão intensifica a doutrinação da magreza, uma vez que:

Os discursos médicos *colonizam* outras práticas sociais, garantindo que a visão particular destes seja iterada em outras práticas. Em termos de colonização, a “verdade” sobre a gordura é a visão da biomedicina sobre ela, fazendo com que as discussões públicas da saúde e as opiniões de outras esferas sociais sejam parcialmente representadas por essa verdade (CARVALHO, 2018, p. 36).

Como reportam Campos et al. (2016), esta ideologia se enquadra na estetização da saúde, confundindo padrões estéticos com medicina estética. Por conseguinte, “Ética, Estética e Saúde Pública estariam se confundindo e interferindo nos cuidados com o corpo, preocupação com a beleza e com a saúde” (p. 638), criando informações equivocadas que dão ideias que nem sempre são verídicas.

A preocupação com o peso se expande para uma convicção de ações saudáveis partidas do próprio sujeito, momento esse que origina a culpabilização em não conseguir alcançar um

corpo saudável e não condizente com o padrão constituído como perfeito. Assim, “[...] a saúde é vista então, em termos, como um imperativo moral de autocontrole, responsabilidade individual e de boas escolhas” (CARVALHO, 2018, p. 36), com isso, o fato de se manter saudável significa eliminar o peso corporal. Do mesmo modo, é preciso considerar que:

Numa sociedade de mercado, onde a indústria do consumo reina soberana e divulga imagens de sucessos e saúde associadas a corpos belos, magros padronizados, manipulados e transformados, o corpo gordo, principalmente do sexo feminino, parece ser o alvo fácil de uma vigília constante (CAMPOS et al., 2016, p. 630).

Na concepção de Bauman (2008), a sociedade atual se configura como sociedade consumidora baseada em esforços individuais, a qual promove e reforça a primazia do consumo. Lipovetsky e Serroy (2015) afirmam que a sociedade contemporânea vive no contexto do capitalismo “transestético”, do hiperconsumo, em que produtos e beleza implicam em estratégias categóricas que recorrem as emoções e senso estético dos consumidores.

Também Araújo et al. (2018) ressaltam situações de preconceito no ramo profissional, em que as pessoas gordas retratam a falta de qualificação, equilíbrio e autodomínio e que dificilmente terão a oportunidade de serem aprovadas em seleções do mercado de trabalho, existindo até mesmo diferença de salário. Esse fato leva ao entendimento de que o gordo não pode cooperar na sociedade em que vive, devido a taxaço negativa que lhe é imposta.

O processo de industrialização, baseado em um novo capitalismo, interfere diretamente no campo do trabalho, por exigir que o trabalhador seja produtivo e assíduo, flexível, sempre à disposição e com muita dedicação a função. Neste cenário, “[...] a meritocracia fixa cada vez mais no desempenho do indivíduo e não nas condições em que se encontra” (RANGEL, 2018, p. 22), evidenciando que a total responsabilidade de se obter êxito profissional é designada ao próprio indivíduo. Mas a sociedade atual produz o corpo gordo, porém não o tolera, uma vez que a forma de vida do sujeito não colabora para as exigências corporais do momento, como por exemplo, os trabalhos que exigem força humana são extintos e o esforço físico é substituído por cadeiras e gabinetes (RANGEL, 2018). Neste caso, os indivíduos são submetidos a exercícios físicos que supram esta deficiência.

Santos (2008) explica que esses critérios para obter o corpo ideal, não correspondem a disponibilidade de tempo dos sujeitos. A prática de exercícios físicos e dietas requerem uma rotina com condutas diligentes, necessitando de espaço e tempo, o que se torna embaraçoso diante da realidade do horário de trabalho. A possibilidade de se adequar a essas exigências, significa reestruturar o comportamento, controlar anseios e sensações, reconstruir o gosto alimentar, adotando uma vida de gerenciamento, o que desestrutura o equilíbrio humano.

A autora ainda chama a atenção para o fato de priorizar alimentos saudáveis, em um momento em que “são os alimentos industrializados os principais componentes da grande parte da alimentação contemporânea” (SANTOS, 2008, p. 34) por serem mais práticos e de fácil preparo, economizando tempo e “por promoverem uma liberdade em relação à tirania das tarefas culinárias e domésticas cotidianas” (IBID., 2008, p. 35). Com isso, conflitos vão se estabelecendo na vida do indivíduo, uma vez que se deve decidir a todo tempo, o quê, como, e quando comer.

Um fato marcante, é que o corpo hoje deve representar saúde e vigor. É necessário que o sujeito se submeta a frequência de atividades físicas, as quais podem ser consideradas mais voltadas a fins estéticos, pois “a associação do corpo ao exercício físico e da sua beleza à aparência saudável e à magreza justificam-se, sobretudo pelos padrões de beleza atuais” (SECCHI; CAMARGO; BERTOLO, 2009, p. 234).

Para Santos (2008), o sentido do corpo na contemporaneidade se iguala a um objeto elevado à vida social e existência humana, como o centro da construção do ser. Neste caso, a construção da identidade do indivíduo está intrinsecamente relacionada na construção corporal.

O mundo contemporâneo traz inúmeros elementos para o cenário no qual os corpos estão inscritos: a ideia da construção das identidades já referida, o hedonismo, o individualismo, os estilos de vida e sociabilidade, questões que marcam o contexto atual e, consequentemente, as formas de lidar com o corpo (SANTOS, 2008, p. 27).

As preocupações acerca do corpo percorrem a história da existência da humanidade, isso é, o corpo é pivô de reflexões por muito tempo em várias sociedades, principalmente devido a busca pela juventude e longevidade. No contexto atual, os olhares voltados ao corpo se limitam especificamente a sua aparência física em que as particularidades do corpo vêm sendo tão expostas e exploradas.

Segundo Maroun e Vieira (2008), os indivíduos que renunciam ou não são capazes de se envolver na prática da boa forma, são considerados como consumidores falhos, sujeitados a estigmas de um sistema de poder ao corpo. Nesta tentativa de padronização corporal, pode-se identificar a existência de representações corporais, que moldam e determinam o modelo ideal para um corpo perfeito.

Desta maneira, Gonçalves (2009, p. 22) reporta sobre o poder das representações sociais sob o indivíduo, pois essas representações “modificam os sujeitos de um determinado contexto social e o mundo ao seu redor e têm a função de modelar o comportamento e de justificar a sua expressão”. As representações têm a capacidade de preparar a ação, direcionam comportamentos e ainda restabelecem o espaço social a fim de manter tais comportamentos.

Entre as exigências corporais no mundo moderno, o corpo além de moldado carrega a responsabilidade de aparentar uma vida saudável, o que para Santos (2008) significa ser um “mito” da saúde perfeita. Tal expectativa serve de fundamento legalizado pela sociedade, adotando uma série de procedimentos saudáveis a fim de ostentar corpos libertos de distúrbios e enfermidades. O bem-estar então corresponde à uma vida de privações alimentares e exercícios que conduzem a aquisição do modelo corporal conveniente e que condiz com a preferência social de corpo perfeito. Logo, a pessoa gorda remete a ideia de estar doente, além de representar descuido consigo mesmo.

Diante desta afirmativa, Santos (2008) faz menção sobre o autocuidado, em que a atividade mental é relacionada a elementos cognitivos fixados como desejos na consciência humana, dando sentido aos cuidados com aparência e saúde.

A prática da atividade física e a promoção das práticas alimentares saudáveis são dois pilares fundamentais das orientações/recomendações/prescrições que regem esta nova maneira de lidar com o corpo. Deste modo, o corpo está mais próximo a uma matéria-prima bruta a ser permanentemente lapidada e moldada. Moldamos na própria carne as novas imagens corporais (SANTOS, 2008, p. 29).

Nota-se que o corpo ganha alto nível de observações e controle, em que a importância dada aos cuidados e moldagem, o torna um dos aspectos mais relevantes para a realização pessoal. O empenho pessoal em obter o corpo belo e saudável, demonstra disciplina e dedicação consigo mesmo, gerando então satisfação e sentimento de dever cumprido. Ao analisar a sociedade em geral, é possível identificar a presença da gordofobia, vinculada ao discurso de incapacidade do indivíduo devido ao seu peso. Tal casualidade, está ligada a cultura e está presente em vários campos sociais.

2.2.4 Corpo e cultura

A essência da vida em sociedade, está alocada nas dependências da interação social, fato esse que estimula os indivíduos a seguir um determinado grupo. Os grupos sociais em que o indivíduo vive, os principais aspectos a serem abalizados para se entender as concepções corporais.

Ao contemplar as representações e sentido do corpo, de maneira alguma podemos fazê-lo isoladamente, sem situá-lo ao aspecto grupal, contexto histórico e a cultura em que está inserido. O corpo e a sociedade não podem ser desvinculados. Somente assim,

compreenderemos as denotações incumbidas socialmente ao corpo e as imposições sob os indivíduos, na maneira de se reportar a ele, o que nos leva a refletir que:

Os padrões de comportamento predominantes numa determinada cultura não são, portanto, naturais, e sim construídos socialmente, seguindo modelos que atendem aos interesses de determinados grupos da mesma sociedade. Como estes padrões são aceitos como verdadeiros, as pessoas que agem de maneira contrária são vistas como incorretas por infringirem as normas aceitas pela cultura na qual estão inseridas. Muitas vezes essas pessoas sofrem consequências e, para evitá-las, voltam a agir conforme as normas estabelecidas (GONÇALVES, 2009, p. 23).

Nota-se que as representações também determinam os olhares que lançamos a ele a partir do pensamento coletivo, uma vez que dadas as significações estabelecidas na cultura, ou de um contexto histórico, influenciam e impõem a forma em que denotamos nossos corpos (MOSCOVICI, 2011). Perante uma sociedade, no caso a ocidental, que preza o corpo trabalhado e delineado, as representações voltadas ao corpo gordo não são positivas e os indivíduos não adeptos a esse padrão podem ser severamente punidos socialmente.

O corpo nessa circunstância é visto como instrumento definidor da identidade dos sujeitos. Louro (2000) lembra que o corpo carrega significados da cultura, ao mesmo tempo que pode ser constantemente alterado por ela. Em explicação da inquietação sobre a negatividade atribuída a pessoa gorda, podemos refletir nas afirmações da autora sobre as concepções corporais que prevalecem no contexto atual.

Talvez devêssemos nos perguntar, antes de tudo, como determinada característica passou a ser reconhecida (passou a ser significada) como uma "marca" definidora da identidade; perguntar, também, quais os significados que, nesse momento e nessa cultura, estão sendo atribuídos a tal marca ou a tal aparência. Pode ocorrer, além disso, que os desejos e as necessidades que alguém experimenta estejam em discordância com a aparência de seu corpo (LOURO, 2000, p. 8).

De acordo com Sudo e Luz (2007), a cultura ocidental valoriza a magreza de forma exacerbada a partir de fundamentos da biomedicina, culminando na desvalorização e desumanização do corpo gordo, dando-lhe o predicado de decadência moral e falta de saúde. Portanto, trataremos de gordofobia em um referencial ocidental, a qual repudia a gordura corporal.

O corpo, para além da biologia, engloba questões históricas, políticas e culturais. Então, a simbologia do corpo depende do período histórico, da cultura do lugar que o indivíduo está. Entende-se que o corpo é um objeto mutável de percepção temporária, impelido a modificações a partir da interação entre o indivíduo e o mundo. À vista disso, experiências sociais dos indivíduos estão intrinsecamente relacionadas ao corpo, em que “o corpo não pode ser

compreendido como uma entidade ‘simplesmente’ biológica e, além disso, parece impositivo questionar se o biológico não é, ele próprio, significado da cultura” (LOURO, 2000, p. 66).

O corpo humano se apropria de um papel imperioso nos processos de internalização de mensagens culturais coletivas porque ele possui o significado mentor das relações sociais entre os sujeitos, mensagens estas reproduzidas culturalmente pelas instituições e grupos sociais. É preciso entender as definições de grupo em que “na sua forma mais simples, grupo pode ser definido como pessoas que estão no mesmo lugar ao mesmo tempo” (ARONSON; WILSON; AKERT, 2002, p. 196).

Quanto a concepção de cultura na visão da Teoria das Representações Sociais, ela pode ser entendida como o modo em que cada grupo se organiza socialmente, se expressa e determina representações sobre um determinado assunto estabelecido pelas relações sociais, como a linguagem, costumes, valores, crenças e comportamentos. Para Moscovici (2011, p. 76), quando “nós personificamos, indiscriminadamente, sentimentos, classes sociais, os grandes poderes, e quando nós escrevemos, nós personificamos a cultura”.

É neste contexto que a Teoria das Representações Sociais tem como primícias, “descobrir como os indivíduos e grupos podem construir um mundo estável, previsível, a partir de tal diversidade” (MOSCOVICI, 2011, p. 79). A cultura pode ser vista como construção social de representações que trazem consigo um passado, uma história, relativa à experiência compartilhada coletivamente, dado um tempo histórico. Estes fatos indicam que:

As representações sociais são históricas na sua essência e influenciam o desenvolvimento do indivíduo desde a primeira infância, desde o dia em que a mãe, com todas as suas imagens e conceitos, começa a ficar preocupada com seu bebê. Estas imagens e conceitos são derivadas dos seus próprios dias de escola, de programa de rádio, de conversas com outras mães e com o pai e de experiências pessoais e elas determinam seu relacionamento com a criança, o significado que ela dará para seus choros, seu comportamento e como ela organizará a atmosfera na qual ela crescerá (MOSCOVICI, 2011, p. 108).

O fato é que a cultura é carregada de representações e tradições que influenciam na formação de conceitos pelo indivíduo. O ser humano nasce em um mundo já construído, em um grupo já estruturado e munido de percepções culturais. Importa-se em observar o indivíduo inserido na cultura específica do grupo ao qual pertence.

De acordo com Moscovici (1993), o ser humano sente necessidade de viver em grupo devido sua incapacidade de viver sozinho por depender de afetividade. Com isso, não há como analisar o indivíduo isoladamente, sem que se examine o grupo e valores que o cerca. A pessoa age conforme as regras do grupo social, sua consciência e vontades são inibidas, submetendo-se as condições que o grupo orienta ser o ideal na busca de se igualar ao coletivo.

Ao ter a aceitação do grupo, o ser humano cria dentro de si o sentimento de papel cumprido, de estar adepto aos critérios sociais (ARONSON; WILSON; AKERT, 2002). A influência social age como instrumento modelador que estipula modos de vida impactando nas emoções, decisões e pensamentos. O ser humano adquire então características comuns ao grupo a partir de imposições sociais, culminando na construção de sua própria particularidade (MOSCOVICI, 1993). Por mais que não haja concordância total às imposições, o poder da massa (coletivo), tende a se sobressair, como por exemplo, os interesses de um sistema econômico, sistema religioso e obrigações familiares que influenciam na conduta humana.

Moscovici (1993) pondera esta eventualidade como hipnose que atua no psiquismo humano, entorpecendo de tal forma que se torna quase imperceptível o domínio coletivo sob a vontade do sujeito. A consciência do sujeito é formada na medida que experimenta o poder do pensamento coletivo internalizado e entendido como verdadeira realidade, aceitando aquilo que a massa afirma ser o correto e transformado pelo grupo social.

Com base nesta perspectiva, estas realidades objetivadas correspondem a representações, tidas como normativas transferidas pelo mecanismo comunicação (MOSCOVICI, 2011). Estas, por sua vez, trazem imposições arbitrárias aos indivíduos, antes mesmo dos exercícios de falar, agir, pensar, por meios de práticas culturais, as quais são internalizadas e estabelecem pensamentos e ações designando papéis sociais.

Neste bojo, entra em cena a importância das crenças e valores embutidos na cultura de uma sociedade. Vale ressaltar que o indivíduo sozinho não possui o poder de partilhar ou manter uma crença ou pensamento e tal situação é característica exclusiva da relação interpessoal (MOSCOVICI 1993).

O grupo preserva sua cultura, suas crenças por meio da comunicação social que carrega as representações de seu modo de pensar, agir, fazer, se comportar, produzindo uma multidão organizada, dando forma a coletividade focando num bem comum, tornando o indivíduo um ser social, isto é, “a sociedade é um produto do homem e, ao mesmo tempo, uma produtora deste. A sociedade existe antes de o indivíduo nascer e continuará a existir após sua morte. É dentro da sociedade que o indivíduo se torna uma pessoa, ganha identidade, vira sujeito” (GOMES, 2008, p. 31).

Para Moscovici (1993), a crença é um elemento fundamentado e permanente na vida social. Por ela, o ser humano em qualquer tempo histórico, está inserido no campo das tradições, opiniões e costumes. As representações são as principais estratégias para propaga-las, transportando-as à história e concepções de um povo e então o que é realidade para o sujeito,

na verdade corresponde a determinações instituídas pelo que a sociedade defende como realidade.

O indivíduo toma consciência de si mesmo, a partir das crenças e pensamentos que se tem de si próprio e da convivência e percepção do outro. Logo, o juízo social exerce uma força implacável sobre o modo em como o sujeito interpreta o mundo e adquire o autoconhecimento, tendo em vista que:

Não andamos a buscar solitariamente o autoconhecimento, mas somos seres sociais que frequentemente se veem através dos olhos dos outros de outras pessoas. Na verdade, grande parte do que sabemos sobre nós pode ser influenciada pelos outros (ARONSON; WILSON; AKERT, 2002, p. 106).

Reconhece-se então que a cultura influencia em como o sujeito se define e adquire autoconceitos e os papéis sociais desenvolvidos pelos sujeitos são organizados e premeditados a partir da cultura em que está inserido. A cultura constitui características que propiciam a distinção de uma sociedade da outra e com isso cria-se também estereótipos que tendem a representar um determinado grupo ou apresentar especificidades do sujeito. Para Aronson, Wilson, Akert (2002, p. 301), esses “estereótipos refletem crenças culturais – isto é, em uma determinada sociedade, eles são descrições facilmente reconhecidas dos membros de determinado grupo”. As crenças estereotipadas desencadeiam representações que interferem na maneira em que se descreve alguém ou como se percebe a realidade social, mas essas representações são diferentes para cada contexto, cultura ou etapas da vida humana. Entretanto,

[...] não somente os significados dessas marcas se modificam nas várias culturas, mas elas mesmas mudam ao longo da existência das culturas e dos sujeitos: os corpos se alteram devido à idade, à doença, às condições de vida; eles mudam pelas imposições sociais, pelas exigências da moda, pelas intervenções médicas, pelas transformações e possibilidades tecnológicas (LOURO, 2000, p. 62).

A objetivação das representações são consequências das significações sociais contidas na cultura e neste processo, o ser humano é considerado um ser genérico, pois embora tenha suas especificidades, carrega em si transcrições culturais que intervêm na formação de pensamentos e na construção da identidade. De acordo com Louro (2000, p. 62), a identidade “é uma atribuição cultural; que ela sempre é dita e nomeada no contexto de uma cultura”.

A autora ainda ressalta que os corpos são “significados, representados e interpretados culturalmente, que diferentes sociedades e grupos atribuem significados também diferentes às características físicas” (IBID., 2000, p. 62). O indivíduo aprende características individuais, exclusivamente, a partir de sua relação com a coletividade.

O indivíduo, enquanto ser sociável, ao nascer, é inserido na sociedade de forma inacabada. É no contexto da sociedade e da cultura que ele se constitui enquanto sujeito, desenvolvendo uma percepção de si e do mundo, construindo, suas múltiplas identidades, dentre elas a etária, a de classe e a de gênero. O processo de formação da identidade diz respeito à percepção do indivíduo como ser singular nas inter-relações com o mundo, recebendo influências das representações sociais, que circulam no ambiente sociocultural (FARIAS, 2004, p. 14).

É possível entrever as ações e definições abstraídas pelos sujeitos sobre gordofobia e valorização do corpo magro a partir do ambiente em que está inserido, pois consideram-se as características do contexto em que o sujeito é orientado a reagir de uma maneira específica, visto que o preconceito refere-se a uma construção social, um pensamento coletivo que atribui concepções negativas a pessoa gorda.

A reprodução dos conceitos corporais tem se multiplicado nos últimos tempos, devido as transformações sociais, por meio de uma nova cultura, a da tecnologia, vinculada a novos saberes e técnicas, promovendo novos estilos de vida e novos comportamentos (LOURO, 2008). Desta forma, caminhamos em um mundo em que as informações são de fácil acesso e definitivas para a construção dos corpos, das desigualdades e de hierarquias sociais.

2.3 Gordofobia e a mídia

Ao analisarmos a propagação da gordofobia numa perspectiva da teoria das Representações Sociais, podemos entender que a mídia se adéqua ao mecanismo da comunicação social. Esta é entendida como um elemento fundamental para a subsistência das representações, o que no caso pode relacioná-la a reprodução da gordofobia. Então, considera-se a mídia como:

[...] sinônimo de “meios de comunicação social”, diz respeito aos veículos responsáveis pela difusão das informações, como rádio, jornais, revistas, televisão, vídeo, entre outros. Configura-se, na atualidade, como uma das instituições responsáveis pela educação no mundo moderno, trazendo tanto benefícios como malefícios, respondendo pela transmissão de valores e padrões de conduta e socializando muitas gerações (CONTI; BERTOLIN; PERES, 2010, p. 2096).

Por conseguinte, “através da comunicação, as pessoas e os grupos concedem uma realidade física a ideias e imagens, a sistemas de classificação e fornecimento de nomes” (MOSCOVICI, 2011, p. 90). Considera-se então que a comunicação midiática é imprescindível para que as representações sociais negativas as pessoas consideradas gordas subsistam.

De acordo com Farias (2004), as representações são capazes de igualar e vincular imagens (mentais ou visuais) a ideias, ocorrendo mutuamente e de forma inseparável. No uso

de imagens televisivas ou fotográficas, estimulando a imaginação e a fantasia, a mídia tem a habilidade de transformar a imagem dissimulada em interdiscurso elaborado na mente, atando o ideal e o real.

Sob este prisma, Conti, Bertolin e Peres (2010) afirmam que a interferência da mídia sob a vida do indivíduo é extremamente poderosa, produzindo e circulando representações, concepções, valores, ensinando como devemos ser, agir e como devemos proceder com o nosso corpo. Diante disso, a cultura da magreza é expandida por meio de discurso midiático, em que valores negativos à pessoa gorda são remetidos socialmente todos os dias. A mídia é então um mecanismo cultural com poder de influenciar pensamentos, criar simbologias, divulgar sentidos e culpabilização do indivíduo em relação a administração do próprio corpo.

Para Gomes (2008, p. 31), “a representação social está constantemente no universo, por meio das comunicações, de uma conversa, de um encontro”. É a partir das redes sociais, e da informação em massa, que as representações são propagadas no mundo contemporâneo (JESUS, 2013). Fica claro então que a mídia é participante na formação de escolha do sujeito e particularmente na percepção deste, com seu corpo (CONTI; BERTOLIN; PERES, 2010), visto que há uma relação negativa entre a mídia e o corpo, referente as cobranças de uma estrutura física ideal.

Nessa conjuntura, Jesus (2013) argumenta que o processo de globalização, característica do mundo moderno, favorece as inter-relações entre as nações e culturas. Do mesmo modo, Farias (2004, p. 32) expõe que “a introdução de novas tecnologias decorrentes do processo de globalização tem proporcionado grandes transformações políticas, sociais e culturais”. As práticas culturais são compartilhadas e incorporadas por meio da comunicação em rede e das tecnologias das informações em um mundo globalizado.

Em concordância a essa afirmativa, Moscovici (2011) argumenta que a sociedade atual contempla a diversidade da vida social e a eventualidade dos novos meios de comunicação de massa, que agilizam as tendências, intensificando e aumenta as mudanças, o que proporciona a veiculação de novas ideias. Com isso, a “publicidade, enquanto instrumento de propagação de ideias, valores e modos de vida, geralmente ampara-se em um jogo de sedução e encantamento, cujas regras se fundamentam na criação de faltas psíquicas e necessidades imaginárias” (FARIAS, 2004, p. 33).

Diante disto, Sudo e Luz (2007, p. 1038) assinalam que “as matérias divulgam que, se há aqueles que são diferentes do padrão estético vigente na cultura contemporânea, há também inúmeras maneiras para que todos sejam enquadrados nele”. É nos meios de comunicação de massa que representações de cuidados ao corpo, vinculados a bem-estar e a saúde, são

divulgados e apreendidos pelo senso comum e incentivando ao enquadramento do corpo padrão, uma vez que “o capital simbólico empenhado no aperfeiçoamento do corpo e nas habilidades de expressão são múltiplos” (FARIAS, 2004, p. 33).

Jesus (2013) salienta que embora o processo de globalização tenha despertado um novo estilo de vida caracterizado pela individualidade, os sujeitos são igualados e conectados pelo fenômeno de massa e de multidões, advindo da tecnologia. Tendo em mente essa concepção de massa, Moscovici (1993) afirma que a construção da identidade dos sujeitos ainda está interligada ao coletivo, em que as representações são estratégias fundamentais para persuadir, manipular o tempo, espaço e as palavras, impondo um modo de viver, isso que,

A função social dessas representações consiste em contribuir para definir um grupo social em sua especificidade, construindo um modo de referência para todos os seus membros, possibilitando ao indivíduo e ao grupo um modo sistemático de apreensão da realidade, culminando por influenciar em seus comportamentos sociais (GOMES, 2008, p. 31).

Sobre estes argumentos, analisamos, a partir da ideia de Moscovici (2011), que a comunicação social é responsável por formar conceitos, significados e objetividade por meio da língua e da linguagem. A comunicação social conta com a mídia como forte aliada na construção da representação social numa linguagem própria e categórica (SANTOS, 2005), o que promove a internalização, a apropriação e caracterização de um objeto em que,

A própria linguagem, quando ela carrega representações, localiza-se a meio caminho entre o que é chamado de linguagem de observação e a linguagem da lógica; a primeira expressando puros fatos – se tais fatos existem – e a segunda, expressando símbolos abstratos. Este é, talvez, um dos mais marcantes fenômenos de nosso tempo – a união da linguagem e da representação (MOSCOVICI, 2011, p. 46).

As representações sociais sobre o corpo gordo ao serem disseminadas por meio da mídia (enquanto linguagem), criam discursos negativos para aqueles que não se enquadram ao modelo corporal (ARAÚJO, 2018). A força midiática corrobora para a valorização da magreza, criando um estigma social que conduz ao ostracismo das pessoas gordas. Por isso,

Uma análise sugere a existência de uma reprodução nas informações que favoreceriam a opressão em relação a um tipo de indivíduo que possui no seu corpo uma marca que o põe em oposição a um corpo considerado ideal, belo e saudável. Desta maneira, através de muitos investimentos, é possível alcançar a saúde, imputada como *dever* do indivíduo (SUDO; LUZ, p. 1039).

É preciso acrescentar que a mídia também se pauta na perspectiva da biomedicina e que os critérios socioculturais determinam a necessidade de buscar saúde, coagindo o indivíduo a

praticar atividades de saúde, controlar alimentação ou se sujeitar a cirurgias que acabam se relacionando mais a estética do que propriamente a saúde (SUDO; LUZ, 2007).

Farias (2004) ressalta o fato de que a mídia possui a capacidade de influenciar os indivíduos por meio de um poder sedutor. As pessoas são sugestionadas sutilmente a imitar atos e hábitos de moda ou de consumo, sem que haja uma percepção da reprodução social, dos códigos culturais que se criou e o valor simbólico em si, tendo em mente apenas a vontade de saciar suas necessidades, sem notar que há de fato uma ordem social implícita.

Em uma sociedade emergida na cultura do consumo, o corpo é transformado em um objeto no ato de consumir (FARIAS, 2004). Com isso, a indústria da beleza encontra um campo propício para engajar os ideais de beleza corporal, lançando campanhas publicitárias, com o intuito de transformar o desejo em necessidade de forma infinita, o que pode produzir sentimentos de inferioridade e desprazeres entre aqueles que não estão dentro desse padrão.

Especificamente, com a expansão da tecnologia advinda da Revolução Industrial, “a industrialização e os meios de comunicação começam a funcionar como propulsores da comunicação de massa” (MAROUN; VIEIRA, 2008, p. 175). Pode-se considerar que:

A tecnologia com base na informação e na ciência transformou nosso modo de pensar, produzir, consumir, comunicar e, conseqüentemente, alterou nosso modo de viver. Presenciamos mudanças tanto no plano da realidade sociopolítico e econômica como nos modos de subjetivação, o que também parece refletir no imaginário sobre o corpo (MAROUN; VIEIRA, 2008, p. 176).

Por este viés, Louro (2008, p. 19) salienta que as ordens e conselhos midiáticos, orientam os comportamentos, as preferências, as religiões, as recusas, além de “produzir nossos corpos e estilos, nossos modos de ser e de viver”. Nota-se que a mídia apresenta constantemente o pensamento de o corpo magro ser o mais adequado e na atualidade, as mensagens negativas enviadas pela mídia sobre o indivíduo gordo contribuem para o processo de objetivação do preconceito, da padronização corporal e da valorização da magreza como realização pessoal e social. Ao pensar em uma pessoa gorda, automaticamente nos vem à mente, a estigmatização e rotulação de algo feio, doente ou até mesmo engraçado (MELO; FARIAS; KOVACS, 2017), fato este presente nas percepções coletivas, internalizadas dos sujeitos individualmente.

De acordo com Sudo e Luz (2007), o que fica nítido diante das afirmações propagadas pelos meios de comunicação midiático, é que o corpo perfeito pode ser adquirido por qualquer pessoa, basta ter força de vontade. Portanto, “o gordo passa a ser encarado como possuidor de um corpo intolerável, numa sociedade em que todos os meios de se alcançar este corpo perfeito

são divulgados” (SUDO; LUZ, 2007, p. 1039). Mais uma vez aqui, a responsabilidade cai sobre o indivíduo.

A partir destas considerações, fica explícito que as mensagens dissipadas pela mídia, ficam em evidências no que se refere as características pejorativas contra as pessoas consideradas gordas. Evidencia-se então que o discurso midiático influencia na maneira de ver o corpo contribuindo para desvalorização do corpo gordo. O que fica claro é que a mídia desempenha um papel mediador quanto aos cuidados corporais, principalmente sobre a vigilância alimentar, determinando por meio de publicidades a forma ‘correta’ de comer. Com isso, retorna-se a questão das vantagens das indústrias alimentícias em relação a construção do corpo perfeito, com o fornecimento de alimentos *diet* e *light*.

As preocupações com alimentos, antes tida como principal fonte de nutrição para alimentação humana, no caso a gordura, agora, é considerada a grande vilã para obter saúde e o corpo ideal ao promover o colesterol. Especialmente a partir dos “anos 1960, a má reputação do colesterol começou a transpassar a esfera exclusiva da medicina com a ajuda da mídia, se estabelecendo no senso comum” (SANTOS, 2008, p. 36).

Tais evidências, relatam a força que a mídia possui sob a objetivação de conceitos, uma vez que estabelece critério de como os corpos e a alimentação dos indivíduos devem ser. As mensagens midiáticas configuram estilos de vida aliançado a busca da beleza, energia e mobilidade para os corpos, o que “frente a estas representações construídas levam a uma opção: a busca do corpo magro” (SANTOS, 2008, p. 102). Então,

“Especialistas” das mais diversas áreas dizem-nos o que vestir, como andar, o que comer (como e quando e quanto comer), o que fazer para conquistar (e para manter) um parceiro ou parceira amoroso/a, como se apresentar para conseguir um emprego (ou para ir a uma festa), como “ficar de bem com a vida”, como se mostrar sensual, como aparentar sucesso (LOURO, 2008, p. 18).

Sudo e Luz (2007) discutem sobre o fato de que “nossos corpos se tornam produtos dos discursos que dão consistência simbólica à vida social” (p. 1039). Não obstante, os meios de comunicação não indicam a realidade social, no caso, eles a formam. As denotações negativas acerca dos gordos são geradas inconscientemente a partir de mensagens que impõem que ser gordo é feio e patológico (GIDDENS, 2002). Assim,

Do ponto de vista dos sujeitos, estes, em certa medida, também selecionam o padrão que lhes convém [...] que distancia da idéia de mera “imposição” dos padrões de beleza. Esta imposição geralmente é atribuída à mídia que parece assumir uma feição quase que diabólica e homogênea nas suas mensagens (SANTOS, 2008, p. 115).

A mídia impacta não somente nas questões relacionadas ao peso. Louro (2008) explica que os esquemas midiáticos tendem a influenciar e monitorar opiniões acerca de gênero. Então, sua ação se torna eficaz como uma pedagogia cultural que rege em como os indivíduos devem se comportar e ser.

2.4 Gordofobia e estereótipo de gênero

Ainda no dinamismo cultural, notavelmente sobressai as desigualdades de gênero na sociedade. As diferenças entre os sexos feminino e masculino tendem formar barreiras que um ou outro não devem ultrapassar. E é nesse contexto que os corpos entram como dispositivos de distinções entre os sexos (LOURO, 2000), isso é, o corpo oferece garantias de identificações por meio dos aspectos biológicos, em que indivíduo é definido como masculino ou feminino.

Segundo Butler (2000), o corpo em sua materialidade, é definido pela sentença do sexo biológico, culminando em diferenças sexuais. O sexo exerce sentidos nas práticas regulatórias que ao mesmo tempo, produz o próprio corpo que governa. Desta maneira, “o que constitui a fixidez do corpo, seus contornos, seus movimentos, será plenamente material, mas a materialidade será repensada como o efeito do poder, como o efeito mais produtivo do poder” (p. 111). O sexo é o fator que qualifica o corpo para a vida na extensão cultural. Além do mais,

Nossos corpos constituem-se na referência que ancora, por força, a identidade. E, aparentemente, o corpo é inequívoco, evidente por si; em consequência, esperamos que o corpo dite a identidade, sem ambigüidades nem inconstância. Aparentemente se deduz uma identidade de gênero, sexual ou étnica de "marcas" biológicas; o processo é, no entanto, muito mais complexo e essa dedução pode ser (e muitas vezes é) equivocada (LOURO, 2000, p. 8).

Equitativamente a gordofobia, as diferenças de gênero se constroem no interior de uma cultura, em que o corpo é a base para determinar tais distinções sociais. Os parâmetros sociais que definem o conceito de ser homem ou ser mulher, ou como devem ser seus corpos e sua aparência corporal, se ancoram em comportamentos, modo de vida, gestos, valores e preferências ensinados no cotidiano de uma cultura, que ocorre ao longo da vida, ou seja, os papéis sociais, “nada há de puramente “natural” e “dado” em tudo isso: ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura” (LOURO, 2008, p. 18).

De acordo com Farias (2004), foi a partir de discussões de gênero que iniciaram as inquietações sobre as imposições sob o corpo feminino, sobretudo, as reivindicações não foram efetivas a princípio. Atualmente, considera-se que o movimento feminista, o qual desencadeou as discussões de gênero, passou por quatro fases. O primeiro momento, se relaciona ao

movimento sufragista, na busca ao direito do voto feminino, e melhores condições de trabalho e salário, no caso do Brasil, principiou-se na Proclamação da República, findando-se na Constituição de 1934, quando as mulheres obtiveram o direito ao voto.

O segundo momento, no contexto brasileiro, os movimentos feministas aliam-se a oposição da ditadura militar e ao movimento de redemocratização (FARIAS, 2004). No espaço mais amplo, essa fase se destaca pela onda de questionamentos dos movimentos europeus entre os anos de 1960 e 1970, e com a utilização da terminologia gênero, a qual obteve credibilidade nas academias por volta de 1980.

Quanto ao terceiro momento, Rocha (2017) traz como destaque as discussões da autora Judith Butler a partir de 1990, requerendo uma reflexão sobre os momentos anteriores, a fim de desconstruir alguns dogmas arraigados e não vistos por eles sobre o conceito de gênero e a necessidade de denominar o indivíduo em masculino e feminino. A partir disso, os questionamentos são direcionados para além dos direitos humanos, mas também, o direito da liberdade identitária.

O quarto momento é caracterizado por sua relação com as redes eletrônicas, denominando o ativismo digital e o Ciberfeminismo (ROCHA, 2017). A tecnologia de comunicação coopera para a pluralidade de discussões e vertentes ideológicas acerca de gênero. Com o auxílio da internet, a atuação feminista contestou rótulos sociais centrados na superioridade masculina, visando o empoderamento das mulheres.

Segundo Torrrão Filho (2005), conceito de gênero foi criado com objetivo de contrapor o determinismo biológico existente nas relações entre os sexos. O gênero transforma seres biológicos macho e fêmea em homem e mulher como seres sociais, além de outorgar significados às diferenças entre os sexos. A vantagem de utilizar gênero quanto categoria de análise científica, refere-se a promover uma transformação ao saber tradicional, uma construção inovadora, instigando a uma criticidade dos trabalhos já produzidos.

Louro (1995) considera a utilização desse conceito como a grande virada, isso é, gênero deixa de ser sinônimo de mulher e passa então a se definir como discussões das relações entre os sexos, pois “nesse processo temos mais possibilidades, no meu entender, de perceber comportamentos, valores, espaços, funções, atribuídos a homens e mulheres, não como consequências naturais de seu sexo, mas sim como construções sociais” (p. 126). Cria-se a oportunidade de sistematizar e problematizar questões de pouco interesse da ciência, no caso, analisar as relações de gênero no universo científico.

Na perspectiva das Teoria das Representações Sociais, por meio dos estudos de Jodelet (2001), percebe-se que as construções científicas são essenciais para observar os fenômenos em

geral, tornando-os em objeto de pesquisa. Ao envolver o objeto aos instrumentos conceituais e metodológicos, cria-se categorias que possibilitam analisar os aspectos sensíveis e pouco notáveis.

Conforme Scott (1995), para analisar as relações de gênero, faz-se necessário utilizar tanto posições teóricas, quanto referências descritivas, pois questões de gênero não é explicada por categorias de classe econômica ou histórica. Como bem aponta Torrão Filho (2005, p. 132) “as marxistas estão muito presas à causalidade econômica e não explicam como o patriarcado se desenvolve fora do capitalismo”. Desta maneira,

O conceito de gênero vai representar uma outra mudança nesse campo. Numa caminhada que já ultrapassara a denúncia da opressão e a descrição das experiências/vivências femininas, os textos acadêmicos começavam a ensaiar explicações, a promover articulações com paradigmas ou quadros teóricos "clássicos" ou emergentes, a propor novos paradigmas. Dentre essas diferentes perspectivas, surge o conceito de gênero, referindo-se à construção social e histórica dos sexos, ou seja, buscando acentuar o caráter social das distinções baseadas no sexo. Num primeiro momento, as feministas anglo-saxãs que passam a empregar o conceito têm como alvo os partidários das interpretações biologistas, aqueles que atribuem às diferenças biológicas as distinções sociais, ou melhor, que ancoram na biologia os arranjos sociais desiguais e hierarquizados de homens e mulheres. O uso do conceito tem também, a princípio, uma motivação estratégica, no sentido de tentar contribuir para a legitimação dos estudos sobre a mulher, conferindo-lhes um caráter mais acadêmico e menos militante (LOURO, 1995, p. 103).

Quanto ao quesito história, relembremos as afirmações de Moscovici (2011), as quais revelam que as representações sociais carregam e reproduzem fatores históricos que caracterizam as sociedades. Contudo, Scott (1995) ressalta que a história das mulheres esteve paralela a história dos homens. A história em si não seria capaz de desvendar as especificidades das relações de gênero (TORRÃO FILHO, 2005), uma vez que esta, não apresenta a participação das mulheres em sua constituição, as quais foram eximidas do mundo público. As mulheres não foram percebidas pelos escribas da história, e quando foram anunciadas, ocorreu de forma estereotipadas e de menor valor, e com isso,

Fica evidente, diante desta perspectiva, que o conhecimento histórico não é o documento fiel da realidade vivida, logo, não documenta as reais e únicas condições vivenciadas por homens e mulheres ao longo do tempo, ela sim, oferece um modo de compreensão e uma contribuição ao processo através do qual gênero é produzido (SIQUEIRA, 2008, p. 111).

Nesta conjuntura, Torrão Filho (2005) afirma que, especificamente no ano de 1960, as feministas pleitearam que a historiografia contivesse a atuação de mulheres na história e expusesse o autoritarismo patriarcal. Os estudos femininos, tendo gênero como categoria de análise, teria a tarefa de decifrar essa história, numa discussão recíproca a dos homens e não

parcialmente. Posteriormente os estudos se submergiram a um desafio teórico de relacionar a história das mulheres aos assuntos nobres como a economia, política entre outros, o que

Nessas circunstâncias, o uso do termo “gênero” visa indicar a erudição e a seriedade de um trabalho, pois “gênero” tem uma conotação mais objetiva e neutra do que “mulheres”. O gênero parece integrar-se à terminologia científica das ciências sociais e, por consequência, dissociar-se da política (pretensamente escandalosa) do feminismo. Neste uso, o termo gênero não implica necessariamente na tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, nem mesmo designa a parte lesada (e até agora invisível). Enquanto o termo “história das mulheres” revela sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais) que as mulheres são sujeitos históricos válidos, o “gênero” inclui as mulheres sem as nomear, e parece assim não se constituir em uma ameaça crítica. Este uso do “gênero” é um aspecto que poderia ser chamado de procura de uma legitimidade acadêmica pelos estudos feministas nos anos '80 (SCOTT, 1995, p. 2).

De acordo com Scott (1995), o uso do termo gênero para substituir mulheres, rompe com a ideia de que os sexos não são correlacionados, uma vez que gênero seja utilizado especificamente para identificar as relações sociais entre eles. As explicações biológicas são refutadas, pois são motivos de subordinação, devido a lógica de que as mulheres são para ter filhos e os homens dotados de força superior. Entende-se gênero como:

[...] uma maneira de indicar as “construções sociais”: a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens (SCOTT, 1995, p. 3).

Em meio dos esforços de se descobrir uma teoria que possibilite analisar gênero, Scott (1995, p. 6) deixa claro que, acima de tudo, para se ter êxito nesse encargo, é necessário “dar uma certa atenção aos sistemas de significação, isto é, as maneiras como as sociedades representam o gênero, utilizam para articular regras de relações sociais”. Regras essas, referentes a uma construção social, que são produzidas e reproduzidas em todos os espaços sociais, sendo que:

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo (LOURO, 2008, p. 18).

Apesar de já haver conquistado seu espaço nas academias, a história feminina, por muito tempo foi compreendida apenas como conversa de mulheres, específica ao contexto familiar,

reprodução e afazeres domésticos (TORRÃO FILHO, 2005). Estes conteúdos divergiam dos aspectos relevantes à história, como a própria existência das mulheres ocupando um espaço público. Para Siqueira (2008), os relatos feitos por historiadores (as), esclareciam a vida das mulheres em seu dia a dia, dando evidência a sua participação no processo de industrialização e sua entrada ao mercado de trabalho, todavia, não relatavam assuntos esclarecedores em relação ao desprezo dado às mulheres no passado.

Por esse prisma, Louro (1995, p. 118) postula que “os homens teriam o poder de Estado, o poder político, o poder das decisões e do espaço público, e as mulheres teriam os poderes informais, os poderes domésticos, dos bastidores, das influências, etc.”. Embora esta argumentação admita de alguma forma, que as mulheres tenham determinados poderes, a autora deixa claro a invisibilidade feminina perante a vida social, pois se trata de comandos do submundo, portanto, inferiores.

Diante dessa invisibilidade, no ano de 1980 o maior número de produção da história das mulheres trazia como objeto de seus estudos, a mulher como sujeito histórico (SIQUEIRA, 2008), o que Louro (1995) denomina como reviravolta teórica, em que a história das mulheres passa para a história das relações de gênero. Esta atitude demandou a relevância da mulher na construção histórica e então o conceito gênero surge, a fim de discutir da forma mais rigorosa possível, os motivos e reprodução da apatia da mulher em produções científicas históricas.

Nessa dinâmica histórica, Louro (1995) dispõe as discussões sobre gênero no contexto da História da Educação, por entender que, “como historiadoras/es da educação, não podemos ignorar os debates que mobilizam os/as historiadores/as em geral. A ‘entrada’ do gênero nesse debate teórico precisa, portanto, ser também por nós refletida” (LOURO, 1995, p. 107). Infere-se assim que a História da Educação se constitui deliberadamente numa referência masculina, escrita sempre no masculino.

A história em si, no contexto social, é ensinada e transmitida aos indivíduos pelas relações sociais. Na educação isso não difere, as práticas que educam os sujeitos são compostas por divisões e distribuições de espaços físicos, comportamentos e vestimentas, as quais formam doutrinações e diferenças de gênero.

Neste caso, há o sobreaviso de que as meninas tiveram uma educação escolar diferente dos meninos, “e aqui lembro em especial da educação dos meninos nos colégios jesuítas, seu exemplo sempre repetido nas pesquisas educacionais” (LOURO, 1995, p. 123). Tal processo, evidencia a criação de universos paralelos entre o homem e a mulher, construindo oposições binárias, legitimando uma hierarquização entre os sexos, alegando que não podem de forma alguma, serem iguais. A autora ainda faz menção a própria experiência escolar:

Minhas lembranças escolares parecem menos duras. Mas hoje tenho consciência de que a escola também deixou marcas expressivas em meu corpo e me ensinou a usá-lo de uma determinada forma. Numa escola pública brasileira predominantemente feminina, os métodos foram outros, os resultados pretendidos eram diversos. Ali nos ensinavam a sermos dóceis, discretas, gentis, a obedecer, a pedir licença, a pedir desculpas (LOURO, 2000, p. 11).

Ao analisar questões referentes ao corpo em contexto escolar, Louro (2000) observou que há pouca importância sobre o tema, e que os assuntos cognitivos sobressaem. O corpo nos parâmetros ocidentais, é considerado desvinculado da mente, mas as preocupações perante os corpos ganham nota, quando se trata em “vigiar, controlar, modelar, corrigir, construir os corpos de meninos e meninas, de jovens homens e mulheres” (LOURO, 2000, p. 60).

Neste sentido, Scott (1995) argumenta que, desde criança, o sujeito está submerso à ordem simbólica contida na cultura e a linguagem é o fator crucial para construir a identidade de gênero. Para discorrer sobre assuntos voltados ao corpo, é necessário entender também concepções sociais referentes a ele, uma vez que este é o centro para distinções nas relações entre os sexos. Com isso, é uma preocupação social,

Observar os corpos de meninos e meninas; avaliá-los, medi-los, classificá-los. Dar-lhes, a seguir uma ordem; corrigi-los sempre que necessário, moldá-los às convenções sociais. Fazer de tudo isso de forma a que se tornem aptos, produtivos e ajustados - cada qual ao seu destino. Um trabalho incessante, onde se reconhecem - ou se produzem - divisões e distinções. Um processo que, ao supor “marcas” corporais, as faz existir, inscrevendo e instaurando diferenças (LOURO, 2000, p. 61).

A autora ainda salienta que a sociedade dá tanta importância para os aspectos biológicos, isto é, as genitálias, a ponto de entendê-las como definidoras de identidade sexual. Os corpos ganham visibilidade quando o assunto é gênero, constituindo regras sob os sujeitos em que “ser do gênero feminino ou masculino, como já vimos, implica em perceber e estar no mundo de modos diferentes, do ponto de vista concreto e simbólico” (LOURO, 1995, p. 123).

Para Torção Filho (2005, p. 134), as diferenças que constituem as relações de gênero, “se fundam em símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações e mitos”, as quais são expressadas em doutrinações religiosas e educativas que produzem concepções de feminino e masculino. Assim,

As múltiplas técnicas usadas pelas diversas instituições sociais, de modo particular, e, no que aqui nos interessa, nas escolas (ginásticas, exercícios, memorizações, repetições, filas, etc.), para adestrar corpos e almas, sem dúvida disciplinaram e moldaram esses sujeitos, reprimiram gestos, suprimiram expressões; também construíram posturas, comportamentos, movimentos e produziram consciência do próprio corpo - em homens e mulheres -; instituíram saberes e constituíram “verdades” (LOURO, 1995, p. 123).

A referida autora explica que analisar as questões de gênero possibilita a reflexão dos papéis sociais pautados no sexo. Isso implica em considerar que os sujeitos se constituem homem e mulher por meio de práticas sociais “masculinizantes e feminizantes” em um processo dinâmico e o gênero uma categoria objetivada, submersa na sociedade. De acordo com a autora, gênero assoma representações simbólicas impostas pela cultura, ensinadas pela educação, religião, política, pela ciência e outras instituições sociais.

Nesta lógica, Siqueira (2008) e Scott (1995) afirmam que gênero se constitui nas relações sociais, pautadas nas diferenças entre os sexos como um instrumento que concebe as relações de poder. Diferenças essas, que são construídas pela cultura, numa organização social, estruturadas para ordenar e controlar as ações dos indivíduos, em forma de significados que nascem de uma disputa política que alimentam a dominação do sexo masculino sob o feminino.

Farias (2004) também ressalta que as características ligadas ao gênero não são inatas é a sociedade por meio da cultura que constrói homens e mulheres. As representações de gênero transmitidas no social designam que o sexo feminino deve ser dedicado a ternura, a família e ao corpo, em que a mulher seja meiga e frágil, enquanto os homens representem bravura, força e proteção.

Sob tal afirmativa, o sexo masculino deve possuir habilidades de conter seus sentimentos, sem expressá-los publicamente, pois essa seria uma característica estritamente feminina (LOURO, 2000). Por conseguinte, é comum entre os homens de várias sociedades, a preservação da dureza, da competição, e da insensibilidade, marcando um território exclusivo aos homens, o que significa que,

Para um garoto (mais do que para uma garota) tornar-se um adulto bem sucedido implica vencer, ser o melhor ou, pelo menos, ser "muito bom" em alguma área. O caminho mais óbvio, para muitos, é o esporte (no caso brasileiro, o futebol), usualmente também agregado como um interesse masculino "obrigatório" (LOURO, 2000, p. 15).

De modo geral, nota-se que ambos os sexos sofrem pressão a terem papéis específicos na sociedade, incluindo que suas ações e pensamento sejam adequados ao posicionamento das relações de gênero. Mas as mulheres geralmente são condicionadas a papéis inferiores, com atividades excluídas pelos homens, ou seja, os cuidados dos filhos, os afazeres domésticos, limitando sua ação ativa na sociedade. Tendo em vista a estruturação social, buscou-se dar atenção aos significados das estruturas, as organizações das culturas e instituições, a fim de

analisar seu funcionamento, quanto aos conceitos de gênero se fecunda e se fixa nas concepções sociais normativas (SIQUEIRA, 2008). Faz-se necessário,

Examinar gênero concretamente, contextualmente e de considerá-lo um fenômeno histórico, produzido, reproduzido e transformado em diferentes situações ao longo do tempo. Esta é ao mesmo tempo uma postura familiar e nova de pensar sobre a história. Pois questiona a confiabilidade de termos que foram tomados como auto-evidentes, historicizando-os. A história não é mais a respeito do que aconteceu a homens e mulheres e como eles reagiram a isso, mas sim a respeito de como os significados subjetivos e coletivos de homens e mulheres, como categorias de identidades foram construídos (SCOTT, 1994, p. 19).

Dado a construção social quanto ao sexo, a análise de práticas sociais se torna elemento fulcral para entender a imposição ideológica que corrobora para a desigualdade de gênero e a conservação e rearticulação da rejeição contra o corpo gordo. Estas práticas podem evidenciar em como a gordofobia atinge mais ao sexo feminino e seja admitida na sociedade.

Uma vez entendido que o corpo é o *locus* da construção das identidades e que por ele, é possível fazer leitura da identidade dos sujeitos, Louro (2000) relata que o corpo da mulher se perdura como alvo, especificamente, como representante de estereótipos que caracterizam socialmente o sexo feminino que,

Marcado pela história, moldado e alterado por distintos discursos e práticas disciplinadoras, o corpo da mulher permanece, ainda hoje, como o alvo mais visível e o mais claro representante da sexualidade. De algum modo, ele carrega toda a ambivalência que, historicamente, lhe foi atribuída: mantém-se "problemático", escorregadio, fragmentado em representações divergentes ou antagônicas. A mãe e a prostituta, a garota boazinha e a má podem assumir outras designações, mas continuam acenando para uma divisão e um sistema classificatório que toma a sexualidade como referência (LOURO, 2000, p. 71).

Sob a mesma ótica, Carvalho (2018) argumenta que tais representações apresentam olhares degenerados quanto a pessoa gorda, em particular, o corpo feminino, concebendo então, padrões que acabam marginalizando a mulher gorda. Em seus estudos, Araújo (2014) também aponta o fato de que a mulher é a mais afetada pelo preconceito, o que leva a percepção da distinção social devido as questões de gênero.

De acordo com Torrão Filho (2005), o gênero dá significado às relações de poder, em que expressa as diferenças de gênero até mesmo nos elementos materiais na organização dos lares, como as decorações, a rotina doméstica, a organização dos móveis e cômodos, que efetuam diferenças sexualizadas. Portanto, o gênero possibilita compreender a organização sólida e simbólica da vida social, vislumbrando o vínculo de poder entre os sexos.

As distinções entre os sexos presumem quais são os aspectos que moldam a identidade do masculino e feminino (TORRÃO FILHO, 2005). Os seres sociais, isso é, o homem e a mulher, aprendem a ter características que os definem como masculino e feminino. É preciso lembrar, que ambos os sexos são oprimidos a manter essa postura, ou seja, o homem é sempre monitorado para manter a masculinidade, polir-se na arte da dominação, enquanto a mulher deve ser suave, bondosa, contida e subordinada ao sexo oposto. Um fato interessante a ser destacado é que não basta as distinções nos papéis sociais, a organização social ainda estipula que haja sempre uma hierarquia, em que o sexo feminino seja inferior ao masculino para manter um equilíbrio nas relações “normais” entre homens e mulheres.

A diferenciação devido ao gênero se atém ao significado social que o sexo se apropria por meio da cultura. Logo, gênero aqui é retratado como uma construção social, construído pelos sujeitos, concomitantemente para os sujeitos, sob leis que “impõe as citações e as aproximações diferenciadas chamadas ‘femininas’ e ‘masculinas’” (BUTLER, 2000, p. 123).

As concepções sociais de ser homem e mulher, criam discursos de uma essência natural dos sexos e então esses seres não podem jamais cruzar a linha que caracteriza suas identidades, devendo manter-se incorrupto aos padrões que lhe são designados. Isso delibera que a mulher nunca seja ou tenha atitudes semelhantes às do homem, pois não dispõe das atribuições necessárias para sê-lo, do mesmo modo, o homem não se condicione a ser uma mulher, delicado, sensível e amável, porquanto sua sexualidade será ameaçada. Com isso,

[...] o feminino é a grande ameaça à heterossexualidade do homem; cada época define a categoria do risco, mas o feminino é sempre a ameaça ao homem. Por outro, a masculinidade é interdita à mulher, pois a mulher no lugar do homem é o “mundo às avessas”, a ordem corrompida, a natureza ultrajada. Portanto, homens homossexuais rebaixam seu sexo escolhendo estar abaixo de outros homens; e as mulheres lésbicas, por sua vez, usurpam um poder que não lhes pertence, e ao qual sequer podem usar, já que são desprovidas dos meios da consumação da masculinidade (TORRÃO FILHO, 2005, p. 143).

E assim, homens e mulheres seguem “naturalmente” em seus papéis estabelecidos socialmente e “neste caso, a natureza explica a essência de cada sexo e perverter esta distribuição de atributos é perverter a própria natureza” (TORRÃO FILHO, 2005, p. 144). O poder sob o gênero se constitui como domínio político, tendo uma constante vigilância.

Tal afirmativa nos leva a compreensão da existência das relações de poder, a qual o gênero é considerado como campo primário (SCOTT, 1995). Essas relações de poder são recorrentes e trazem significados específicos de cada sociedade e período histórico, pois “em suas relações sociais e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições em forma de ser e de estar no

mundo” (LOURO, 1997, p. 28). Assim, compreendemos a necessidade em que a sociedade possui, em estruturar papéis sociais entre homens e mulheres, em que o primeiro, quase sempre é tido como ponto de referência, fato esse que também é evidenciado nas configurações dos corpos.

Percebe-se que as ponderações que estabelecem o controle dos corpos em torno das relações de gênero “[...] é uma forma de descrever e analisar as performances que os corpos geram e, ao recortar sobre os corpos gordos femininos” (CARVALHO, 2018, p. 32). Tal fato explica o domínio arbitrário na formação identitária da mulher, principalmente no que diz respeito em padronizar o corpo feminino, subjugando-o por não atender ao padrão de beleza estipulado socialmente.

De acordo com Stenzel e Guareshi (2002), a mulher é reparada por sua aparência física, por suas curvas, constituídas para convir às viabilidades associadas a beleza corporal, prestigiada pela estética. A obesidade pode estar vinculada a fundamentação das relações de poder interpolado aos gêneros em que “As mulheres continuam a ser estimuladas a corresponderem à ditadura dos desejos de outrem e não aos delas próprias” (STENZEL; GUARESHI, 2002, p. 191).

Nota-se que a imagem feminina está sobreposta à da beleza, da juventude e da saúde (FARIAS, 2004). A figura da mulher é exposta constantemente a fim de avigorar o modelo corporal instituído, coagindo ao autocontrole. Embora haja atualmente o empreendimento de inserir o sexo masculino no mundo da beleza, essas práticas são vedadas pelo senso comum de que o desvelo corporal é procedente à homossexualidade e o embelezamento corporal é tido como uma regra moral e cultural para as mulheres. Portanto,

Para a mulher, não basta ser uma boa mãe, uma esposa dedicada e uma profissional competente, é preciso estar bela para que cada um desses papéis seja socialmente valorizado. Não cultivar a beleza é sinal de falta de vaidade, um qualitativo depreciativo da moral (FARIAS, 2004, p. 41).

A construção da beleza feminina é marcada por fadiga, empenhos exaustivos que envolvem tempo e dinheiro a fim de modelar seus corpos. Por meio dessa busca da beleza, quiçá ilusória, as mulheres são educadas a “vigiar e manipular, espontaneamente, seus corpos com os mecanismos que o mercado oferece” (FARIAS, 2004, p. 43), aprendendo a ser disciplinada e competitiva quanto aos seus corpos.

Anteposto socialmente a exaltação da magreza, a gordura corporal tem sido um pivô da exclusão feminina. A mulher gorda é vista como representação de fracasso, de invalidez diante

de seu corpo (FARIAS, 2004). Essas representações engendram sentimento de culpa nessas pessoas que não se encontram dentro dos padrões de beleza.

Para finalizar, é importante refletir que ao fazer uma relação do corpo com as percepções corporais em diferentes contextos históricos, percebe-se os distintos significados e olhares que estão correlacionados as definições dadas pela cultura referente imagem corporal. Portanto, no momento atual, a cultura desenvolvida pela mídia, traz estereótipos negativos para a pessoa gorda, envolvendo ataques gordofóbicos, especificamente para o corpo feminino.

Diante desta dinâmica, entende-se que o corpo não se atém apenas em suas aptidões biológicas. Ao receber configurações simbólicas, torna-se elemento cultural e social, capaz de disciplinar as experiências sociais do sujeito, por meio de discursos que são construídos coletivamente, propagados, internalizados e objetivados pelo indivíduo, o que torna interessante então, uma análise dos aspectos corporais, relacionados ao fenômeno gordofobia no campo acadêmico e também no campo educacional.

3. CONTEXTUALIZANDO A PRÉ-ADOLESCÊNCIA E A GORDOFOBIA EM ÂMBITO ESCOLAR

Julgando que a escola faz parte do contexto social e está submersa aos conceitos culturais, este capítulo tem como objetivo, analisar as especificidades da pré-adolescência, relacionando esta fase do desenvolvimento com os conflitos escolares, envolvendo a gordofobia, violência e *bullying*.

3.1 Definição da pré-adolescência e a ação gordofóbica nesta fase do desenvolvimento

A formação de conceitos ocorre a partir de representações contidas na cultura, as quais influenciam a subjetividade do indivíduo. Tendo em vista essa afirmação, acreditamos que a objetivação de conceitos e representações acontece desde a infância, por meio de experiências e relações sociais.

Desde as primeiras fases do desenvolvimento humano, o indivíduo está exposto a valores corporais que refletem os sentidos dados ao próprio corpo e então as “nossas representações de nossos corpos, de nossas relações com outras pessoas, da justiça, do mundo, etc, se desenvolvem da infância à maturidade” (MOSCOVICI, 2011, p. 108).

Faz-se necessário analisar as diferentes etapas do desenvolvimento humano, tendo como interesse específico a pré-adolescência. O indivíduo visto no contexto escolar, inserido no dinamismo social, está submerso na cultura da magreza, portanto, internaliza ideologias ancoradas e compartilhadas pelos grupos, quando não adeptos aos critérios socioculturais, tendem a sofrer retaliações. Pode-se afirmar que:

A criança aprende e internaliza um conjunto de valores, a linguagem e as atitudes sociais; ela modela seu comportamento pelo comportamento dos adultos e pelo de seus colegas. Finalmente, quando ela mesma se torna um adulto, se integra ao grupo que a preparou adequadamente para sua pertença a ele. Quando esse estágio é alcançado, dificuldades de ajustamento podem surgir somente se a pessoa não teve sucesso nessa assimilação apropriada, ou na aplicação adequada dos princípios que lhe foram ensinados (MOSCOVICI, 2011, p. 156).

Tal afirmativa evidencia que o indivíduo é moldado por meio da interação social, interiorizando as representações já estipuladas e que regerão suas atitudes e pensamentos dados por um grupo feito, estável, ao qual deverá se adequar. As condições sociais são determinantes para formação de identidade, fazendo com que o indivíduo desempenhe papéis que lhe são incumbidos, desde o início do desenvolvimento humano, tendo em vista que:

O desenvolvimento dessa concepção depende, na realidade, da aceitação de diversos pressupostos. O primeiro é que a pessoa é uma unidade biológica, que deve ser transformada em uma unidade social, o segundo, que a sociedade é um “dado” imutável, encontrado pelo indivíduo como um ambiente já pronto, em uma estrutura de círculos concêntricos, constituídos pela família, grupos de companheiros e aos grupos mais amplos e instituições, para as quais ele se dirige e aos quais deve se adaptar. O terceiro pressuposto é que o indivíduo é inexoravelmente absorvido pelo seu ambiente social (MOSCOVICI, 2011, p. 156).

É preciso considerar o fato de que os pré-adolescentes como qualquer outro ser social, está imerso ao dinamismo grupal, o qual norteará as compulsões e ansiedade perante seus corpos. Por intermédio dos grupos, a identificação de si e os empasses emocionais, são desenvolvidos e os sujeitos se submetem a conformidade do grupo, o qual intervém na constituição de gostos, valores, crenças e preferências (FARIAS, 2004), e que,

[...] segundo esta perspectiva da Psicologia Social, as pessoas agem segundo os valores e as ideias predominantes, valores e ideias que são necessários para haver o domínio do mundo material e social. Normalmente este domínio acontece por parte de pequenos grupos que se consideram mais desenvolvidos numa determinada cultura e que estabelecem as regras que devem ser seguidas por toda a população (GONÇALVES, 2009, p. 22).

Embora o foco de seus estudos não seja a pré-adolescência em si, Stenzel e Guareshi (2002) sinalizam em sua pesquisa, que os adolescentes dispõem de uma percepção singular quanto a realidade social. Sua maneira de pensar e agir é multiforme, gerando por sua vez, uma compreensão corporal também distinta.

Para os autores, durante a adolescência (incluo aqui a pré-adolescência), o corpo é um problema cêntrico, pois se trata do surgimento das mudanças marcantes na vida do ser humano, tornando-se condutor de seus embates e anseios (STENZEL; GUARESHI, 2002). Do mesmo modo, Araújo et al. (2012, p. 137) analisam esse cenário de mudanças com a “existência de contradições, conflitos e ambivalências na vida desses indivíduos”, as quais podem ser caracterizadas como uma reação a busca de identidade.

Já Farias (2004) concentra seus estudos especificamente com indivíduos entre 9 a 12 anos, idade esta que representa a pré-adolescência. Para a autora, a pré-adolescência se caracteriza como uma fase sem encantos para os indivíduos e nesta idade, o ser humano não se vê mais criança e tampouco alcançou a mocidade para expor sua sensualidade. Esta etapa do desenvolvimento é indiciada como “ocultamento social”, devido à pacificidade em aguardar a mocidade e obter participação social.

Ademais, Farias (2004) menciona que o período da pré-adolescência ocorre “entre” a infância e adolescência. Os interessados neste público, especificamente no campo empresarial,

acreditam que os pré-adolescentes podem ser persuasivos quando desejam algo voltado a imagem corporal. Contudo, ainda são recentes as inspirações em averiguar o comportamento e as especificidades desta fase, fazendo deste campo um setor pouco explorado. Por isso,

É importante ressaltar que a literatura faz menção aos estágios do ciclo de vida iniciando na infância, passando pela adolescência, atingindo a idade adulta. Entretanto, jornalistas têm feito menção a uma nova categoria situada entre a infância e adolescência: a pré-adolescência (FARIAS, 2004, p. 9).

A fase da pré-adolescência não acontece de forma homogênea aos indivíduos. Intrinsecamente vinculada ao crescimento e desenvolvimento humano, há uma pluralidade que incita a subjetividade nesta ordem. Para melhor compreendê-la, é preciso “analisar a influência dos marcadores de classe, raça e gênero no contexto da cultura à qual estão inseridos” (FARIAS, 2004, p. 9), para então avistar o sentido social em pauta.

A princípio, a pré-adolescência apresenta-se como uma categoria vinculada a fatores biológicos e cronológicos. No entanto, não se pode desconsiderar as influências sociais e culturais, que se manifestam nas mudanças de papéis, ideias e atitudes (FARIAS, 2004, p. 9).

As experiências desses indivíduos são estritamente desenvolvidas a partir das relações sociais entre seu próprio corpo e do outro, em que a imagem corporal é levada em grande consideração. Com isso, “aparência é visualizada pela via problema, ou seja, *problemas do corpo*, que tem como contraponto o corpo *ideal ou perfeito*” (STENZEL; GUARESHI, 2002, p. 187, grifo do autor).

A aparência é um fator significativo para os pré-adolescentes (FARIAS, 2004). Numa busca infinita de pertencer a um grupo específico, procuram se comportar igualmente aos demais, a fim de se sustentar no meio coletivo. No momento em que não se veem aceitos perante o grupo social, principalmente pela aparência corpórea, buscam radicalmente assegurar seu pertencimento para não serem excluídos, uma vez que,

Sentindo-se excluído, quando não se enquadra no padrão de beleza vigente, este público procura vestir como o seu grupo social para assegurar sua participação. Com este mesmo intuito, frequentam academias, fazem dietas e sentem-se culpados quando não conseguem resistir às guloseimas (FARIAS, 2004, p. 9).

De modo geral, Farias (2004) afirma que esta fase transitória tende a ter conflitos, principalmente pelo desejo de autoafirmação. Expostos ao preconceito, os pré-adolescentes podem não ter sucesso na construção de sua imagem e identidade e estes indivíduos somente se sentem integrados socialmente, a partir de seu pertencimento grupal, o qual é tido como

referência em sua constituição identitária, em que o corpo ideal é o centro de atributos simbólicos que definem sua participação social.

Neste sentido, Araújo et al. (2012) alertam que especificamente na adolescência os indivíduos apresentam vulnerabilidade em relação ao desenvolvimento psicológico e esta fase se torna complexa e propensa a desenvolver problemas psicoafetivos e na construção da personalidade. Sob estes argumentos, compreende-se que, embora a pré-adolescência seja a princípio de ordem biológica, devido sua ligação com o crescimento e desenvolvimento humano, ela é paulatinamente construída por meio das percepções sociais e culturais como um processo da formação do homem (FARIAS, 2004), portanto, deve-se considerar que a concepção quanto a pré-adolescência parte de uma construção social e varia de cultura para cultura. O fator biológico não deve ser a única forma de analisar este público, mas também, pelos conceitos atribuídos socialmente em diferentes culturas.

À medida que se entente o poder da gordofobia na atualidade em que o gordo não possui produtividade (RANGEL, 2018), pode-se afirmar que em qualquer fase do desenvolvimento humano, o preconceito revigora, o que também acontece em qualquer esfera social, como no âmbito escolar. A tendência que constrói as concepções dos sujeitos é também prevalente nas escolas e “[...] estar acima do peso numa sociedade que valoriza a aparência física e o corpo ideal, significa poder fazer do indivíduo um alvo para discriminações em diversos contextos, sobretudo em idade escolar” (SCUTTI et al., 2014, p. 130).

Conforme relata Farias (2004), as representações corporais são responsáveis em conceder o sentido do corpo para os pré-adolescentes a procura de promoção social. Os alunos que não atendem ao protótipo da magreza, possivelmente serão alvo de discriminações e perseguições, devido a sua massa corporal, sofrendo exclusão social, agressões, apelidos ofensivos que causam desmotivação quanto a realização pessoal.

O indivíduo durante a transição da infância para adolescência, tende a conviver com diversos conflitos internos e pessoais, isso é, por si só, esta fase do desenvolvimento já possui complexidade e empasses, concernente as mudanças corporais ocorrentes da puberdade e luto pela infância (ABESTAURI; KNOBEL, 1981). Vale ressaltar, que esta etapa do desenvolvimento humano se destaca como um dos principais momentos em que ocorre a gordofobia, por considerar que:

Na sociedade, um fator importante que gera a exclusão social é o aumento de peso, que se tornou sinônimo de feiura e gera discriminação. As crianças e os adolescentes são os que mais sofrem com esse tipo de violência, que é atualmente denominada *bullying*, caracterizado por comportamentos agressivos e repetitivos feitos intencionalmente, com maior incidência na faixa etária de 11 a 15 anos, podendo ser

praticado de forma verbal (como apelidos pejorativos), física (com agressões) ou relacional (exclusão social) (SCUTTI et al., 2014, p. 131).

Sob esta perspectiva, Souza e Gonçalves (2019) explicam que por estes motivos existe a valorização exacerbada do corpo magro pelos pré-adolescentes. Segundo as autoras, o anseio de ser aceito, desencadeia sentimento de tristeza e de vergonha, causando dificuldade em se relacionar socialmente. Assim, pertencer ao padrão exigido está como primícias dos pré-adolescentes na tentativa de serem aprovados pelos grupos na escola.

Mediante estes argumentos, percebe-se “[...] que os adolescentes que fogem aos padrões sociais considerados normais sofrem de práticas excludentes” (NETO; CAMPOS, 2010, p. 17). Considera-se o espaço escolar como um lugar pertinente para ataques gordofóbicos, principalmente na pré-adolescência, porque a escola, como uma esfera social, reflete a realidade da sociedade em que o sujeito está inserido, além de proporcionar a formação de pensamentos.

A fase dos *complexos* possui um longo percurso, caracterizando a formação de conceitos desde o término da primeira infância até o início da adolescência, compreendendo, portanto, muitas variações funcionais e estruturais. O pensamento nessa fase, da mesma forma que nas demais, visa o estabelecimento de conexões entre diferentes impressões concretas, o estabelecimento de relações e generalizações de objetos distintos, implicando o ordenamento e sistematização da imagem psíquica (MARTINS, 2016, p. 114).

Conforme reporta Stenzel e Guareshi (2002), a insatisfação corporal dos adolescentes é quase que uma regra. Inclusos a um momento histórico que valoriza a magreza, esses adolescentes atribuem ao corpo gordo o denotativo de imperfeição, defeito em que “*Ser gorda* passa a ser associado aos problemas do corpo, anteriormente referidos; bem como o *ser magra*, ou o emagrecimento, passa a se agregar à imagem do corpo perfeito” (STENZEL; GUARESHI, 2002, p. 188).

Este contexto gera confusão no modo de ver o próprio corpo, explicando melhor, o fato de não possuir um corpo volumoso, não isenta o sujeito de se sentir gordo (STENZEL; GUARESHI, 2002). A questão levantada aqui é que as representações positivas do corpo magro, culminam automaticamente a aversão de outros modelos corporais, o que fica muito mais evidente nesta fase. Com isso,

[...] percebemos que este movimento entre as adolescentes vai um pouco além de simplesmente rejeitar a pessoa obesa (ou gorda); esse movimento de rejeição tomou proporções que não afetam somente os indivíduos obesos (o que já consideramos um problema sério), afetam a maioria das adolescentes independentemente do peso corporal (STENZEL; GUARESHI, 2002, p. 189).

Em conformidade a isto, Souza e Gonçalves (2019) vislumbraram em sua pesquisa, que grande parte dos pré-adolescentes não estavam com sobrepeso, entretanto, se sentiam excluídos por não estarem exatamente adaptados ao padrão corporal ancorado socialmente, o que os tornava alvos de preconceito. Fica evidente então, que

[...] peso baixo não livra as adolescentes de sentirem-se gordas. O sentimento, a sensação não se referem ao correspondente físico ou concreto, e sim ao simbólico. O sentir está totalmente dissociado da realidade do corpo; outra realidade comanda este sentimento: a realidade simbólica (STENZEL; GUARESHI, 2002, p. 188).

O que nos chama a atenção aqui é a complexidade de que o que determina o preconceito, de certa forma não se relaciona diretamente ao peso, e sim, aos modos simbólicos agregados a imagem que representam uma realidade social dentro de uma visão extrapolada da realidade em si.

Dado este enredo do desenvolvimento humano e a complexidade escolar, é possível afirmar que é no espaço da escola que ser gordo consiste em um dilema, porque a experiência educativa no início da adolescência desperta lembranças que resultam em dor e sofrimento, como descreve Martins (2006):

Desde pequena fui considerada uma criança gorda e de certa forma essa questão foi, para mim, bastante problemática, principalmente ao ingressar na escola e mais tarde ao entrar na adolescência. Arrisco-me a dizer que foi no ambiente escolar que percebi o quanto ser gorda, em nossa sociedade, constitui-se como um problema (MARTINS, 2006, p. 9).

O que acontece aqui, conforme Stenzel e Guaresshi (2002), é que os adolescentes tendem a não se misturar com pessoas que não possuem a mesma estrutura, ou demonstrem falhas, defeitos. As pessoas gordas são mantidas a distância para não infamar a imagem do grupo. Compreende-se que a escola faz parte de um segmento social, a qual engloba a construção simbólica corporal, fazendo com que o ser humano crie uma percepção de si a partir deste quesito. A escola pode ser entendida como um ambiente histórico e dinâmico, apto a transmitir representações e produções de pensamentos humanos que estão em constantes mudanças, como no caso, em ações gordofóbicas. Vale destacar que a escola também está sujeita a estas ações, e que podem levar a situações mais graves como a violência devido às inúmeras práticas de *bullying* entre os alunos.

3.2 Violência e gordofobia na escola

A violência é uma manifestação que se tornou ultimamente, o centro de debates em várias estâncias sociais. A reflexão é trazida a partir do pressuposto que a escola é uma extensão social, a qual a violência se alastra para dentro de seus muros, em que o preconceito é o pivô das ações violentas no contexto escolar.

De acordo com Batista e outros (2019), a violência pode ser ocasionada por fatores relacionados a falta de respeito, violação dos direitos, exclusão, injustiça e intolerância que ampliam a agressividade entre os sujeitos e os grupos de diversos espaços sociais, incluindo o ambiente escolar.

A origem das práticas violentas não está ancorada somente na escola, e sim na sociedade em geral por se tratar de um fenômeno social (BATISTA, et al., 2019). O público escolar, comporta-se pelo espaço de convivência com a diversidade de pensamento, o que ocorre em alguns momentos de modo conflituosa.

Neste caso, o contexto escolar é constituído por colisões de ideias, valores, concepções e ideologias discordantes que resultam em exclusão, conflitos pessoais e interpessoais. Para Batista et al. (2019), definir o conceito de violência não é uma tarefa tão fácil, uma vez que para o senso comum, violência se refere as agressões contra os sujeitos, gerando dores, infortúnios e aflições. Entretanto, seu real significado poder ir além do próprio termo, quando se considera as intenções do praticante e dos prejuízos psicológicos de quem recebe as agressões.

A fim de sanar este impasse, a Organização Mundial de Saúde (OMS) em seu relatório mundial sobre a violência em 2002, toma nota de que a violência sempre esteve presente na vida humana. Os motivos que acarretam a violência, estão vinculados a fatores tanto biológicos quanto individuais, pressões sociais, culturais e econômicos, o que faz a OMS conceituar a violência como:

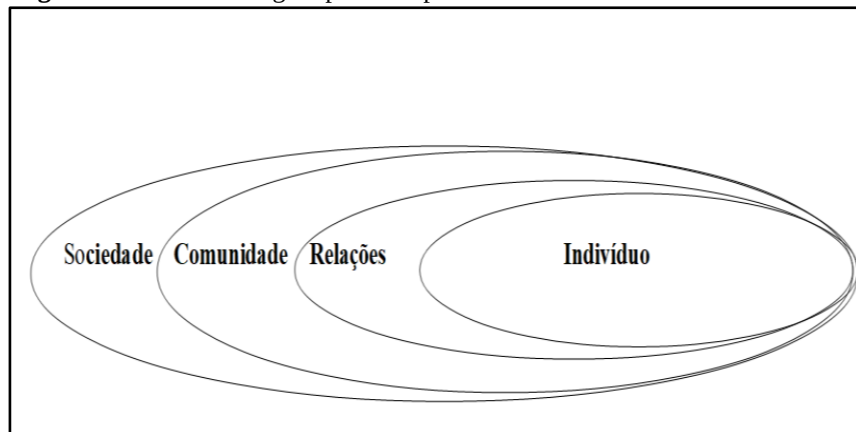
O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (OMS, 2002, p. 27).

O relatório enfatiza nesta circunstância, o ato violento literal, isto é, com intencionalidade, justificando a palavra “poder” com as relações de poder propriamente dita. Esta definição, abrange todas as consequências oriundas da violência, das privações e danos psicológicos e a intencionalidade é o principal aspecto definidor do fenômeno. No caso da gordofobia, pode-se classificá-la como violência coletiva. Esta tipologia está correlacionada a

violência social e econômica, as quais se vinculam aos crimes de ódio, violência de grupos organizados e de multidões, negação de serviços essenciais, criação de segmentações e subdivisões econômicas.

Em relação a violência interpessoal, a OMS considera que os jovens e adolescentes possuem maior possibilidade de se envolver em situações de atrito, devido aos incentivos do grupo de amigos. Entende-se que as relações sociais são influentes quanto a formação de comportamento dos sujeitos. Evidentemente, a convivência em grupos ou comunidades, é propícia para o desenvolvimento de atos violentos. Para compreender a violência, é necessário visualizar que a mesma se origina numa perspectiva social, a partir de um esquema que abrange as comunidades, seguindo para as relações, atingindo o indivíduo.

Figura 1: Modelo ecológico para compreender a violência.



Fonte: OMS (2002).

A partir deste esquema, pode-se entender que não há um motivo específico para desencadear a violência. A figura explana as relações multifacetadas entres os fatores apresentados, contextualizando a violência em múltiplos graus, os quais envolvem os fatores biológicos e história pessoal do indivíduo, as relações e convivência social, os contextos comunitários e os fatores significativos da sociedade como regras culturais, domínios de classes e de gênero entre outros (OMS, 2002).

Quanto a violência na escola, Batista et al. (2019) explicam que não se trata de um fenômeno específico da atualidade. Suas características são reproduzidas e renovadas nos variados contextos históricos. Os casos mais frequentes de violência nas escolas, são os conflitos vinculados a desrespeito e insultos, geridos pelo encontro entre indivíduos de diferentes repartições sociais, concepções de valores e ideias.

Alicerçadas pelo viés dos direitos humanos, que entende a escola como uma das responsáveis pela humanização do indivíduo, as políticas públicas vislumbram entre as obrigações das escolas, desenvolver a cidadania e a socialização (BATISTA, et al., 2019). No art. 227 da Constituição Federal, é declarado o direito à educação, respeito, liberdade, dignidade, tendo a criança e do adolescente, a proteção das formas de discriminação, exploração, opressão e violência, o que do mesmo modo é reafirmado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Na teoria, os indivíduos possuem respaldo legal contra ações que lhe causam dor e sofrimento.

Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais (BRASIL, 1990, Art. 5º).

De acordo com Toninato (2013), entre os casos mais sérios e facínoras da violência, está o preconceito. Considerado uma violência simbólica e sutil, a qual o inimigo é oculto e não oferece possibilidades de defesa, afeta a subjetividade de crianças e adolescentes, de maneira invisível, mas enfática. Entende-se que o preconceito se enquadra a uma das mais eficazes artimanhas de controle e exclusão social.

Toninato (2013) utiliza o termo preconceito, como um pré-estabelecido, uma preconcepção, um julgamento sobre algo ou alguém, sem que haja um conhecimento minucioso. Uma vez lançado a um indivíduo, o preconceito é internalizado por ele, criando uma representação negativa de si mesmo, culminando em problemas na construção de sua identidade.

Neste sentido, “o preconceito é onipresente e que, de uma forma ou de outra afeta todos nós” (ARONSON; WILSON; AKERT, 2002, p. 292), abrangendo certas características tidas como diferentes como o “seu gênero, a sua inclinação sexual e sua religião. Sua aparência ou estado físico tampouco escapam: obesidade, defeitos físicos e doenças como AIDS, por exemplo, levam as pessoas a tratar os outros injustamente” (ARONSON; WILSON; AKERT, 2002, p. 293).

Para os autores, o preconceito é audaz e ameaçador. O fato de não concordar com os mesmos ideais, podem desencadear julgamentos e ódio, culminando a atitudes extremas, como agressão física e até mesmo assassinato. Mesmo que de maneira menos dramática, os alvos do preconceito, ainda tendem a sofrer com a redução da autoestima, a qual possui grande relevância na constituição de aspectos indispensáveis na vida humana, isso é:

A pessoa com baixa autoestima concluirá, por definição, que não merece boa educação, um emprego digno, um parceiro romântico interessante e assim por diante. Por isso mesmo será, provavelmente, uma pessoa mais infeliz e fracassada do que a pessoa com autoestima elevada. (ARONSON; WILSON; AKERT, 2002, p.293).

Para os autores, o preconceito conta com um forte aliado para se firmar na sociedade, como por exemplo, os instrumentos midiáticos, como a televisão e outras mídias possuem influência na socialização das crianças (ARONSON; WILSON; AKERT, 2002). Tanto na intenção de obter o corpo magro, quanto a inserção em situações violentas, a mídia exerce um papel relevante como influenciadora desses comportamentos, uma vez que,

Precocemente as crianças estão tendo acesso aos meios tecnológicos de comunicação – televisão, internet (redes sociais) – que são hoje os principais veículos de formação das mentalidades, “verdadeiros” parâmetros para a construção das subjetividades desses pequenos. Esses veículos de comunicação são os principais responsáveis pela formação do que podemos considerar como “sociabilidade perversa” (TONINATO, 2013, p. 10).

Novamente aqui a mídia é colocada como fonte moldadora e manipuladora na formação de concepções e ideologias. Toninato (2013) alerta, neste caso, que a mídia age poderosamente na compreensão de mundo, estando o sujeito ainda na fase de desenvolvimento, esta influência sorrateira, tende a ser determinante na construção da subjetividade.

Retomando os olhares para a violência nas escolas, Saul (2010) argumenta em sua pesquisa, que a Educação se insere no espaço que engloba o homem de forma integral, isso é, individual, social, em sua vivência com o outro, em que a cultura e o conhecimento, fazem parte do processo educacional. Este processo acontece pela transmissão e reconstrução do conhecimento, a partir das relações sociais, por meio dos grupos. Seja qual for o fator que afeta a dinâmica do desenvolvimento humano, pode ser traduzido como violência.

Diante disto, a autora entende a violência abalizada nos pressupostos da Teoria das Representações Sociais, como um fenômeno ancorado no desrespeito humano. Dessa forma, a violência é objetivada como doença social, a qual se alastra cruelmente afligindo os membros da escola. Neste caso específico, “Quando imersa no âmbito escolar, torna-se perceptível a sua repercussão como um problema social grave e complexo e, provavelmente, como o tipo mais frequente e visível da violência juvenil” (ARAÚJO, et al., 2012, p. 243).

É nesta habilidade de se conceituar um determinado fenômeno, no caso a violência, que as representações sociais se inscrevem como facilitadoras da compreensão. Saul (2010) explica que as representações sociais são primícias que ordenam as relações simbólicas entre os grupos

e na sociedade em geral. A violência objetivada na sociedade, está relacionada a cultura, crenças e valores que estão internalizados nos indivíduos.

Segundo Araújo et al. (2012), a violência se trata de um problema histórico, oriunda da macroestrutura, delimitando meios de significados circunstanciais, que se renova nas relações interpessoais, se constituindo, portanto, no meio social.

Para Saul (2010), a utilização da teoria no campo educacional, permite a explicação em como o processo educativo é influenciado pelos fatos sociais, articulando a Psicossociologia e a Sociologia da Educação. O que se entende aqui, é que uma vez estando estabelecida a violência na sociedade, presumivelmente, será possível identificar a ação desta, no ambiente escolar. Uma vez identificada, a violência entre os estudantes passa a ser uma representação social, isto é:

A violência escolar pode ser vista como uma *bagunça* que afeta a vida do *aluno* e que é sustentada pelo *abuso* de poder, pela *falta de educação* e de *respeito* para com o outro, sendo elemento crucial para a manutenção das relações pautadas nos sentimentos de *ódio*, *dor* e lamento (*choro*) (ARAÚJO, et al., 2012, p. 246, grifo do autor).

Se faz necessário analisar as representações sociais para compreender o indivíduo na dinâmica grupal, especificamente o seu comportamento dentro da escola. Pode-se também entender como as ações violentas se efetivam e definem um público-alvo (no caso, a pessoa gorda) e que estas representações é que direciona o comportamento agressivo e intimidador de um indivíduo contra o outro denominado *bullying*.

3.3 Gordofobia e *bullying*: consequências para pré-adolescência no contexto escolar

No domínio das relações sociais, a violência tem se destacado devido a sua complexidade quanto aos problemas causados na vida em sociedade e ao desenvolvimento social e psicológico dos sujeitos. Entre os atos violentos, o preconceito específico denominado *bullying*, tem sido considerado uma grave ameaça inclusive no campo escolar. Então:

Esse construto pode ser definido como um conjunto de comportamentos agressivos, físicos ou psicológicos que ocorre entre pares no contexto escolar, caracterizado pela persistência no tempo e passível de causar danos aos atores sociais envolvidos (ARAÚJO, et al., 2012, p. 244).

Conforme reportam Silva et al. (2017), o *bullying* está posto em evidência, por se tratar de um problema estereotipado, pela proporção em que ocorre na escola. De acordo com o Ministério da Saúde e Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE), uma pesquisa evidenciou que

7,4 % dos estudantes atestaram que foram vítimas de desacatos e transtornos e 19,8% estudantes, confirmaram sua participação em prática de *bullying* (BRASIL, 2015). Esta investigação ainda ressalta que 10,9 % das vítimas do *bullying* responderam que entre as provocações, as de referencia a aparência corporal, foram os principais motivos de maus – tratos.

Em seu texto, Silva (2017) discorre que na legislação brasileira não há uma lei que vigore a gordofobia como crime. As reivindicações efetuadas se relacionam aos cuidados igualitários aos cidadãos pela Lei Nº 10.048, que inclui o obeso ao direito prioritário. Entretanto, esta manifestação não respalda as pessoas que sofrem gordofobia, não havendo punição aos agressores e a maneira de obter algum tipo de proteção e apoio legal contra o preconceito, é por intermédio da lei contra o *bullying*.

No ano de 2015, a Lei n. 13.185 foi promulgada com o intuito de combater as práticas de intimidação sistemática (*bullying*) no Brasil. Em seu Art. 3º, esta lei classifica esta intimidação como:

- I - verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente;
- II - moral: difamar, caluniar, disseminar rumores;
- III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar;
- IV - social: ignorar, isolar e excluir;
- V - psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar;
- VI - físico: socar, chutar, bater;
- VII - material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem;
- VIII - virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social (BRASIL, 2015).

Para Silva et al. (2017), o *bullying* não se refere a um problema atual, estando presente em vários contextos de forma ampla e multidimensional. Seus conceitos podem ser relacionados a comportamento violento e repetitivo por meio das relações de poder de um indivíduo contra o outro, com intencionalidade de intimidar, causar dor, sofrimento e angústia. Dentre os males causados pelo *bullying*, destacam-se as “consequências a médio e longo prazo pode-se citar maior risco de desenvolver transtornos emocionais como ansiedade, depressão, transtornos alimentares, abuso de drogas e até suicídio” (BRASIL, 2015, p. 70).

Os danos também podem levar os indivíduos a terem problemas com relacionamentos tanto na família, como no trabalho ou em outras estâncias que estabelecem contato social. Vale ressaltar que tais malefícios não são uma característica exclusiva dos problemas ocorridos na infância e adolescência (SILVA et al., 2017), mas é nessa faixa etária que o sujeito se localiza numa fase de vulnerabilidade das alterações psicológicas.

Silva et al. (2017) também argumentam que a depressão pode ser um dos piores danos causados pelo *bullying* e que se manifesta como resultado do retraimento pleno do ser, o qual provoca complicações nas funções mentais, modificando o modo em que o indivíduo explora suas emoções e percebe a realidade e o mundo em sua volta. Os problemas psicológicos se instauram justamente no início da adolescência (o que configuramos ser a pré-adolescência), culminando em problemas escolares, depressão, ansiedade e medo, oriundos do *bullying*. Além disso,

Estudos demonstraram que a média de idade de maior incidência entre os agressores situa-se na casa dos 13 a 14 anos, enquanto as vítimas possuem em média 11 anos. Esse dado comprova que os papéis de protagonistas e as formas de maus-tratos se intensificam, conforme aumenta o grau de escolaridade (FANTE, 2006, p. 1).

Sob esta ótica, Silva et al. (2017) evidenciaram em sua pesquisa, que na maioria dos casos envolvendo a infância e a adolescência, a depressão é desencadeada por motivos como a vergonha da própria imagem corporal e Araújo et al. (2012) argumentam que é preciso tomar nota sobre as consequências do *bullying* sob os indivíduos em formação.

Segundo Moscovici (2011), as concepções que internalizamos sobre o corpo, ou como vemos o mundo de modo geral, origina-se na infância a partir das relações com o outro e perpassa para a vida adulta. Com isso, entende-se que ao serem submetidos as ações preconceituosas nas primeiras fases do desenvolvimento humano, os indivíduos poderão ter problemas como distorções da sua representação corporal quando chegarem na fase adulta, ocasionando problemas mentais e sociais.

Os comportamentos denominadores do *bullying* como difamação, agressões físicas, virtual ou verbal, apelidos pejorativos e ameaças, podem ser a priori, pensados como brincadeira corriqueira da idade. No entanto, estas atitudes representam o *bullying* escolar por fazerem parte de ações agressivas e repetitivas, com intencionalidade e até mesmo, sem motivo aparente. A pessoa afetada pelo *bullying* não tem chance de defesa, uma vez que as agressões ocorrem habitualmente em grupo e então ressaltamos novamente o poder que o grupo exerce sob o indivíduo (SAUL, 2010).

Moscovici (1993) explica que a influência dos grupos se efetiva devido à necessidade que o ser humano tem de viver e ser aceito pelo grupo. Tendo em vista que o grupo define que tal indivíduo não adere a suas concepções, ocorre então as humilhações e constrangimentos, a fim de afastar o “ser patológico”.

Geralmente, os ataques são produzidos por um grupo de agressores, reduzindo as possibilidades de defesa das vítimas. As estratégias de ataque, normalmente, são ardilosas e sutis, expondo as vítimas ao medo, à humilhação e ao constrangimento público. Os agressores se valem de sua força física ou psicológica, além da sua popularidade para dominar, subjugar e colocar sob pressão o “bode expiatório”. Entretanto, torna-se evidente entre eles a insegurança, a necessidade de chamar a atenção para si, pertencer a um grupo, dominar, além da incapacidade de expressar seus sentimentos e emoções. Por isso, a escolha das vítimas privilegia aquelas que não dispõem de habilidades de defesa (FANTE, 2006, p. 1).

Por este prisma, Saul (2010) aponta que as vítimas expostas ao *bullying* em âmbito escolar tendem a faltar excessivamente e até mesmo desistir dos estudos. Esta atitude se deve ao fato de que o indivíduo coagido, perde a confiança em si mesmo o que pode levar a ações extremas como o suicídio.

No campo de estudo das representações sociais, é possível relacionar a prática do *bullying* com o mecanismo da comunicação a partir da linguagem e nas conversas informais por intermédio da convivência em grupo. Para Jodelet (2001), as representações são criadas coletivamente e divulgadas por meio de palavras, as quais são utilizadas para definir aspectos da realidade que tendem a dar conceitos positivos e negativos. Então “nesse tipo de grupo, os membros se autocategorizam como tais, são conscientes desse pertencimento e têm clareza dos critérios que definem quem é ou não do grupo” (SAUL, 2010, p. 180).

Em conformidade esta perspectiva, Fante (2006) explana que o *bullying* se trata de um fenômeno psicossocial expansivo, e por este motivo, tido como epidêmico. As consequências desta prática, tem efeito sobre a socialização, na aprendizagem, na saúde física e emocional. As vítimas se isolam socialmente, construindo representações negativas e permanentes sobre si, comprometendo a estrutura da autoestima e de sua personalidade.

4. ANÁLISE DAS PRODUÇÕES: O QUE DIZEM AS TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE GORDOFOBIA E AS IMPLICAÇÕES CORPORAIS?

Este capítulo apresenta a construção do fenômeno gordofobia na dimensão científica em um arcabouço de produções vinculado ao portal de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) a fim de vislumbrar o tema nas pesquisas em Educação. Concomitantemente, aborda as discussões sobre o Estado do Conhecimento e da temática a partir dos escritos encontrados, buscando sua relação com a pré-adolescência e as implicações voltadas ao corpo gordo.

4.1. Estado do conhecimento sobre gordofobia

Para entender a importância das investigações sobre gordofobia, faz-se necessário compreender os processos que possibilitaram a legitimação do preconceito nas variadas esferas sociais e idades diversificadas, inclusive a pré-adolescência.

A gordofobia vem sendo discutida, devido ao seu crescimento no âmbito social, abrangendo outras dimensões, como nos campos profissional, emocional, cultural e econômico. Estabelecer uma investigação sobre o preconceito e padronização corporal desencadeada pela gordofobia, é fundamental para delinear o foco da pesquisa.

Tendo em mente esta problemática, algumas considerações sobre o Estado do Conhecimento o qual é atribuído uma relevância no sentido de mapear as produções científicas acerca de um determinado objeto. Diante disso, realizou-se um panorama sobre os escritos produzidos sobre gordofobia, a fim de situar o fenômeno no campo científico que se aproxima ao Estado do conhecimento.

Seja qual for a área do saber, é fulcral realizar um levantamento a fim de detectar o que foi e o que vem sendo produzido acerca do tema desejado para a pesquisa, em um determinado recorte temporal. Esta atividade denomina-se como o estado do conhecimento (FERREIRA, 2002), isso é, um mapeamento dos escritos e discussões a respeito de uma temática.

Compreende-se que a partir do Estado do Conhecimento sobre uma determinada temática em apreço, é que o pesquisador terá entendimento sobre elementos que ainda não foram explanados, perspectivas distintas de se avaliar e analisar o objeto e também perceber as lacunas existentes. Neste sentido, torna-se primordial adotar uma conduta questionadora para além da identificação do tema, para então ressaltar o processo de desenvolvimento de pesquisa de outras epistemologias sobre o mesmo assunto.

Vale ressaltar a importância em se buscar em banco de dados, os quais elencam produções científicas, que são convenientes ao investigador. Esta busca surge na intenção de conhecer as publicações que problematizam a temática e concomitantemente reconhecer as contribuições das investigações no campo social e educacional, constatando as possíveis lacunas no conhecimento.

O banco de dados elegido para o mapeamento foi o catálogo de teses e dissertações, iminente ao portal CAPES, mediante a procura de trabalhos gerados após a implantação da Plataforma Sucupira. Para a delimitação da busca, antepôs-se descritores como: “gordofobia”, “corpo gordo”, “pré-adolescentes” e “imagem corporal” conjugada a representações sociais, os quais foram mais atenuadores e favoráveis para a pesquisa.

Em relação ao descritor “pré-adolescentes”, foram encontrados 52 (cinquenta e dois) trabalhos, mas anteriores a Plataforma Sucupira. Os escritos restantes não apresentam relações com a problemática em foco, tornando-os distantes dos critérios dessa pesquisa, do mesmo modo, ocorrendo com o descritor “imagem corporal”.

Partindo do pressuposto de que a temática gordofobia seja emergente, o texto não se propôs a fazer um recorte temporal. Esse fato também determina o uso do termo “corpo gordo” para a busca, o qual se dá devido a observação de que essa nomenclatura tenha sido mais utilizada, isso é, vários escritos deliberam o corpo gordo como especificidade para analisar o preconceito.

Os trabalhos sobre gordofobia encontrados no banco de dados, totalizaram seis (6), o que evidencia a ínfima produção do assunto nas academias, fato esse que pode ser relacionado a falta do uso da terminologia gordofobia para sentenciar o preconceito. O Quadro 1 apresenta os achados que foram inventariados.

Quadro 1. Trabalhos encontrados no portal da CAPES sobre “gordofobia”.

Título	Ano	Tipo	Autor	Área	Local
Corpo, cultura e obesidade: desenvolvimento de posicionamentos dinâmicos de si em mulheres submetidas à gastroplastia.	2017	Tese de Doutorado	SILVA	Processos de desenvolvimento humano e saúde	DF
O ativismo gordo em campo: política, identidade e construção de significados	2018	Dissertação de Mestrado	RANGEL	Sociologia	SC
Obesidade e preconceito: o que dizem o saber científico e a mídia impressa	2014	Dissertação de Mestrado	ARAÚJO	Psicologia e Ciências Política	PB
Obesidade sob o olhar antropológico - Etnografia online do movimento <i>plus size'</i>	2018	Dissertação De Mestrado	PFUETZENR EITER	Saúde Coletiva	SP

Representações e identidades de mulheres gordas em práticas midiáticas digitais: tensões entre vozes de resistência e vozes hegemônicas	2018	Dissertação de Mestrado	CARVALHO	Letras	MG
Representações sociais da obesidade: identidade e estigma	2017	Tese de Doutorado	ARAUJO	Psicologia	PB

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Nota-se que além da pequena quantidade de trabalhos, existe a predominância de Dissertações de Mestrado referentes a temática, com 4 (quatro) na totalidade, o que se tratando de pesquisa científica demonstra maior interesse nesse nível acadêmico, ficando apenas 2 (duas) Teses de Doutorado. Outra questão inferida diz respeito a concentração das pesquisas que foram produzidas entre 2017 e 2018, o que corrobora com a ideia de que gordofobia seja um tema hodierno.

Também se percebe um equilíbrio entre as áreas do conhecimento, visto que 2 (dois) trabalhos referem-se a uma dissertação e uma tese, elaboradas pela mesma autora na área de Psicologia. Na área da saúde foram 1 (uma) dissertação e 1 (uma) tese, restando uma dissertação em Letras e uma dissertação em Sociologia e Ciência Política. É importante destacar que nenhum dos estudos relatados apresentam no título a palavra “gordofobia”.

Os dados encontrados apontam uma distribuição balanceada entre as localizações, sobressaindo o Estado da Paraíba com 2 (dois) trabalhos, pelo fato de serem realizados pela mesma autora em níveis acadêmicos distintos. Um fator interessante é que as informações exteriorizam em geral, uma disposição à pesquisa voltada a área da Saúde, todavia, nenhum trabalho envolvendo a área da Educação ou contexto escolar foram contemplados, gerando a hipótese de o assunto ser pouco discutido no campo educacional. Outro ponto importante refere-se ao fato de somente mulheres abordarem discussões acerca da temática.

Embora não seja a nomenclatura elegida para o objetivo de análise desse escrito, foi profícuo realizar o mesmo processo relativo à coleta de informações com a terminologia “corpo gordo”, uma vez percebido, por ser um termo mais utilizado para vislumbrar o preconceito. Este levantamento não foi realizado com a finalidade de uma explanação minuciosa, e sim para uma melhor compreensão da discriminação e a preferência pelo vocábulo.

Foram identificados 26 (vinte e seis) trabalhos que discutem o corpo gordo e as respectivas discriminações que o afetam, 7 (sete) deles anteriores a Plataforma Sucupira. No Quadro 2 serão mencionados apenas os dezenove (19) trabalhos restantes, os quais estão distribuídos da seguinte forma:

Quadro 2. Trabalhos encontrados no portal da CAPES sobre “corpo gordo”

Título	Autor	Tipo	Ano	Área	Local
Ex-gordinhas: uma alma indecisa	OLIVEIRA	Dissertação de Mestrado	2018	Letras	PR
“Você seria tão bonita, se fosse magra”: os múltiplos sentidos no discurso da superação da obesidade	PICAGEVICZ	Dissertação de Mestrado	2018	Letras	PR
O corpo Plus Size feminino na mídia digital brasileira: análise discursiva e multimodal de posts da marca Duloren no Facebook	MELGACO	Dissertação de Mestrado	2016	Letras	MG
Obesidade sob o olhar antropológico - etnografia online do movimento plus size	PFUETZENREITER	Dissertação de Mestrado	2018	Saúde Coletiva	SP
Um lugar para ser gorda: afetos e erotismo na sociabilidade entre gordinhas e seus admiradores	BARROS	Dissertação de Mestrado	2017	Saúde	RJ
Gorda da Silva: sentidos e significados da gordura no ambiente dos blogs	CAMPOS	Dissertação de Mestrado	2015	Saúde	RJ
A produção do corpo gordo em doze blogs plus size nacionais	GAUTERIO	Dissertação de Mestrado	2016	Saúde	RS
Sentidos e significados da obesidade mórbida no processo de cuidar: um estudo no Centro de Referência em Obesidade, Rio de Janeiro	PASSOS	Tese de Doutorado	2015	Nutrição	RJ
Mulheres modelos plus size e sua relação com a saúde	COSTA	Dissertação Mestrado	2018	Educação Física	RS
Corpos que transbordam em palavras e foto(grafias)	MOREIRA	Dissertação Mestrado	2018	Psicologia	ES
Representações sociais da obesidade e do processo de emagrecimento em pessoas que realizaram cirurgia bariátrica	LIMA	Dissertação Mestrado	2018	Psicologia	MG
Vozes da estética no mundo virtual: sobre corpo, consumo e emagrecimento	BRUM	Dissertação Mestrado	2016	Psicologia	RS
De gordas a plus size: mudanças na representação das mulheres consideradas acima do peso	MARCELJA	Tese de Doutorado	2018	Ciências Sociais	SP
O corpo gordo: diálogos poéticos em Elisa Queiroz e Fernanda Magalhães	MELLO	Dissertação Mestrado	2015	Artes	ES
Do palco ao asfalto, dos meios aos corpos: observando os tentáculos da performance-	MELO	Dissertação Mestrado	2014	Comunicação	PR

polvo como estratégias comunicativa-educativa					
Culturas e comunicações do universo plus size: uma cartografia das imagens de corpo nos discursos nas redes sociais	NECHAR	Dissertação Mestrado	2015	Comunicação	SP
Pedagogias do corpo hipertrofiado feminino: as hardcore ladies no facebook	GUIMARAES	Dissertação de Mestrado	2017	Educação	RS
O ativismo gordo em campo: política, identidade e construção de significados	RANGEL	Dissertação Mestrado	2018	Sociologia	SC

Fonte: Elaboração própria, 2019.

A partir da relação do Quadro 2, percebe-se novamente a prevalência de trabalhos realizados em cursos de Mestrado, com 17 (dezessete) ao todo, concentrados no ano de 2018, distribuídos em maior número entre os Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná e Minas Gerais. Outra questão relevante é que não há pesquisas nas regiões Norte e Centro-Oeste no que diz respeito a temática, sobressaindo as regiões Sudeste e Sul do país.

A possibilidade de realizar uma pesquisa na região Centro-Oeste, especificamente no Estado do Mato Grosso do Sul, pode representar um pioneirismo (se em breve não forem publicados resultados nessas áreas), especialmente na área da educação. Vale lembrar que as informações contidas no Quadro 2 se detêm em compreender como o preconceito às pessoas gordas foi analisado, com termos distintos ao escolhido, salvo 2 (dois) escritos que também fazem parte do quadro 1. Contudo, o principal objetivo desse escrito é averiguar os trabalhos sobre gordofobia.

Para melhor compreensão, propomos uma análise das informações explanadas pelas produções elegidas, as quais estão listadas no primeiro quadro, entendendo que estas, polemizam o termo gordofobia em seus debates. É importante salientar que, embora o termo Representações Sociais esteve presente aos descritores, para contextualizar a gordofobia, priorizou os temas voltados ao fenômeno e não exatamente a teoria, devido a mínima quantidade de trabalhos. Isto não significa que não há discussões sobre o assunto, mas sim que o foco específico para o delineamento é a gordofobia.

4.2 Apresentação dos caminhos metodológicos utilizados pelas produções científicas

Para a realização da discussão sobre a temática, iniciaremos com as ideias de Silva (2017) cujo principal foco em sua pesquisa intitulada como “Corpo, cultura e obesidade: desenvolvimento de posicionamentos dinâmicos de si em mulheres submetidas à gastroplastia”, é desvendar as questões que abrangem a obesidade, escolha dos entrevistados para realizar a cirurgia bariátrica e avaliar os efeitos psicológicos e sociais.

Para isso, aderiu a narrativa como instrumento de pesquisa, numa análise do discurso de cunho qualitativo com entrevista individual realizada com 3 mulheres adultas em períodos distintos, utilizando também a medição do Índice de Massa Corporal (IMC).

De forma geral, Silva (2017) pontua o poderio da gordofobia em relação a construção de si, porém não a considera como ponto crucial de sua pesquisa. Analisa o desenvolvimento do preconceito pelo viés psicológico, a internalização e externalização de significados, valores, credo e discriminação, traz pontos relevantes voltados ao corpo, gênero e influência midiática.

Em sua análise sobre discurso, Silva (2017) aponta que a medicina é a principal idealizadora das mensagens negativas sobre o corpo gordo, declarando que a falta da gordura corporal é sinal de vida saudável e duradoura.

A autora retrata o corpo como portador de signos, construídos a partir das relações sociais, atribuindo um olhar político, cultural e social, propício a disputa de poder e dominação, especialmente de gênero. Analisa o sujeito em sua personalidade, identidade utilizando a teoria do *self* dialógico em uma dimensão cultural, a fim de desvendar a significação de si. Acredita que “[...] os desdobramentos teóricos dessa proposta melhor se aliam com a compreensão do desenvolvimento da pessoa apresentada pela Psicologia Cultural” (SILVA, 2017, p. 25).

A autora ainda aponta que a epistemologia da Psicologia Cultural e do *self* estão adjuntas e arraigadas na coletividade, na cultura pessoal e nas ações as quais se manifestam de forma “inter e intrapsicológicas” em uma performance dialógica, isso é, uma conversação ininterrupta entre as esferas pessoais psicológicas e sociais.

Pelo que se percebe, a intencionalidade da pesquisa de Silva (2017) se restringe aos fundamentos psíquicos e formação da identidade do sujeito, por meio do procedimento metodológico, pautado nos estudos de autores que contemplam uma ideologia freudiana e Bakhtiniana, relacionada a percepção de si e do outro a partir da linguagem e consciência.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, Silva (2017) explica a teoria metodológica da Psicologia Cultural, que se encontra entreposta nas vertentes sociogenéticas com base na síntese entre a Teoria da Psicologia Socio-Cultural de Vygotsky e do construtivismo de Piaget no

intuito de entender o homem de maneira contextualizada, complexa e dinâmica. O que explica que:

Sujeito e sociedade, antes polos separados, são entendidos como interligados e interagindo reciprocamente nos contextos socioculturais, numa perspectiva dialética, segundo a qual o indivíduo se transforma pela cultura e é, também, agente de sua transformação. Supera-se, assim, a dicotomia, o que não implica em negar a existência dos aspectos distintos em interação, sendo estes tratados de forma dialógica, não havendo uma fusão ou a negação dos polos, mas, sim, o reconhecimento de suas peculiaridades (SILVA, 2017, p. 8).

A autora considera que o âmbito cultural sozinho não define o desenvolvimento humano, mas oferece regras e estilo de vida que são internalizadas ao longo da vida e que leva para um determinado destino. Fez uso da teoria vigotskyana para explorar o singular, o articular e o universal (a grosso modo) e optou por uma leitura do corpo e movimento a partir das afirmações piagetianas referentes a sua importância para o desenvolvimento e recorre a Foucault para explicar o preconceito como fenômeno existente na sociedade.

No caso de Carvalho (2018), sua dissertação denominada “Representações e identidades de mulheres gordas em práticas midiáticas digitais: tensões entre vozes de resistência e vozes hegemônicas”, discorre sobre as preocupações referentes ao corpo na contemporaneidade relacionado a satisfação pessoal, êxito profissional, relações amorosas desde que seja magro, branco e bem-sucedido financeiramente. Seu interesse de pesquisa objetiva investigar as representações e identidades dos corpos gordos, a influência midiática concomitantemente a sexualidade e outros aspectos discriminadores como gênero, raça, etc.

Para a elaboração da pesquisa, Carvalho (2018) utilizou como procedimento metodológico a análise e interpretação do discurso de caráter anglo-saxã, de cunho documental, numa perspectiva qualitativa a partir de relatos de mulheres gordas em blogs e revistas *online*. O estudo focaliza no padrão de beleza e padronização dos corpos, saúde/doença com realização de categorias, isso é,

Os eventos discursivos inovadores estão atrelados a rede de ordens discursivas e estruturas sociais que permeiam a prática. Dessa forma, mudanças discursivas são efeito e causa das mudanças sociais. Essas inovações revelam que efeitos ideológicos e construções de sentidos não são fixos e possuem caráter fluido, ou seja, que as mudanças discursivas levam a admitir o que mais tarde discute, na operacionalização do Realismo Crítico, da vida social ser um sistema aberto (CARVALHO, 2018, p. 14).

A autora destaca a relevância de análise do discurso a partir da linguagem por meio da metodologia crítica discursiva, considerada capaz de responder as indagações concernentes da identidade, construídas socialmente a partir das representações dos significados sob os atores

sociais. Se pauta nas ideias foucaultianas ao dizer que as concepções internalizadas individualmente são influenciadas pelas tendências das práticas sociais, situando os indivíduos a relações de poder anexado a estruturas sociais.

Nessa lógica, Carvalho (2018, p. 49) salienta que essa teoria das Representações Sociais, “[...] permite olhar a realidade a partir da relação entre estruturas e agência humana que coexistem e se transformam”. A análise de práticas sociais se torna elemento fulcral para entender a imposição ideológica que corrobora para a conservação e rearticulação das estruturas, considerando a linguagem como conector e sedimento semiótico da realidade da vida social.

Tal afirmativa, vai ao encontro da visão de Moscovici (2011), uma vez que as representações sociais, são concepções de comportamentos e imagens, um pensamento coletivo sobre a realidade, um sistema lógico, uma organização estrutural pautada em valores, com uma linguagem particular que estipula a comunicação das ideias compartilhadas pelos grupos, fazendo com que os sujeitos ajam de forma condicentes ao desejo grupal.

O desenvolvimento da pesquisa de Carvalho se consolida numa vertente estruturalista, pela dinâmica sociológica sobre conceitos e percepções acerca do corpo, submetido a sistemas simbólicos de significações sociais. Percebe-se a fidelidade da autora aos seus referenciais estruturalistas, focando na dimensão das práticas sociais. Fato este explicado por Jodelet (1987) que justifica a aplicação da teoria no sentido de reconhecer que vivemos em um mundo de objetos, em que pessoas se relacionam e compartilham ideias.

Já por uma perspectiva antropológica, Pfuetzenreiter (2018) em sua pesquisa nomeada “Obesidade sob o olhar antropológico – Etnografia online do movimento *plus size*” privilegia as discussões inerentes a obesidade e a representação corporal na sociedade no campo da saúde. Para a elaboração do estudo, buscou por meio do contexto sociocultural, entender os aspectos como a moda, saúde, movimento *Plus Size* (tamanho maior), padrões, influência da mídia e das redes sociais.

A autora utiliza a base teórico-conceitual referente a netnografia ou etnografia de prática *online*, para fazer uma análise das práticas das redes sociais que se dissipam como representações sociais, o que permite “[...] observar o que representa a experiência social de ser estigmatizado e a compreensão do fenômeno obesidade para além de seus determinantes biológicos, percebendo-o em sua complexidade” (PFUETZENREITER, 2018, p. 37). Para tanto, acompanhou 6 (seis) *blogs* atrelados ao *Instagram*® por 3 (três) meses, fazendo uma interpretação das representações coletivas e individuais, por meio das imagens postadas.

Rangel (2018) em sua pesquisa de título “O ativismo gordo em campo: política, identidade e construção de significados”, também ancorada a netnografia, faz investigações sobre o ativismo gordo, um movimento responsável por identificar e discutir o fenômeno gordofobia em primeira estância e sua persuasão na construção de significados.

Principiou a elaboração do Estado da Arte para a construção do referencial sua dissertação. Para a pesquisa de campo de cunho qualitativo exploratório, recorreu a entrevistas individuais e semiestruturadas, com grupos focais, tendo como participantes 8 (oito) mulheres, fazendo uma análise do discurso e análise de conteúdo de 8 (oito) páginas virtuais, se fundamentando no estruturalismo de Bourdieu, fazendo interlocução com Foucault.

A pesquisa apresenta aspectos sociais que orientam discussões sobre a construção da gordofobia na sociedade, pautando-se no conceito de campo e *habitus* que exercem poder de coerção nos indivíduos, nas transformações ocorridas na alimentação e no trabalho. Com isso, surge a patologização da pessoa gorda, devido a nova ordem corporal da sociedade neoliberalista tendo a internet como condutora da padronização.

Pela mesma ótica, Araújo (2014), em sua dissertação intitulada “Obesidade e preconceito: o que dizem o saber científico e a mídia impressa”, faz uso da vertente teórica das Representações Sociais, buscando reconhecer a produção científica no Brasil sobre a discriminação relacionado a obesidade a partir de análise documental por meio do Estado do conhecimento no Portal da CAPES, utilizando o *software* Alceste para realizar uma análise lexical e classificações hierárquicas.

Em seu texto, centraliza no fenômeno obesidade, exclusão social, significados sociais no decorrer da história, preconceito, influência da mídia, gênero e os fundamentos da teoria das Representações Sociais pela perspectiva de Serge Moscovici. Faz explanações sobre como ideias e categorias que abarcam o pensamento social, são ao mesmo tempo, constituídas e obtidas de forma dinâmica.

Nesse contíguo, as representações sociais podem ser entendidas como conjuntos simbólicos e práticos cujo *status* é o de uma construção e não de uma reprodução ou reação a estímulos exteriores, caracterizando-se pelo uso e seleção de informações, a partir de repertório circulante no arcabouço social, destinadas à interpretação e à elaboração do real (ARAÚJO, 2014, p. 37).

Em sua tese de doutorado, cujo título é “Representações sociais da obesidade: identidade e estigma”, a qual também faz parte dos achados do Estado do Conhecimento, a autora segue a mesma linha de pensamento abordando a teoria das Representações Sociais sobre a obesidade. Contudo, dessa vez, Araújo (2017) aderiu ao termo gordofobia e a significação da autoimagem

para explorar a temática em foco. Para a realização de seu estudo, optou em analisar grupos de pessoas (em sua maioria mulheres) gastroplastizadas, inseridas em grupos virtuais, utilizando novamente um *software* (EVOC), que categoriza as análises lexicais.

A autora dá continuidade à sua pesquisa iniciada no mestrado, ampliando os conceitos de padronização e estigmatização dos corpos numa visão psicossocial. Analisou amostras de 145 (cento e quarenta e cinco) sujeitos no geral, sobressaindo o sexo feminino, todos examinados de forma digital pela ferramenta *Google Docs*, em seguida, um questionário no *facebook* que possibilitou uma abrangência de dados, pela capacidade do instrumento de abarcar vários participantes.

De modo geral, nota-se que o termo gordofobia é pouco utilizado, no entanto, cada escrito relacionado apresenta informações significantes no que diz respeito às variadas vertentes utilizadas e as maneiras de investigar o tema focalizado. Isto permite as aproximações possíveis com a vertente aderida para desvendar a gordofobia, no caso as Representações Sociais, contribuindo para uma construção peculiar do objeto em questão.

4.3 Discussões sobre gordofobia a partir das teses e dissertações

Em relação a gordofobia, Silva (2017) explora sobre o fato do preconceito ser pouco explanado, alvo apenas de discussões dos grupos feministas. Para este termo, não é encontrado o significado em dicionários, até mesmo na legislação brasileira, não há respaldo para as pessoas que sofrem gordofobia. Algumas reivindicações foram efetuadas em relação aos cuidados igualitários dos cidadãos pela Lei Nº 10.048, que inclui o obeso como deficiente e prioritário ao atendimento. Contudo, essa conquista, ainda não acolhe a pessoa gorda enquanto humano, pois o preconceito se manifesta cruelmente no sentido do gordo ser patológico fugindo da normalidade.

Semelhantemente, Rangel (2018) explica que a gordofobia é um assunto pouco apurado, desse modo, ainda não é visto como um preconceito austero que inibe, aflige e interfere profundamente na vida dos sujeitos. Por mais que haja investigações acerca das percepções do corpo, a abstração da gordofobia ainda não está fecundada no campo da pesquisa científica brasileira, embora seja fato, que há implicação do corpo para a sociedade em relação aos significados lançados a ele.

Neste sentido, Carvalho (2018) afirma que gordofobia se refere a uma ação violenta constituída na sociedade, portanto, analisar o corpo gordo é também pesquisar a sociedade

brasileira, uma vez que essa, é composta em sua maioria, por pessoas que não estão enquadradas no padrão estipulado como perfeito e são o tempo todo ridicularizada.

Silva (2017) acentua que há uma coerção disfarçada de preocupação, e questiona: “[...] ser gordo é um problema de saúde ou problema da pessoa?” (p. 68). Culturalmente, estar gordo, para além da descrição médica, significa ser um indivíduo fora das regras, descuidado com a saúde, o que desencadeia juízos e críticas.

Do mesmo modo, Rangel (2018) salienta que a ideia que se propaga e governa as ações preconceituosas está interligada a pseudopreocupação com a saúde, uma vez que os corpos escolhidos para serem observados seja o corpo gordo, considerado sinônimo de diversos problemas patológicos. No entanto, aponta que o discurso pautado no binômio saúde/magreza é contraditória, pois um dos aspectos a se perceber a presença de doenças seja a perda de peso.

Para Rangel (2018), o fato de a pessoa obter o IMC tido como adequado, não assegura que seja saudável, “[...] isso significa que a aparência gorda da pessoa não necessariamente está vinculada à doença, assim como a magreza não está necessariamente vinculada à saúde” (RANGEL, 2018, p. 26). Contudo, cresce na sociedade, o pensamento de que a gordura é um perigo preeminente, o que contribui para a predomínio do preconceito.

Tendo em vista essa ideologia, Carvalho (2018) afirma que cada vez mais, pensa-se na gordura como representação de negatividade, que carrega em si outras ocorrências maléficas ao próprio sujeito, o qual é duramente criticado pela sociedade, não mais somente pelo viés da medicina, mas outras áreas são submetidas a julgamento.

A partir daí, o gordo passa a enfrentar adversidades como a aceitação social, talvez, isso seja o problema mais aterrorizante da questão discutida aqui, no sentido de interferir no desenvolvimento de sua identidade e reconhecimento de si, resultando na desvalorização coletiva, que culmina espontaneamente em uma busca incessável de corresponder aos paradigmas sociais, já que “[...] quanto mais magro, mais saudável, mais bonito e mais jovem, tanto mais bem estar social e sucesso” (CARVALHO, 2018, p. 38).

Deve-se destacar que embora a pesquisa de Carvalho (2018) tenha fundamentos semelhantes ao nosso interesse, devido à sua disposição relativa as Representações Sociais, utiliza constantemente o termo corpo gordo e pouco se refere ao preconceito ligando-o diretamente a gordofobia, convergindo ao nosso real objetivo. Contudo, suas indicações são de grande relevância a nossa investigação, proporcionando uma construção singular e específica de outro ponto de vista.

De forma similar, Araújo (2014) também não discute o termo gordofobia em si, no entanto, aponta aspectos determinantes para compreender o preconceito contra as pessoas

gordas, destacando que o corpo gordo, especificamente o da mulher, é um erro, fato decretado pela medicina, pela moda e pela mídia, o que implica em uma pesquisa de urgência para tratar o assunto.

Por outro lado, em sua tese de doutorado, Araújo (2017) faz uso do termo emergente, fato esse que exemplifica a ruptura de substituir a terminologia preconceito contra “corpo gordo” por gordofobia para definir e classificar a opressão referente as pessoas gordas. Do ponto de vista de Moscovici (2011), as representações que existem ou surgem na sociedade, não se referem exatamente a algo novo e recente, mas referem-se a algo reconstruído, isso é, as realidades construídas por gerações passadas, são reproduzidas pelas novas gerações, contudo, podem sofrer alterações ao longo do caminho, isso explica as transformações das concepções sobre os objetos.

Na intenção de discorrer a especificidade do corpo como objeto de pesquisa, Carvalho (2018) traz importantes considerações referentes ao discurso representativo presente na sociedade, que configura as representações sociais como um fator relevante para área do conhecimento, em virtude de concepções políticas e práticas sociais que o englobam.

De forma singular, Rangel (2018) define a gordofobia como repugnância, aversão, ofensas, opressão e exclusão de pessoas gordas. O conceito de *habitus* de Bourdieu é imprescindível para discorrer sobre a subsistência da gordofobia no meio social, pois “[...] o *habitus* faz parte do *modus operandi* do indivíduo, ou seja, ajusta-se às situações sociais e faz suas escolhas, consciente ou inconscientemente, perante as possibilidades possíveis” (p. 20). Entende-se, que a partir do *habitus* o indivíduo determina as ações sociais por intermédio de absorção das condições estruturais que o moldam paulatinamente.

A autora salienta que transformações na alimentação e no trabalho, resultantes do processo da industrialização fomentada pelo capitalismo, são impactantes para vida dos sujeitos, ou seja, as mudanças profissionais e a nova tendência de viver, além de valorizar a agilidade e multiplicidade, corroboram para o acréscimo da obesidade, contando com a variedade de comidas pré-preparadas, tendo quantidade considerável de sódio e a escassez de trabalhos braçais.

Um ponto a ser destacado, é que todos os textos apontam situações desconfortantes para aqueles que não fazem parte do modelo corporal ideal a partir da força midiática voltada a valorização da magreza. De forma unânime, as autoras retratam que em geral, o discurso estético se aproveita das afirmações da medicina para engendrar representações aversivas contra o corpo gordo, assim “[...] a representação do gordo na mídia é majoritariamente feita de forma pejorativa e negativa” (RANGEL, 2018, p. 69).

Para Silva (2017), a mídia é a principal condutora da padronização dos corpos e significados de beleza e são “[...] veiculadas diariamente por todas as mídias (TV, rádio, imprensa, internet) a cerca de conteúdos relacionados ao risco da obesidade, às dietas, a casos de emagrecimento, reeducação alimentar” (p. 65).

[...] há efetivamente uma influência muito grande da mídia e da indústria do emagrecimento sobre os indivíduos, criando padrões oficiais e midiáticos de beleza e, consequentemente, criando a estigmatização daqueles que não se encaixam em tais padrões (SILVA, 2017, p. 65).

Em relação gordofobia e gênero, ficou evidente durante o levantamento bibliográfico sobre gordofobia nas teses e dissertações, ficou perceptível que os escritos científicos são intrinsecamente de interesse do sexo feminino sobre a temática, em que todos os escritos, são de produções de mulheres. Do ponto de vista acadêmico, ter a presença do sexo feminino em estudos científicos é motivo de júbilo, uma vez que no passado, as mulheres poderiam ser citadas apenas no rodapé por suas participações científicas (LOURO, 1995).

Entretanto, o fato de apenas mulheres se interessarem pelo assunto, pode-se pressupor, que a gordofobia afeta mais o sexo feminino. Em todas as discussões dos trabalhos acadêmicos, transparecem que realmente há a preeminência do preconceito contra as mulheres, evidenciando as relações de gêneros. Louro (1997), ao focar em gênero como categoria de análise, propõe o estudo das representações sociais sobre argumentos biológicos e culturais que determinam as desigualdades que afetam o sexo feminino.

Em sua pesquisa, Silva (2017) apresenta as experiências de mulheres, o que supostamente, corrobora com a ideia de que o sexo feminino pode ser mais afetado pelo preconceito. Em todo tempo, ressalta a coerção feminina para pertencer a esse padrão de beleza, o que culmina diretamente em discussão sobre gênero.

À vista disso, observações do controle dos corpos em torno das relações de gênero “[...] é uma forma de descrever e analisar as performances que os corpos geram e, ao recortar sobre os corpos gordos femininos, como feminilidades são performatizadas” (CARVALHO, 2018, p. 32). Tal afirmativa resulta na clareza do posicionamento de domínio e interferência na formação identitária da mulher, interferindo em suas verdades e anseios, principalmente no que diz respeito em não atender ao padrão de beleza, fazendo com que acreditem que seja transgressora da normalidade:

Dessa forma, a problematização das instituições que legitimam o caráter universal e permanente dos gêneros, e, como efeito, das masculinidades e das feminilidades, pode revelar a estratégia tácita de manutenção de hierarquias e processos de dominação. Em consonância com a visão crítica da Análise de Discurso, demonstrar as relações de poder que não estão explícitas, mas se encontram nos discursos iterados na sociedade. Assim, analisar as representações e identidades de mulheres gordas pode revelar as relações de poder assimétricas e as instituições que regulamentam e orientam representações negativas, bem como revelar instituições que tentam reconstruir a visão dos corpos gordos como abjetos (CARVALHO, 2018, p. 32).

Nesta perspectiva, Louro (1997) explica que a sociedade cria por meio das relações sociais, papéis sociais pautados no sexo biológico, isso é, distinguindo comportamentos entre homens e mulheres. Em conformidade a esta afirmativa, Rangel (2018) salienta que aos homens, por muito tempo, delegou-se a preocupação com o intelecto e razão, já para as mulheres, foram incumbidos os cuidados domésticos e o corpo.

Assim, faz-se necessário vislumbrar a esse público “[...] pois, essas representações muitas vezes propõem uma visão deturbada sobre os corpos gordos, em especial o feminino, estabelecendo padrões atributivos que marginalizam as gordas” (CARVALHO, 2018, p. 3). Novamente, as questões de gênero aqui são colocadas em pauta.

Corroborando com tais pressupostos, Silva (2017) ressalta que a gordofobia age coercivamente sobre o sexo feminino no contexto cultural. Tal afirmativa corresponde ao pensamento do modelo corporal para as mulheres que se legitima por meio da ótica masculina, o que deixa evidente o poderio do patriarcado.

Todas as mulheres são vítimas de certo grau de opressão estética, pois culturalmente o corpo feminino foi elevado a padrões idealizados e irreais como forma de controle e poder de sociedades patriarcais e predominantemente machistas. Com um corpo tão fora dos padrões socialmente estabelecidos, as mulheres gordas são rejeitadas e, quando gostam de si ou têm autoestima, são duramente atacadas e criticadas (SILVA, 2017, p. 181).

De acordo com Silva (2017), a aflição do sexo feminino, quanto a opressão social sobre seus corpos, corrobora com a afirmativa de que a mulher costuma ser mais discriminada. A autora traz ressalvas sobre as mulheres serem expostas a ridicularização e exclusão social, e que cada vez mais aumenta a coerção feminina a aderirem a dietas para adquirirem o corpo ideal, no caso, o corpo magro.

Vale destacar que a mulher, recorrentemente, executa várias tarefas durante o dia, o que confina seu tempo, fazendo com que se submetam a alimentos de fácil preparação, mas que são nocivos ao ser humano. Consequentemente, o estilo de vida dos brasileiros não favorece a manutenção de um corpo delineado exigido socialmente, o que torna o contexto atual referente ao corpo, contraditório.

De modo ímpar, Pfuetzenreiter (2018) traz considerações importantes no que diz respeito a história do corpo e obesidade, apontamentos sobre gênero, argumentado que o Brasil é o país que mais busca intervenções de medicalização e cirurgias para obter a beleza estabelecida.

É na cultura ocidental que esta busca pelo corpo perfeito acontece com maior ênfase. Uma repleta de padrões de beleza, corpos extremamente magros em propagandas, programas de televisão, levando ao aumento constante de intervenções cirúrgicas, transtornos alimentares (PFUETZENREITER, 2018, p. 13).

Para a autora, situações de gordofobia acarretam na não aceitação de seu corpo e até mesmo suicídio. Um ponto relevante destacado é o fato de não haver uma interação social entre pessoas gordas, uma vez que pertencer a um grupo, é determinante para as realizações pessoais e o quanto a exclusão pode ser nociva ao indivíduo. Com isso, o pensamento construído culturalmente, é de que pessoas gordas tendem a ser afastadas, por pertencerem a um modelo corporal estigmatizado.

Sabendo da história da obesidade, podemos entender a construção cultural desse preconceito, uma vez que a gordura tem sido espaço de julgamento ao longo dos séculos. Apesar dessa historicidade, o reconhecimento da existência desse tipo específico de rejeição ainda padece de apoio popular. Há uma confusão com a opressão estética que atinge a grande parte das mulheres e alguns homens e o sofrimento específico de ser gorda em nossa cultura (SILVA, 2017, p. 68).

Para Pfuetzenreiter (2018), explicações acerca das significações corporais, estão ligadas as concepções negativas do corpo obeso, arraigadas na cultura. A sociedade atual pode ser denominada como cultura da magreza, uma vez que, os discursos que governam as significações corporais, implicam na formação do pensamento repulsivo contra a pessoa gorda na consciência dos sujeitos.

[...] entende-se que o processo de aversão à configuração corpórea volumosa (leia-se, preconceito/discriminação baseado(a) no peso) desdobra de uma realidade social maior, pautada em conjunturas e ideologias específicas, refletindo atitudes, crenças e valores do tecido social num dado contexto histórico (ARAÚJO, 2017, p. 86).

De modo geral, a pesquisa de Pfuetzenreiter (2018) oferece informações consistentes para os debates sobre preconceito, trazendo as experiências de pessoas obesas e padrões de beleza. Contudo, não se aprofunda no termo gordofobia em si, o que se distancia de certa forma, do nosso interesse, devido ao foco de nossa pesquisa se voltar as Representações Sociais acerca da gordofobia.

As informações coletadas a partir das perspectivas dos autores analisados, torna relevante a realização do levantamento bibliográfico, para desmitificar as particularidades do fenômeno gordofobia, contribuindo para nossa investigação, no sentido de possibilitar uma nova visão, que norteia a pesquisa em uma nova perspectiva.

Os dados evidenciaram várias questões assertivas, como o fato de o preconceito assolar potencialmente ao sexo feminino, ser conduzido simultaneamente pela mídia e sua ligação com a Industrialização. O que levantamos como ponto significativo e divergente ao nosso interesse, é o fato de as pesquisas utilizarem somente pessoas adultas para caracterizar o preconceito, não havendo menções a outras fases do desenvolvimento, além de não contemplarem o campo educacional como espaço de investigação da gordofobia, o que traz um convite para ir além, isso é, investigar a temática a partir de novos horizontes.

Uma vez reconhecida a escassez de trabalhos em pós-graduação concernentes ao tema elegido e também a falta de produções que relacionam o campo educacional e pré-adolescentes, há então a possibilidade de preencher as lacunas existentes, impulsionando investigações sobre gordofobia por um outro prisma, isso é, desvendando as ações gordofóbicas em âmbito escolar e enquadrando a pré-adolescência na vida social.

5. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Este capítulo tem a finalidade de apresentar os caminhos metodológicos que conduziram a construção da proposta investigadora desta pesquisa e a descrição de seus participantes. Para tanto, é exposto o processo dos passos utilizados para a elaboração da pesquisa, a construção da metodologia, os instrumentos utilizados para a análise de dados, do mesmo modo, a triagem, as definições do campo de estudos e o tratamento dos dados de análise.

5.1 Gordofobia como possibilidade de investigação no campo educacional

Tendo em vista que a gordofobia parte de uma construção social, em que pensamentos depreciativos são lançados socialmente ao corpo gordo, surge então a necessidade de analisar as representações existentes na sociedade, quanto a percepção corporal, distinguindo a preferência entre os modelos de corpo, no caso o gordo e o magro e desvendar as razões do preconceito se alastrar ao meio social e escolar, entrevendo os sentimentos dos indivíduos diante da coerção corporal. A pesquisa discorrerá à luz da Teoria das Representações Sociais sob a perspectiva de Moscovici, a qual considera-se eficaz para a compreensão sobre o fenômeno discutido na pesquisa proposta.

São inúmeras as razões pela preferência de tal teoria, uma delas se deve ao fato de acreditar que tais pressupostos epistemológicos são capazes de responder as indagações da pesquisa, uma vez que se busca investigar na dimensão grupal, as concepções internalizadas sobre o corpo gordo no contexto escolar, especificamente, os sentimentos dos alunos do 5º ano do Ensino fundamental.

Este foi o ponto relevante para a escolha desse caminho epistemológico, isso é, reconhecer como os pré-adolescentes veem seus corpos diante das representações e padrões de beleza acerca do corpo, e como se sentem quanto a gordofobia no atual contexto histórico.

Seguindo a perspectiva dos estudos de Stenzel e Guaresghi (2002), sobre a obesidade/magreza, essa desperta o interesse pela teoria como condutora para obter um discernimento coerente e apreciativo sobre a gordura corporal (que gera preconceitos, no caso a gordofobia), que na grande maioria é tratada em uma demanda parcial pela psicologia e a medicina. O intuito da teoria é de justamente romper com essa visão restrita, pautando-se no enquadramento histórico-crítica da realidade.

Em geral, os conceitos referentes a pessoa gorda já foram construídos pela medicina, pela mídia, pela moda, pela ciência, de modo negativo. No entanto, nos ocorre, descobrir qual o entendimento e construção feita pelos pré-adolescentes no contexto escolar.

Este estudo é norteado por uma pesquisa de cunho qualitativo, a qual possibilita uma observação mais aprofundada, quanto aos verdadeiros sentimentos dos participantes, o que propicia averiguar como é a vivência dos pré-adolescentes no contexto escolar. Segundo Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2000), a pesquisa qualitativa possui relevância para a elaboração de estudos científicos, pois é favorável a novas descobertas.

Sob essa ótica, Duarte (2004) pondera a importância deste método, por possibilitar a obtenção de dados que não estão devidamente explícitos, permitindo que os pesquisadores investiguem a fundo informações contidas e internalizadas no contexto real dos entrevistados, uma vez que,

[...] essas pesquisas partem do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2000, p. 131).

Em relação ao problema da pesquisa, ressalta-se que o estudo buscou encontrar possíveis respostas para a seguinte indagação: Quais são as representações sociais e sentimentos predominantes entre pré-adolescentes do 5º ano do ensino fundamental sobre a gordofobia?

Para sanar esta inquietação, esta pesquisa de mestrado teve como objetivo geral identificar as representações sociais e os sentimentos de pré-adolescentes, que estudam em escolas públicas de Sidrolândia / MS, sobre a gordofobia, evidenciando se o preconceito está relacionado com as questões de gênero e se há influência da mídia na dissipação do preconceito. Uma vez estabelecido o objetivo geral supracitado, pretende-se com os objetivos específicos:

- Averiguar as representações sociais e sentimentos de pré-adolescentes sobre a gordofobia;
- Analisar se existe a aceitação dos pré-adolescentes em relação ao próprio corpo;
- Verificar se o preconceito se relaciona com as questões de gênero, feminino e masculino;
- Averiguar a influência midiática para a expansão da discriminação e dissipação do preconceito.

Os processos para realizar a coleta de dados ocorreram a partir do mês de julho de 2019, iniciados pela organização da documentação necessária para a submissão do projeto de pesquisa a apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Mato Grosso

do Sul (UFMS). Esta questão burocrática, quanto a documentação, se fez necessário devido a pesquisa envolver seres humanos. Após serem feitas as modificações solicitadas, o projeto de pesquisa foi aprovado pelo CEP (APÊNDICE A).

5.2 Definição do Campo de estudo: o município de Sidrolândia

O município de Sidrolândia está localizado a 64 quilômetros ao sul-oeste de Campo Grande, capital do Estado de Mato grosso do Sul. A cidade possui 66 anos de emancipação política e conta com 42.153 habitantes, de acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017).

Em relação a educação, Sidrolândia conta com 21 escolas de Ensino Fundamental, 19 de Educação Infantil e 7 de Ensino Médio, com aproximadamente 10.971 alunos matriculados nas categorias municipais, estaduais e rede privada de ensino. Dentre estas instituições de ensino, 3 são de comunidades indígenas (duas municipais e uma estadual), localizadas nos perímetros urbano e rural, as quais atendem estudantes indígenas das etnias terena e córego do meio.

5.2.1 Escolas participantes da pesquisa

Para a coleta de dados nas escolas de Sidrolândia / MS, o primeiro passo foi contatar a Secretaria Municipal de Educação, momento em que foi explicado, à representante do órgão, sobre a importância da pesquisa, como seria realizada, quem seriam os participantes e procedimentos éticos. Por já ter em mãos o “Pedido de Autorização” (ANEXO B), que foi previamente elaborado por esta pesquisadora e pela orientadora, foi solicitada oficialmente a permissão para a realização da pesquisa de campo em Sidrolândia.

Após obter a autorização por parte da Secretaria Municipal de Educação, foi feito o contato com as escolas que tinham turmas de 5º ano do Ensino Fundamental, tais instituições foram escolhidas por suas localizações e características diferentes. A priori, o interesse do campo de estudo, era de contemplar duas escolas públicas, uma de centro, outra de periferia e também uma escola privada. Contudo, a terceira instituição, quando procurada, não aceitou devido a temática da pesquisa, mais especificamente pelas questões de gênero. Segundo sua representante, este é um assunto polêmico de ser discutido no contexto social atual e os pais não se sentiriam confortáveis para tal certame. Esta situação nos leva a refletir (talvez em uma

próxima pesquisa) se esta questão se deve a problemas existentes na escola ou na família. Fica então, este apontamento a ser desvendado.

Então, ao descobrir a existência da escola de comunidade indígena em Sidrolândia, pareceu pertinente analisar as representações sociais em contextos escolares diferenciados em um mesmo município. Assim, a pesquisa foi realizada em três escolas públicas, que nesse estudo foram identificadas como:

1. Escola “M” – representa a instituição de bairro, que atende, quase que exclusivamente, alunos dos pontos periféricos da cidade.

2. Escola “F” – representa a instituição de ensino localizada no centro de Sidrolândia, cujos estudantes eram moradores da área central da cidade.

3. Escola “C” – representa a escola da comunidade indígena, que atendia também alguns alunos não indígenas, em sua maioria, os estudantes eram de etnia terena. A referida escola encontra-se localizada em uma área incorporada ao município, com distância aproximada de dois quilômetros e meio do centro da cidade, embora se trate de um espaço reservado exclusivamente aos indígenas terenas, a escola está situada na área urbana de Sidrolândia.

É importante destacar que nas três escolas em que a pesquisa foi realizada, foram feitos contatos prévios e obtida a autorização (ANEXO B) dos gestores escolares, os quais foram bastante receptivos e não mediram esforços para colaborar com o processo de coleta de dados.

5.3 A coleta de dados junto aos pré-adolescentes: primeira etapa da pesquisa

Desde o início da realização da pesquisa, a intenção era priorizar os pré-adolescentes que frequentavam o 5º ano do ensino fundamental, opção essa que se deu por eles estarem imersos em uma fase pouco explorada no meio científico, conforme Farias (2004), o que também requer uma atenção aprofundada e analítica para compreender essa transição. Considerando este pressuposto, é possível entender os significados dados ao corpo e o poder da gordofobia na visão dos pré-adolescentes no âmbito escolar, uma vez que a gordofobia se insere no contexto social, trazendo valores e concepções culturais.

Após definir e ter a autorização das três escolas para a coleta de dados, a escolha de qual turma de 5º ano do ensino fundamental participaria da pesquisa aconteceu por meio da indicação dos gestores escolares. Com a definição de cada turma, foram feitos contatos com docentes e discentes e combinamos um dia para a realização da primeira etapa da pesquisa.

Posteriormente, houve o retorno às escolas para então iniciar a coleta de dados com questionário (APÊNDICE E) constituído de questões abertas e fechadas, o qual foi respondido

por todos os alunos presentes na sala de aula no dia combinado em cada instituição. Nessa primeira etapa, foram obtidos um total de 58 questionários com 15 alunos da escola M, 23 da escola F e 20 da escola C.

Durante este processo, foi dado aos alunos a liberdade de participar ou não deste primeiro momento da pesquisa, mas todos eles demonstraram interesse em fazê-lo, responderam ao questionário e tiraram as dúvidas quando não entenderam alguma questão.

Esta etapa da pesquisa foi de grande relevância, pois ela serviu como triagem dos participantes do grupo focal (APÊNDICE F), tendo como critério, os pré-adolescentes que independentemente de seu peso, demonstraram insatisfação a partir de sua percepção corporal, autoimagem e relataram ter sofrido algum tipo de agressão devido a sua estrutura física. Além disso, possibilitou realizar de maneira ampla, a primeira categoria de análise dos relatos dos alunos e ainda permitiu dar continuidade ao próximo passo da pesquisa de campo, visto que, ao serem analisadas as respostas de cada turma, elaborou-se um roteiro base que norteou as atividades desenvolvidas com os participantes dos grupos focais a partir de critérios semelhantes de encaminhamento metodológico.

As datas dos encontros de cada grupo focal foram marcadas a partir da disponibilidade dos alunos e das escolas e realizados na própria instituição, sem haver a necessidade de locomoção dos alunos para fora do espaço escolar.

5.4 Participantes dos grupos focais: segunda etapa da pesquisa

O critério para a escolha dos pré-adolescentes que participariam do grupo focal efetuou-se a partir das respostas que eles colocaram no questionário, então, foram convidados alguns alunos pessoalmente e entregue o Termo de Consentimento Livre Esclarecimento (TCLE), que deveria ser assinado pelos pais ou responsáveis, e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), que deveria ser assinado pelos próprios alunos (APÊNDICES E e F). Caso não tivesse a autorização da família, não seria permitido ao pré-adolescente a participação na segunda etapa da pesquisa.

Os alunos que aceitaram, que tinham os termos assinados e que estavam em condições de participar do grupo focal foram 16 pré-adolescentes do 5º ano do Ensino Fundamental, com idades entre 9 e 10 anos, tendo apenas um participante com 14 anos, pertencente à escola M, o qual era repetente do ano em questão e solicitou sua participação no grupo focal.

A identificação dos participantes, no caso, os nomes fictícios, se correlacionam a letra de identificação de sua respectiva escola. Assim, os participantes da escola M foram 4 (quatro)

alunos, aqui denominados de: Marcelo, Marta, Mirela e Marcos. Na escola C participaram 6 (seis) alunos, identificados como: Carlos, Carolina, Catarina, Caetano, Camila e Caio. Na escola F, 6 (seis) alunas participaram do grupo focal, as quais são aqui identificadas como: Fernanda, Felícia, Fábila, Flávia, Fabiana e Fabíola, ou seja, apenas meninas.

A ideia inicial era contar com a participação de 18 pré-adolescentes, mas os alunos da escola “M” não entregaram o TCLE, conforme o combinado, assim a pesquisa seguiu com aqueles que o fizeram. Em todas as escolas sucedeu este tipo de problema e foram incontáveis as visitas nas escolas para o recolhimento dos documentos, o que, segundo os participantes, ocorreu por motivo de esquecerem de entregá-los aos seus responsáveis.

5.5 Descrição dos instrumentos de pesquisa

Como instrumentos de pesquisa, este estudo foi realizado por meio de questionário e de grupo focal, por considerá-los relevantes para pesquisas em representações sociais. Em relação ao questionário, Spink e Lima (2013) o denominam como meio de apreender articulações subsequentes de posicionamento identitário que não estão claramente expostos pelos sujeitos. Esta técnica promove capturar os pensamentos compartilhados, identificando fatores gerais que organizam uma determinada representação social, especificamente, a imagem corporal e percepção do próprio corpo (SECCHI; CAMARGO; BERTOLO, 2009).

No tocante do grupo focal, a escolha efetuou-se por se entender que tal procedimento favorece a conversão dinâmica e espontânea entre os participantes e por trazer possibilidades de compreender o ser humano em suas experiências grupais. Portanto, este foi constituído por aqueles que acreditavam não fazer parte dos padrões referentes à cultura da magreza e os que não estavam satisfeitos com sua aparência corporal, independentemente de seu peso.

No que tange ao segundo instrumento utilizado para a pesquisa, ou seja, o grupo focal, foi feita a opção por essa forma de coleta de dados para melhor identificar as representações sociais na perspectiva grupal, e não isoladamente, o que também corresponde às expectativas quanto a abordagem epistemológica, visto que o indivíduo se encontra inserido ao dinamismo social e culturalmente definido por ele (JODELET, 1989). Tal procedimento permitiu identificar os pensamentos internalizados, na concepção sobre o corpo gordo, formada pelos pré-adolescentes.

De acordo com Gatti (2005), esta metodologia permite uma interação entre pessoas que compartilham um mesmo dilema, as mesmas experiências, mesmas emoções e opiniões o que

propicia discussões em que todos os participantes se sintam livres para concordar ou expor críticas e discorram sobre seus problemas. Compreende-se que:

O grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de ponto de vista e processos emocionais pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que com outros meios poderiam ser difíceis de se manifestar (GATTI, 2005, p. 9).

O grupo focal foi realizado em apenas um encontro em cada escola, tendo duração entre 30 a 60 minutos, contados após a leitura do livro intitulado “Gorda ou Magra Abracadabra” de Giselda Laporta Nicolélis (ANEXO A). Esta estratégia literária possibilitou um momento descontraído, concomitantemente, direcionou o rumo da conversação, em que ao comentar sobre a história, as discussões sobre gordofobia foram naturalmente introduzidas. Os participantes expuseram seus sentimentos e experiência de vida quanto às questões relativas ao corpo e gordofobia. A duração dos grupos focais foi de 40 minutos na escola M, 42 minutos na escola C e 53 minutos na escola F.

O roteiro que norteou a conversa (APÊNDICE F) e o primeiro questionário (APÊNDICE E) foram elaborados a partir da fundamentação da literatura sobre gordofobia, além da direção centrada no referencial teórico metodológico. A construção do roteiro (o mesmo para os três grupos), seguiu o conceito semiestruturado, considerando que são os “principais instrumentos nas pesquisas de representações sociais”, além de oferecer flexibilidade em sua execução e a “emersão de elementos inconscientes, associados aos aspectos afetivo-emocional essenciais das representações sociais” (COUTINHO, 2017, p. 19). Esta estratégia foi relevante para obtenção de informações dos participantes, uma vez que, possibilita haver interferência de novas perguntas conforme surgia a necessidade de esclarecimento das falas.

5.6 Organização e análise dos dados

Para registrar as conversas do grupo focal, foi utilizado a gravação de entrevistas que posteriormente foram transcritas e analisadas. Este processo segue as orientações do método de análise de conteúdo de Bardin (2016, p. 34), que se trata de sistematizar e organizar os dados a partir das transcrições, que significa que a “descrição analítica funciona segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Estas orientações também serviram de base para sistematizar os dados obtidos por meio do questionário, apontando os fatos mais significativos nas respostas dos participantes, analisados como a primeira categoria.

Segundo Bardin (2016), este processo se refere a uma preocupação analítica quanto as informações contidas nos dados obtidos. Com isso, há um investimento na interpretação, buscando desvendar aquilo que não está em evidência e o que não foi dito. Qualquer que seja a comunicação, os veículos de significados emitidos, podem ser elucidados pela técnica de análise de conteúdo.

Neste caso, a análise de dados, está organizada a partir de categorias temáticas numa análise estrutural, sob a classificação dos aspectos significantes para os participantes, isto é, as respostas escritas, os pensamentos e comportamentos que revelam elementos substanciais da realidade e os pontos em evidências em comum ou mais significativas nas experiências escolares dos pré-adolescentes, levando em conta que,

A leitura efectuada pelo analista, do conteúdo das comunicações não é, ou não é unicamente, uma leitura «à letra», mas antes o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano. Não se trata de atravessar significantes para atingir significados, à semelhança da decifração normal, mas atingir através de significantes ou de significados (manipulados), outros «significados» de natureza psicológica, sociológica, política, histórica etc (BARDIN, 2016, p. 41).

Para a referida autora, isto implica em não apenas descrever o conteúdo, mas sim, ao que este pode revelar depois de tratados. Por meio da classificação dos objetos, pode-se elaborar indicadores que são capazes de nortear a interpretação dos dados, retomando sempre ao referencial teórico a fim de fundamentar a análise, emitindo sentido a esta interpretação.

6. VOZES DOS PRÉ-ADOLESCENTES: GORDOFOBIA NA ESCOLA

Este capítulo dedica-se em apresentar as experiências dos alunos em relação ao preconceito baseado no peso, no caso a gordofobia e suas insatisfações quanto sua aparência física, a fim de serem analisadas segundo a perspectiva das Representações Sociais.

Por meio do levantamento de literaturas que vislumbram a temática, foi possível alcançar conceitos centrais que propiciaram a compreensão dos dados fornecidos pelos participantes. As respostas do questionário foram sistematizadas e trouxeram evidências significantes que possibilitou explorar as experiências dos participantes. Os relatos dos pré-adolescentes nos grupos focais após serem transcritos, também foram sistematizados e categorizados. Ambas informações, foram classificadas a partir de pontos semânticos e similares em seus relatos. Neste caso, toda informação coletada foi analisada, ou seja, tanto as respostas contidas no questionário quanto os relatos do grupo focal.

Desta feita, a análise discorre sobre a existência da gordofobia e outros preconceitos relacionados a representações sociais que denotam simbologias quanto ao corpo e a imagem corporal entre os pré-adolescentes, fundamentados em construções sociais e culturais à volta da padronização dos corpos. Tais informações, foram classificadas em categorias a partir de expressões triviais, amplas e mais significativas relacionadas a gordofobia, gênero, preferência ao corpo magro, *bullying* e violência escolar, dificuldade escolar e influência da mídia na vida dos estudantes.

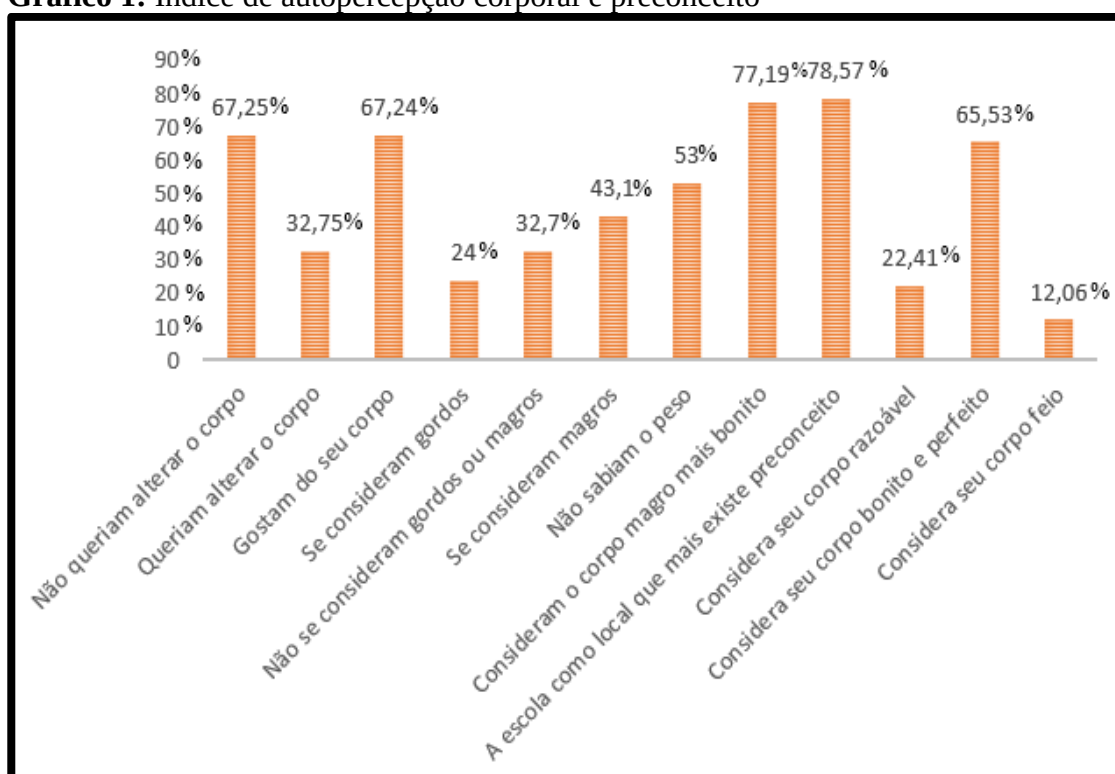
6.1 Análise do questionário

O questionário respondido pelos alunos buscou primeiramente saber a relação dos participantes com seu próprio corpo. Assim, questões relacionadas ao peso, altura, autopercepção corporal, se gostam ou não de seu corpo, entre outras, foram sobrepostas a fim de detectar suas opiniões e preferências corporais. Tal procedimento, além de servir como triagem dos participantes para o grupo focal, também possibilitou conhecer melhor o pensamento geral dos envolvidos a respeito de seus corpos, propiciando uma discussão a partir da expressão: “o magro é mais da hora”, que denominou a respectiva categoria, opiniões dos pré-adolescentes quanto ao corpo. Vale ressaltar que nesse processo de análise, não houve nomeação ou distinção dos participantes, apontando então as respostas generalizadas.

6.1.1 O “magro é mais da hora” – Opiniões dos pré-adolescentes quanto ao modelo de corpo

Indagações referente a autopercepção da imagem corporal, fez-se necessário devido ao fato de a gordofobia compreender justamente a aparência corporal. Para saber as consequências do preconceito sob a vida dos pré-adolescentes, é relevante considerar os conceitos que atribuem aos seus corpos. Portanto, o gráfico abaixo ilustra algumas das respostas do questionário, o que nos faz compreender o posicionamento dos pré-adolescentes diante de seus corpos e do preconceito.

Gráfico 1: Índice de autopercepção corporal e preconceito



Fonte: Acervo pessoal da pesquisa de campo - Questionário (2019).

Ao total, 58 alunos responderam ao questionário, entre eles, 28 meninos e 30 meninas com idades variadas de 10 a 14 anos. Vale lembrar que, nosso intuito foi de analisar as representações sociais de pré-adolescentes entre 9 a 12 anos sobre gordofobia, no entanto, havia um aluno repetente, com idade de 14 anos, o que não interfere, pois frequentavam turmas de 5º ano do Ensino Fundamental, fazendo parte então do nosso foco de pesquisa.

Mediante os dados obtidos por meio do questionário, um fato importante percebido, especificamente na escola “C”, foi sobre o fato de 53% dos alunos não saberem seu peso e sua

altura. Contudo, essa escola apresentou escores mais alto quanto ao desejo de realizar mudança no corpo, sobressaindo a perda de medidas corporais devido ao preconceito.

Embora o peso seja o principal indicativo para a ocorrência da gordofobia, o fato de não o saber, demonstra que os números que o representa parece não fazer parte das preocupações destes alunos. A partir desta informação, podemos entender que, os motivos que provocam insatisfação dos alunos da escola “C” quanto ao corpo, estão relacionados exclusivamente pela aparência física, o que do mesmo modo, é fator pelo qual o preconceito se concretiza.

Nesta circunstância, em sua pesquisa com adolescentes sobre imagem corporal, Lima (2013) desvendou que 33 % dos adolescentes pesquisados revelaram estar descontentes devido sua imagem corporal, por serem vítimas de preconceito. O maior obstáculo para este público quanto sua convivência em sociedade, está relacionado à sua imagem corporal, ou melhor, ao fato de não se adequarem as exigências sociais, se preocupando com o que os outros pensam e determinam.

Este fator é explicado pela teoria das Representações Sociais, no sentido de se obter a aprovação social para serem aceitos em determinados grupos (SPINK, 1993). Aqui, novamente retornamos aos apontamentos de Moscovici sobre o poder que os grupos e o pensamento coletivo exercem sobre a vida dos indivíduos. Isto concerne ao fato de que nos vemos a partir dos olhos do outro.

De modo geral, 67,24 % dos alunos responderam gostar de seus corpos, independentemente de seu peso ou sua imagem corporal. No entanto, essa estimativa representa em sua maior parte, aqueles que se consideraram magros e ou nenhum (nem gordo, nem magro). Dentro daqueles que se consideraram gordos (24%), o adjetivo predominante quanto ao corpo foi o feio e horrível (12,06%), diferente dos que se definiram magros (43,10%), os quais se qualificaram como corpo bonito e perfeito (65,53%). Um ponto interessante é que entre aqueles que se denominaram com um corpo razoável (22,41%), não se caracterizaram em nenhum dos predicativos (gordo/magro) representando 32,70% dos alunos.

Pode-se entender que para o indivíduo se situar no meio em que vive, especificamente no que diz respeito a sua aparência, o corpo deve conter características exatas que o definirá como feio ou bonito, características estipuladas a partir da estrutura física, codificada em gordo ou magro. Isto indica que os alunos que se julgam razoáveis, estão numa zona de conforto, uma situação amena, quanto ao preconceito, uma vez que, mediante a estrutura física, não possuem características que determinam repulsa.

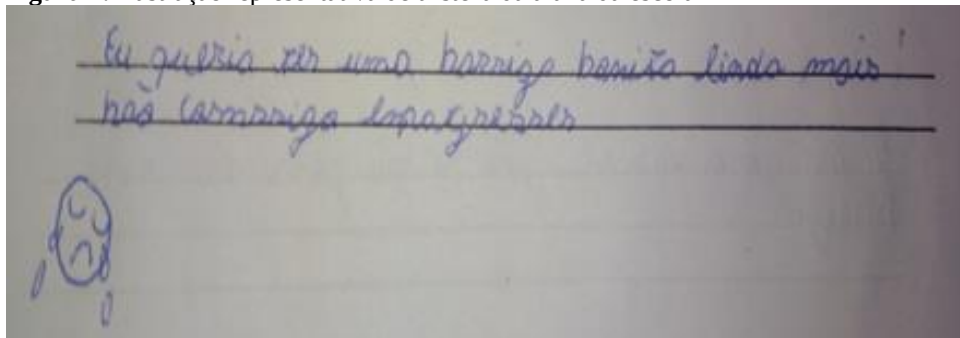
Ainda sobre a aparência corporal, com exceção da escola “C”, 67,25% dos alunos demonstraram não ter o desejo em fazer alterações quanto ao corpo. Em seus relatos, nas

questões abertas sobre esta indagação, eles fizeram relações a espiritualidade, no sentido de haver um desejo maior e divino que decide os modelos corporais, os quais devem ser aceitos e respeitados. Isto indica que estes alunos carregam representações religiosas que induziram a formação de tal concepção corporal, o que pode ser analisado a partir das afirmações de Arruda (2002) sobre a influência da religião na subjetividade dos indivíduos e na representação de si. Além disso, ainda revelaram estar felizes por seus corpos terem funcionalidade em relação aos aspectos motores, não havendo deficiência física.

Aqui, o corpo é reputado por sua funcionalidade, diante desse pressuposto, Santos (2008) afirma que nessas circunstâncias, o corpo é visto como suporte utilitário, responsável por facilitar a vida do ser humano em sua rotina. Para os alunos, um corpo que possui todas as funções utilitárias, é um corpo bom e vantajoso.

Aos 32,75% que relataram o desejo de fazer alterações em seus corpos, apontaram a barriga como o pior de seus problemas. Segundo os alunos, a barriga é o principal motivo por não estarem satisfeitos com sua aparência, “[...] eu queria ter uma barriga bonita, linda, mas não consigo emagrecer”. É possível evidenciar o desespero da aluna da escola “F”, quanto ao formato de seu corpo e seu peso, pelo fato de considerar sua barriga volumosa conforme ilustra a imagem abaixo:

Figura 2: Ilustração representativa de tristeza da aluna da escola “F”



Fonte: acervo pessoal da pesquisa de campo - questionário (2019).

Embora não houvesse solicitações de qualquer ilustração, esta aluna desejou expor sua angústia por meio de um desenho que representa tristeza em não possuir um corpo adequado as exigências sociais. Esta situação comprova o quanto os pré-adolescentes estão abalados por não pertencerem a um dispositivo de magreza que foi demonstrado como inalcançável, ao sinalizarem com um pedido de socorro: “Eu queria mudar a minha barriga, muito mesmo”. Mais uma vez a barriga é motivo de grande aflição e tormento que causa mal-estar e desprazer quanto a aparência física.

Isso ocorre pelo fato de a barriga ser o maior indicativo de falta de saúde, de cuidados próprios e sinônimo de excesso de peso de acordo com os padrões de beleza atuais. Em sua pesquisa, Santos (2008) apresenta relatos que atestam a barriga como principal aspecto representante de excesso de gordura, muito mais que o próprio peso:

Se você olhasse assim, eu não era gordinha, eu tinha praticamente oito quilos mais do que eu tenho aqui. Eu sempre tive perna grossa, sempre tive bunda, então era mais rolicinha, mas nunca fui (gordinha), porque nunca tive cintura grossa, nunca tive aspecto de gorda, nunca tive barriga, mas eu tinha braço mais grosso, perna bem mais grossa (SANTOS, 2008, p. 100).

Tais informações sobrepõe o corpo delineado como excelência, ou seja, deve-se buscar uma proporcionalidade corporal. A falta de proporção, no caso da barriga volumosa, representa uma má distribuição das partes do corpo, se tornando o ponto de referência de ser gordo e que o próprio culpado é o indivíduo por não extinguir o excesso abdominal.

Em alguns casos, os alunos foram específicos em dizer que não se importam com a opinião de outrem, como relatou uma aluna da escola “M”: “Eu não ligo para a opinião das pessoas, eu amo meu corpo do jeito que ele é”. Contudo, isso não ocorre com todos os participantes desta escola, visto que em outros casos, os alunos demonstram não estarem contentos às opiniões alheias, mas acabam por se aceitarem: “Sim, eu gosto, sei que não é muito bonito, mas é o meu corpo”.

Nesta última frase, temos a percepção de haver uma explicação quanto a aparência, ou seja, existe um padrão, um parâmetro coletivo, uma força maior, que determina o que é belo e o que não é. Com isso, os indivíduos se veem obrigados a tomar uma posição, em que esclarece que a percepção de si vai ao encontro dos demais, porém, deixa claro que esta é sua realidade. Este fato é explicado por Jodelet (2001), pela necessidade que o indivíduo tem de buscar aspectos comuns ao mundo que o rodeia, encontrando uma saída para que seja aceito no coletivo.

Este fato sinaliza para a necessidade de estar consciente de sua aparência corporal e de entender a leitura que é feita ao indivíduo a partir dela. Fica explícito que a dinâmica entre gostar e não gostar do seu próprio corpo, está relacionada ao que os outros pensam e tal pressuposto pode ser entendido a partir de relatos de alunos na escola “M”: “Eu gosto do meu corpo, porque minha mãe fala que eu tenho o corpo bonito”. Este fato literalmente indica que os indivíduos possuem a autopercepção a partir daquilo que lhe é dito e determinado por outras pessoas.

No cenário de autopercepção da imagem corporal, Farias (2004, p. 42) adverte que “[...] por meio de imagens e discursos, o mito encoraja o indivíduo a olhar seu próprio corpo e dos outros e julgá-lo pela sua aparência física”. O mito refere-se estritamente aos mecanismos culturais de beleza que molda, controla e dá referência em como o corpo deve ser.

Nesta circunstância, Farias (2004) explica que estando em fase de desenvolvimento, os pré-adolescentes internalizam fortemente as características determinadas ao corpo, as quais o definem culturalmente como bonito ou feio. Assim, fica evidente que as opiniões e policiamento social que inspeciona e julga a aparência se tornam essenciais na formação da identidade deste público.

Além disso, Lima (2013) salienta que a aparência física é um elemento determinante para iniciação das relações sociais. Uma vez apresentada insatisfação quanto a sua aparência corporal, os indivíduos tendem a perder a confiança em si, culminando no afastamento social. Neste caso, quanto mais o pré-adolescente se distancia das exigências corporais, maior é o conflito que afeta sua autoestima e sua vida social.

As preocupações com a aparência corporal são tratadas de maneira séria pelos pré-adolescentes. Isso inclui os cuidados casualmente visto nos adultos, mas que eventualmente, está presente na vida dos pequenos como a prática de exercício físico para manter a boa forma, o que fica explícito nas frases de algumas **alunas** da escola “F”: “Eu estou fazendo academia para me ajudar a ficar com a massa forte e com o peso na média”; ou “Eu acho ele bonito e saudável”; ou ainda “Eu tenho que cuidar do meu corpo, eu gosto do meu corpo”; e “Você fica mais à vontade cuidando de seu corpo”.

Falas como estas nos permitem vislumbrar a fusão dos pensamentos de boa forma corporal com os cuidados com a saúde, em que o peso é o fator principal para indicar tais elementos. Ao ter determinados cuidados, os indivíduos apresentam amor próprio e autocontrole sobre sua estrutura física. Aqui vemos o corpo gordo ser relacionado a falta de cuidados, em que a culpa e responsabilidade do fracasso são lançadas aos próprios indivíduos. Neste sentido, Farias (2004, p. 39) explica que “[...] as práticas corporais associadas à saúde, à vitalidade e à beleza prometem eliminar a inquietude que o olhar do outro provoca, por meio do esforço, determinação e disciplina”.

É importante destacar, a partir destes dados, que não há fronteira quanto as diferentes fases do desenvolvimento humano, quando o assunto é preocupações com a autoimagem e aparência física. As representações sociais que envolvem o corpo, são realidade em qualquer faixa etária, Isto implica que, independentemente de sua idade, o indivíduo está sujeito aos padrões que determinam o modelo corporal em que “[...] os modelos de beleza representados

pelos corpos ‘sarados’ e ‘trabalhados’, acrescidos de uma multiplicidade de técnicas corporais prescrevem e pressionam o autocontrole” (FARIAS, 2004, p. 39).

Em relação a percepção corporal relatada entre meninas e meninos de todas as escolas, observou-se uma grande diferença quanto aos que não estavam satisfeitos com seu corpo, explicando o porquê de a palavra **alunas**, que antecede as frases, estar em destaque. Entre os participantes do sexo masculino, somente 2 revelaram não gostar de seu corpo, um considerado gordo e o outro magro. Já entre as meninas, o número foi três vezes maior de insatisfação. Os dados também transpareceram que as meninas possuem maior desejo de fazer mudanças em seu corpo a fim de manter uma aparência aceitável.

Este referencial sinaliza que o sexo feminino não está em conformidade com sua aparência e que as meninas se consideram inaptas ao padrão atual de beleza atual. Tal situação sempre foi presente na vida das mulheres em sociedades ocidentais industrializadas, pois o corpo feminino foi e parece permanecer em uma eterna fiscalização social em se manter lindo, perfeito e bem apresentável, dependendo do modelo corporal estipulado pela sociedade.

Em consonância a este impasse, o estudo de Lima (2013) também evidenciou que as adolescentes possuem a maior insatisfação corporal do que os meninos e a partir disso, apresentam um nível maior na distorção e distúrbio da imagem corporal. Do mesmo modo, Louro (2000) argumenta que devido a estas representações, as quais induzem as mulheres a serem dóceis e cuidarem de sua estética, é que o corpo feminino se mantém como alvo de normas corporais contidas na sociedade. Entendemos que as práticas sociais que denotam o corpo, são na realidade, representações sociais relacionadas as relações de gênero que impõe limites e modelos aos quais as mulheres estão expostas e coagidas a seguir, conservando então, as desigualdades sociais pautadas no sexo.

Vale ressaltar que nem todas as alterações corporais desejadas pelos pré-adolescentes, estão conexas ao peso. Especificamente os alunos da escola “C”, apresentaram aflições quanto a cor da pele: “Eu queria ser branquinha, quando eu nasci, eu era branquinha”. É importante lembrar que esta informação é oriunda da comunidade indígena, e partir dela, entendemos os constrangimentos que estes alunos enfrentam quanto às questões raciais.

Em geral, quando a pergunta enunciava a preferência de modelo corpóreo, 77,19% dos alunos indicaram o corpo magro como o mais bonito, o que pode-se afirmar que o favoritismo se remete a tal modelo, especificamente quando sua denominação se elege como “da hora”. De acordo com os alunos, este modelo é “mais bonito”, pois “quando faz alguma atividade física, tem menos trabalho” ou “porque as roupas são mais fáceis de achar nas lojas” além de “não sofrer preconceito”.

Os relatos dos pré-adolescentes evidenciam as representações sociais reproduzidas sob a persuasão dos discursos juntos a beleza e a estética, fazendo menção de que o corpo magro simboliza agilidade e saúde. Neste cenário, o corpo gordo se torna repugnante e deve ser evitado a qualquer custo “porque o gordo, todo mundo fica zoando, fica chamando de baleia”. A realidade dos alunos fora do padrão de beleza é estarrecedora. Suas aflições são visíveis quando revelam preferir o corpo magro devido ao preconceito, como relata uma aluna: “Eu já sofri *bullying* por causa do meu corpo, me chamavam de baleia, elefante etc, e eu comecei a não gostar do meu corpo”.

Nota-se o sofrimento dos alunos mediante ao constrangimento e violência verbal devido a sua aparência física no contexto escolar. Por esta razão, a escola foi considerada em 78,57% como o local em que mais existe o preconceito. Este fato evidencia que as ações discriminatórias fazem parte do ambiente escolar, se inserido ao quadro de experiências negativas dos escolares frente ao preconceito exposto por Araújo et al. (2012), Silva et al. (2017), Fante (2006), Saul (2010) e pelo IBGE (BRASIL, 2015).

Em decorrência da não conformidade dos padrões estéticos e ou até médicos, o gordo é considerado um agressor em violar as normas sociais vigentes, recebendo estereótipo de negatividade. De acordo com Stenzel e Guareschi, o corpo por ser um elemento central para este público, é ao mesmo tempo, complexo por transportar características do ponto de vista da estética e interferem nas relações sociais. Uma vez estando fora dos paradigmas estéticos, torna-se então um grandioso problema devido a sua associação a defeitos e rebeldia.

Ao comparar as escolas, percebeu-se a semelhança quanto a angústia, conflitos e insatisfação dos alunos por conta do corpo, em especial por parte das meninas. Isso evidencia as consequências advindas do preconceito que abarca os modelos corporais. Contudo, a escola “C” se destaca quando apresenta situações que envolvem questões raciais.

De modo geral, fica muito claro, que as representações referentes ao corpo gordo dadas pela sociedade, estão presentes no contexto escolar. Tais representações, culminam em insatisfação dos alunos quanto sua estrutura e massa corpórea. O simples fato de não encontrar roupas de seu tamanho representa aos pré-adolescentes que estão gordos e não levando-se em consideração que nesta fase do desenvolvimento, pode ocorrer variações e desproporções no corpo humano.

Este sentimento de não pertencimento social, causa sérios conflitos internos, desencadeando distorções na autopercepção, do mesmo modo, a gordofobia acometida em forma de *bullying*, opera transtornos nas relações sociais destes alunos, tema este, que será percorrido na próxima categoria.

6.2 Análise do grupo focal

Este tópico se dedica a desvendar as experiências dos pré-adolescentes na escola decorrentes das ações gordofóbicas a partir dos relatos obtidos durante os grupos focais. As análises discorrem sobre diversos preconceitos fundamentados em representações sociais e culturais e que estão ligados a padronização dos corpos. Tais informações também foram classificadas a partir das expressões que antepõe as categorias sobre a gordofobia, *bullying*, violência escolar e as dificuldades nas atividades escolares, gênero, a influência da mídia na vida dos estudantes e o modelo corporal estabelecido atualmente. Vale ressaltar que nestas categorias utiliza-se nomes fictícios para se referir aos pré-adolescentes, apontando os pontos mais expressivos em seus relatos.

6.2.1 “Eu sofri, eu sei como que é, eu quase me cortei, por depressão” – A gordofobia na escola

Na respectiva categoria desmitificada pela expressão “Eu sofri, eu sei como que é, eu quase me cortei, por depressão” (FABIANA), é possível perceber que as representações sociais que sustentam a padronização corporal e ao mesmo tempo corrobora para a estigmatização das pessoas gordas, não isentam o espaço escolar, pelo contrário, é reproduzida e legitimada com total eficácia na fiscalização dos corpos.

Nesta circunstância, Barreto (2017) considera que a aparência física é um dos principais motivos de existir *bullying* nas escolas, pois os alunos gordos são facilmente alvos de insultos e deboches. Esta afirmativa é comprovada a partir dos relatos como o de Fabiana que apresentam os preconceitos existentes, desmitificando a realidade escolar, a dor e o sofrimento causado pela gordofobia. Ao pronunciar as situações de discriminação, os pré-adolescentes também apresentam o desejo de se adequarem aos padrões corporais exigidos socialmente, como ressalta Mirela: “Ah, eu queria mudar só um pouco do meu corpo”. Nesta fala, a aluna da escola “M” deixa evidente a obrigatoriedade social de adaptar o corpo, evidenciando que a coerção social não é percebida automaticamente, dado que a padronização em forma de representação social está internalizada a tal ponto, que fica impossível percebê-la, por se tratar de um elemento que é visto como natural na vida dos indivíduos.

Esta alegação é prevista e fundamentada pela Teoria das Representações Sociais. Para Moscovici (2011), o processo de internalização e a forma em que as representações são reproduzidas, faz com que o modo de vida seja visto como natural, por conta da permanência e

repercussão em que um pensamento é tratado socialmente. A questão mais drástica, em relação as consequências que a gordofobia pode causar, pode ser entendida por problemas mais severos que envolvem a depressão e o suicídio: “Eu sofri, eu sei como que é, eu quase me cortei, por depressão”. Aqui, Fabiana da escola “F” sinaliza seu tormento diante da gordofobia, e a única solução para acabar com o sofrimento, seria por fim na própria vida, como ela mesma relata:

A pessoa gorda tem mais peso, ela é tipo..., ela tem uma..., tem umas pessoas gordas que não têm amigos, né. Não existem pessoas para defender e aí quem é gordo não tem amigos. Eles [alunos] fazem mais conversas uns para os outros e quando eles conversam com os outros [sobre quem é visto como gordo], vai mais aumentando as discussões. Aí vem a depressão, a vontade de morrer, de se cortar, por causa dessas pessoas (FABIANA).

A respeito disso, compreendemos a partir dos argumentos elencados por Bandeira (2016), que o desejo suicida é comum entre as vítimas de preconceito. A baixa autoestima que fomenta tais desejos, é também estimulante à depressão e ao transtorno de ansiedade.

O fato de não pertencer a um grupo social e o fato de não possuir amigos são fatores que fazem parte das ações desencadeadas pela gordofobia, uma vez que o a pessoa gorda é considerada doente e uma afronta aos parâmetros sociais (STENZEL; GUARESHI, 2002). Nesta circunstância, quem está acima do peso é mantida em isolamento e exclusão social, o que torna esta situação mais crítica e propícia ao desenvolvimento de transtornos maiores.

Diante desta realidade, o sentimento de inferioridade importa-se a depressão, a qual é responsável por provocar danos no desenvolvimento deste público, visto que estes alunos estão em fase de formação humana e acadêmica. Ao ser afetado pelo preconceito, os pré-adolescentes desenvolvem distorções na percepção de si e em sua autoimagem segundo apresenta a aluna da escola “M”: “Eu sempre falo para elas que eu não me acho bonita, porque eu não sei, mas eu não me acho bonita (MIRELA).

Estas ideias de desprestígios, também se devem ao momento de transformações corporais decorrentes do início da puberdade o que demanda uma série de adaptações físicas e psicológicas, deixando os indivíduos vulneráveis a complexos pessoais (LIMA, 2013). Estes complexos além de provocarem situações de descontentamento, geram o desejo de exclusão dos próprios indivíduos, conforme apontam as alunas da escola “F”: “Éh, eu acho que eu não tenho muito amigos né, por isso quando eu..., tipo..., sinto isso, eu sofro, porque falam que tem que ser magra ou gorda, então eu fico sozinha. Eu tento ficar mais afastada de todo mundo e eu não quero nem falar para a diretora e nem com a minha mãe. Eu nunca falei” (FLÁVIA). “A gente tenta apagar tudo, ficar isolada, fecha porta, trancar tudo, trancar as janelas” (FABIANA).

A partir destes relatos, percebe-se o nível avançado de depressão em que os pré-adolescentes se encontram, devido a não aceitação corporal ocasionada pela gordofobia. Vale ressaltar que o fato de não conversarem ou exporem seus problemas, pode impedir providências e interferências quanto a situação.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a depressão em um nível profundo certamente culminará em suicídio. Perante isso, considera-se que o “[...] risco parece ser mais alto quando esses pacientes não fazem o tratamento corretamente por se considerarem não tratáveis” (OMS, 2002, p. 190). Esse fato é justificado por Carlos: “É que não vai adiantar, às vezes quando a pessoa fica assim, tipo... lá né, naquele lugar [afastado], a pessoa vai lá, conversa, mas não vai adiantar. Se eu puder eu fico no meu canto lá de boa”. A expressão “naquele lugar”, é associada à forma de tratamento que o aluno considera não funcionar. Essa postura de isolamento está ligada ao sofrimento da pessoa gorda, que muitas vezes acaba por aceitar a sua posição de subalternidade frente as cobranças sociais, por achar que realmente é culpado pela não conformidade corporal.

Este posicionamento é realidade na vivência dos pré-adolescentes, conforme relata o aluno da escola “C”: “Eu fico sossegado sozinho, estou acostumado, já” (CARLOS). Aqui, o aluno exprime a constante repudia que ele enfrenta e parece criar uma aceitação disfarçada, isto é, reconhece sua posição social deliberada pelos demais, mas opta em aceitar somente para não ter mais retaliação. Assume então que sua estrutura física é sua responsabilidade, por não avistar solução para esta situação: “É porque não tem ninguém para ajudar, vamos ficar lá num canto, eu já sofro calado mesmo, se a pessoa, tipo... falou mal de mim, ela fica me zoando, eu fico no meu canto, eu fico lá, não falo nada, daí eu saio de lá, fico lá no meu lugar quieto” (CARLOS).

Defronte a este impasse, é visível a formação de complexos na subjetividade destes alunos. As proposições sociais em que são submetidos diariamente em sua rotina escolar, estão interferindo diretamente em sua formação psíquica no pensamento do eu. Para Coutinho (2017), tal fato decorre das perturbações afetivas que implicam dentre outros elementos, à “dificuldade interpessoal” referente a aspectos subjetivos da emoção. A autora também adverte ao fato de que a depressão nesta fase do desenvolvimento humano é muito mais difícil de ser tratada pois “[...] crianças com esta síndrome não é usualmente levada ao atendimento médico específico, e sim a profissionais de saúde geral, sendo frequentemente mal diagnosticadas e, consequentemente, não direcionadas a um tratamento adequado” (COUTINHO, 2017, p. 8).

Cabe ressaltar, que o sentimento de inferioridade dos pré-adolescentes se deve a não conformidade da representação coletiva de modelo corporal. É importante destacar que o fato de não ter um corpo padronizado, gera a retaliação e exclusão grupal como explica a aluna da

escola “F”: “Os outros ficam ‘futucando’ a gente e a gente fica muito, muito magoada. Aí, a gente pensa que as pessoas não gostam tanto de uma pessoa quanto da outra, não gostam da gente e não gostam mesmo” (FÁBIA). Relatos como este evidenciam que o indivíduo cria representações de si, a partir de representações já existentes na sociedade e que já foram internalizadas mentalmente no processo de ancoragem e que as representações são responsáveis por integrar o próprio ser ao meio social em que vive, pois,

A representação social da criança integra, também, um mosaico de conhecimentos que são veiculados pela imprensa falada e escrita, bem como, no contexto social onde ela se encontra inserida. Tais representações sociais são sempre produto de um processo explícito de avaliação social das pessoas, grupos e fenômenos sociais. São, em geral, o resultado da confrontação por um dado grupo entre objeto do ambiente e seus critérios de referência social (COUTINHO, 2017, p. 11).

Neste cenário social, alguns elementos prevalentes a ação da gordofobia foram perceptíveis durante o diálogo com os alunos. Conforme os pré-adolescentes expunham suas ideias e experiências no grupo focal, os pensamentos de representações corporais ligados a culpabilização do próprio indivíduo por sua estrutura física, devido à falta de controle alimentar, ficaram evidentes.

Lembremos aqui que os discursos que legitimam estes atributos às pessoas consideradas acima do peso, são dissipados pelo viés da medicina e da indústria que visam o corpo como máquina altamente controlada pelo próprio indivíduo, por meio de exercícios físicos e boa alimentação, como enfatizam Carvalho (2018), Campos et al. (2016), Farias (2004), Santos (2008), Araújo et al. (2028), entre outros. O interessante, pelo o que se percebe, é que estes discursos já estão internalizados na mente dos pré-adolescentes a tal ponto de ser um fato objetivado, portanto, real ao mundo físico, o que é nítido no relato de Fabiana:

A minha mãe fala que eu estou com a saúde muito mal, que como eu estou gorda, eu posso me quebrar de novo, posso ter as duas bacias com pino. Aí tipo..., ela fala: ‘Filha, você tem que emagrecer, você vai conseguir para sua saúde!’ Aí, até um belo dia, ela resolveu fazer essa aposta e eu combinei de ficar um ano sem celular.

A constatação da compatibilidade deste pensamento, isso é, magreza integrada a saúde, também pode ser compreendida por meio da tentativa de apoio entre as alunas da escola “F”: “Fabiana, se você quer perder peso, você tem que olhar para frente e falar ‘Eu vou conseguir’, porque tudo o que a gente quer, é muito difícil, mas não é impossível” (FERNANDA). No entanto, esta ajuda sinaliza, na realidade, que existem muitas cobranças sociais, inclusive por parte dos familiares: “Mas calma aí Fabiana, você não faz exercício? Não faz nenhuma atividade em casa?” (FABIANA); ou ainda “Você está com diabetes?” (FERNANDA). As

alegações de Fernanda quanto o sofrimento da amiga, evidenciam os parâmetros de estar saudável na medida em que expõe:

Tipo, eu que estou fazendo academia, eu tinha 45 quilos, daí eu perdi 5, daí eu fiz academia por sete meses este ano, daí eu emagreci. Só que eu tô pesada, por causa que eu tô com massa magra né e a única coisa que eu quero mudar, éhh, tirar as partes que estão mole, sabe? Tipo..., essas daqui ó (apontou para o culote), eu quero mudar, só isso, a minha barriga eu tô de boa (FERNANDA).

Fica muito claro aqui, o poder que o pensamento já estruturado socialmente sob a subjetividade do indivíduo. Neste caso, Fernanda apresenta as representações de boa saúde a partir de exercícios físicos e preocupações advindas da biomedicina, deixando evidente a responsabilização do próprio sujeito em não o obter. Para Santos (2008), o fato de optar em frequentar academias, pode estar relacionado a representações sociais de aspecto grupal, isto é: “Entrar em uma academia é uma decisão pessoal, contudo, é inegável a existência de uma espécie de ‘indução coletiva’ para a geração de adolescentes desta faixa etária” (p. 176).

Percebe-se que o corpo na sociedade atual, é considerado um produto de fácil controle, porém, longe de ser uma realidade para os indivíduos como explica Fabiana: “É muito difícil, o peso que eu tô, eu já tentei fazer jejum, fazer dieta, mas não deu, não dá [...] é muito difícil emagrecer, é fácil de engordar, mas difícil de emagrecer”.

Do mesmo modo, os alunos das escolas “M” e “C” também apresentam considerações que efetivam os discursos que fundamentam a culpabilização do indivíduo por sua estrutura física: “Ele não vai jogar um futebol e continua gordo” (MARTA). Sob a direção da expressão de Marta, é possível captar as representações sociais em que o corpo deve ser ativo, e quem perde a oportunidade de se movimentar, consequentemente ganha peso e passa a ter menos valor social.

Nesse contexto, Santos (2008, p. 136) explica que “[...] a imagem do corpo saudável está vinculada ao seu movimento na era moderna. Assim, trava-se uma verdadeira batalha contra o sedentarismo dos corpos”. Nessa linha de raciocínio, o aluno Caetano também demonstra concordância a esta ideia, e ainda acrescenta: “Acho que se a gente quiser ficar magro, é só a gente cuidar do nosso corpo, comer poucos alimentos”. Neste caso, Carvalho (2018) afirma que estas constatações, a partir de convicções de ações saudáveis supridas pelos próprios sujeitos, efetivam a responsabilidade destes, sobre o controle de seu peso e aparência corporal.

Segundo Farias (2004), as representações de cuidados ao corpo, vinculadas ao bem-estar são apreendidos pelo senso comum, tornando-se um fato verídico na vida dos sujeitos, fato este,

manifestado na fala do aluno Carlos: “Tipo assim, quando tem uma pessoa gorda, se ela quiser ser magra, ela tipo, come alimento saudável, só fruta, pouca coisa, ela vai para um treino de futebol, alguma escolinha para jogar, para tentar emagrecer”.

Ficou evidente que para os alunos, o ato de comer está relacionado as condições físicas e busca de “boa forma”, interferindo em ambas. Neste sentido, Santos (2008) salienta que a priorização de alimentos é um dos principais argumentos para se obter um corpo modelado e escultural. Mediante a este conceito, as restrições alimentares se tornam presentes na vida dos pré-adolescentes conforme expõe Marcos: “Assim, quando eu não quero comer, eu fico dois dias sem comer, foi dois dias, aí fico magro”.

A questão destacada nesta frase é preocupante, uma vez que os alunos estão em fase de crescimento e a falta de alimento pode causar consequências irreversíveis em seu organismo, colocando em risco sua saúde, além de que ainda pode haver problemas maiores, como por exemplo, os transtornos alimentares (SECCHI; CAMARGO; BERTOLO, 2009) sucedidos pela depressão (COUTINHO, 2017), que podem levar ao suicídio (PFUETZENREITER, 2018).

Nesta linha de pensamento, Barbosa et al., (2016) asseguram que as tentativas de suicídio ocorrem em maior frequência com os indivíduos entre nove e quinze por conta da sua vulnerabilidade diante da questão e da pressão que estes sofrem frente ao *bullying*. O suicídio tem despertado preocupações na saúde pública por ser uma das dez principais causas de morte ultimamente e a terceira principal causa de morte na adolescência, que em todos os casos, apresentaram situações de discriminações na escola devido a estrutura física. Por conseguinte, o *bullying* e o suicídio se interligam, pois na ocorrência de um, a existência do outro é iminente pelo fato da vítima não suportar a pressão sofrida.

De forma similar, Nery e Santiago (2017) expõem exemplos de adolescentes que se suicidaram por conta da gordofobia na escola e ainda asseveram que nas pesquisas mundiais que abordam o *bullying* e suicídio, os relacionam como consequência deste fenômeno. Da mesma forma, Rangel (2018) traz como referência para sua pesquisa, o caso da adolescente Dielly Santos que cometeu suicídio em 2018 por não mais suportar os ataques gordofóbicos. Estes fatos revelam o poder negativo que a gordofobia possui na autoestima dos sujeitos, não restando outra saída a não ser, dar fim em sua própria vida.

Sob esta perspectiva, Silva et al. (2017) também apontam os transtornos alimentares como consequência da gordofobia, relacionando a ansiedade como manifestações de depressão típica nesta na fase do desenvolvimento em que os pré-adolescentes se encontram. Os autores ainda advertem que a maioria dos adoecimentos mentais são desenvolvidos justamente no início da adolescência. E é neste contexto que enfatizamos os transtornos que a coerção social para

obter o corpo ideal, podem causar na vida dos indivíduos, além de fundamentar a existência da gordofobia.

Outro ponto relatado pelos alunos referente a discriminação enfrentada pela pessoa gorda, está relacionada ao mundo da moda. Os pré-adolescentes revelaram que “É muito difícil achar roupa, eu sempre uso calça, *legging*, nunca outra, isso, e as calças *legging*, sempre têm que ficar aqui na cintura, porque, aperta um pouco, para ninguém ver” (FABIANA). Isto indica a prevalência do pensamento de padronizar os corpos e a não confecção de tamanhos maiores de vestuários indica que há a proposição de que todos os sujeitos devem ter a mesma estrutura, levando ao desespero a quem desrespeitar tal encargo, como relata Fabiana: “A gente quer usar uma roupa apertada, não dá porque a barriga atrapalha”.

Mediante a esta demonstração, fica perceptível as ações da gordofobia investida sinuosamente por meio da moda. Nesta circunstância, Farias (2004) assegura que a moda estimula sutilmente o conceito de corpo ideal e ainda notifica que, é no ato de vestir que os pré-adolescente podem se sentir como parte de um grupo, e para pertencer a este grupo, buscam ter as mesmas atitudes, mesmas roupagens e forma de vida.

Neste enfoque, pode-se alinhar a esta conjuntura, as referência de Louro (2008) e Santos (2008), quando enfatizam que as representações sociais configuram estilos de vida, forma de vestir, andar, comer, que no caso, se refere as representações construídas socialmente e que levam a busca do corpo magro a qualquer custo.

Em virtude disso, os indivíduos que não aderem a este modelo de vida, são estereotipados e sofrem preconceito em qualquer espaço social, inclusive nas escolas, conforme a próxima categoria explana.

6. 2. 2 “Todo mundo me zoa na escola” – *Bullying*, violência na escola e as dificuldades nas atividades escolares

É sabido que a escola está inserida em um contexto histórico-cultural, portanto, recebe influência da sociedade, o que a torna um espaço de reprodução de pensamentos. Do mesmo modo, as ideologias gordofóbicas não fogem deste padrão e estão cada vez mais presente na vida dos escolares.

Durante toda a conversa ocorrida nos grupos focais, os alunos relacionaram representações sobre gordofobia e as depreciações quanto a aparência física com o *bullying*, e também admitiram que sofreram agressões verbais em algum momento de suas vidas. Desta feita, sob a locução: “Todo mundo me zoa na escola” (MIRELA), esta categoria se dedica em

analisar as consequências que a gordofobia efetivada como uma modalidade do *bullying*, pode provocar na vida dos pré-adolescentes, e sua colaboração para estimular situações mais graves como a violência no espaço escolar.

As relações sociais, independentemente de qualquer motivo, carregam em si um dinamismo abundante em conflitos devido as diversidades de pensamento. Estes conflitos, podem estar literalmente interligados ao *bullying* que reflete a efetivação do preconceito, isto é, repudia às diferenças, fato este que precede a violência escolar. Segundo Kimura (2013), a escola está entre os espaços social em que mais ocorre este fenômeno, o que faz pensar na escola, como um local de exclusão social e de discriminação (ARAÚJO-MORAIS; COUTINHO; ARAÚJO, 2017).

A presença deste fenômeno nas escolas em questão, pode ser elucidada pelo relato de Mirela. A aluna além de expressar os constrangimentos vividos por ela por conta da “zoação” dos colegas, sua fala também esclarece que no ambiente escolar, existe a intolerância e a falta de respeito por meio de nomes depreciativos, como explicou Carolina: “Apelido é que ela não gosta, é não aceitar”, elementos estes, oriundos do *bullying*.

Do ponto de vista psicossocial, o *bullying* é considerado um sério problema, pois desencadeia complicações físicas, sociais, psicológicos na saúde dos indivíduos (ARAÚJO-MORAIS; COUTINHO; ARAÚJO, 2017). Diante deste impasse, os alunos relataram que as situações constrangedoras nas escolas estão relacionadas aos xingamentos, que são considerados pelas autoras, como agressões psicológicas.

Enquanto conversavam sobre a Carla e a Rita (personagens da história Gorda ou Magra, Abracadabra), não estarem contentes com sua aparência física, os pré-adolescentes indicaram unanimemente que os motivos eram referentes as meninas receberem nomes depreciativos dos colegas da escola. Os alunos ainda salientaram que os apelidos ocorrem por conta da estrutura física: “Me chamaram de feia, gorda, me chamaram de boneca do Chucky”, disse Mirela comovida ao ser associada a um personagem do filme de terror “Brinquedo assassino”. Do mesmo modo, Fábria traz situações parecidas: “São diversos apelidos, gorda, balofa...”.

Mediante estas intimidações, Fabiana deixa claro seu sentimento de tristeza: “Eu fico muito chateada com esses apelidos, com esse mau gosto que eles fazem e eu guardo para mim”. Aqui, a aluna expressa que seu sofrimento não é apenas momentâneo, mas que esta ocorrência, é repassada em sua mente diversas vezes. A aluna Fabíola ainda faz um apelo: “Eu queria que acabasse os apelidos com nomes, tipo assim, do nosso corpo, de mau gosto”, o que revela o abalo emocional em que dos alunos se encontram, demonstrado pelos sentimentos de angústia, o que pode acarretar em sérios problemas psicológicos.

Nestas circunstâncias, é notável o agravo que o preconceito acarreta na vida dos indivíduos durante o período de formação escolar. Para Araújo-Morais, Coutinho e Araújo (2017), o *bullying* é o principal agente das repercussões negativas no clima escolar. Embora a escola tenha como função de socializar, a violência insere os alunos a um ambiente inseguro e atordoante, uma vez que, são intimidados e amedrontados, o que pode levar ao descontentamento com a escola e prejuízo no desenvolvimento acadêmico e social (SAUL, 2010).

Entrelaçados às representações sociais, o *bullying* e violência são elementos de características coletivas por serem efetivados em esferas sociais (ARAÚJO-MORAIS; COUTINHO; ARAÚJO, 2017). Apesar de que 87,5% dos alunos tenham dito que são aceitos nos grupos da escola, as autoras advertem que este tipo de violência recorrente em âmbito escolar sucede particularmente de maneira grupal, o que fica evidente no relato da Fabiana: “Eu ficava muito sozinha e todas as meninas falavam mal de mim, tipo..., elas falavam no ouvido de outra pessoa e olhava pra mim, tipo..., você já sente que estão falando de você, E também me falavam que eu era gorda”, o que corrobora com a ideia de que “[...] conceitos como estética e beleza fazem parte do dia a dia das pessoas e determinam o acesso/pertencimento a grupos sociais (BANDEIRA, 2016, p. 146).

Tal eventualidade, evidencia em como o indivíduo é dependente de aceitação grupal. Para Fabiana, além dos transtornos originado pelas palavras agressivas, o maior sofrimento, parece ser o fato de que as colegas deixavam claro que ela não merecia pertencer àquele grupo. As humilhações grupais as quais Fabiana foi submetida, podem ser associadas as representações homogêneas estruturadas que estabelecem as relações entre os grupos em que há prevalência das práticas simbólicas e afetivas (SAUL, 2010).

De acordo com Jodelet (2001), estas representações contidas nos grupos são responsáveis por definir a identidade pessoal e social nos sujeitos. Desta maneira, as experiências grupais negativas podem ser degradantes aos indivíduos em formação, visto que, imersos a representações negativas sobre si, podem ser levados a uma definição deficiente de sua própria identidade, ancorando um sentido deturbado da realidade.

O que se estabelece é a necessidade que os pré-adolescentes sentem em ser desejados, bem quisto e aceitos a um determinado grupo (NETO; CAMPOS, 2010), como fica claro no relato de Fabiana: “No começo do ano eu pensava ‘ah ninguém vai ficar comigo, tô ferrada’”. Porquanto, esta aceitação não ocorre, devido a não adequação dos indivíduos perante aos parâmetros sociais exigidos aos corpos. Para Souza e Gonçalves (2019), os alunos que não

atendem a estes critérios, são rejeitados pelos colegas de escola, tornando-se improvável sua inclusão nas atividades coletivas.

Por este motivo, 81,25% dos participantes consideram que as situações de preconceito ocorrem habitualmente em terreno escolar, contudo, pouco se percebeu a atuação de seus representantes na resolução dos conflitos. Embora terem relatado que os professores tenham sido acionados e mediado os conflitos, os pré-adolescentes revelaram não terem êxito quando comunicaram as agressões aos diretores atuais que “não está nem aí” (CAMILA), “nem liga” (CATARINA), “num tá com nada” (MIRELA), gerando um sentimento de abandono nos alunos.

Neste quesito, Fabiana ressalva que pouco se fala de *bullying* na escola e por isso é necessário ter “uma espécie de rádio, mas só aqui na escola e fazer um trabalho contra *bullying*”. O que se pode perceber, é que os alunos não se sentem assistidos e ouvidos quando sofrem agressão, o que gera o sentimento de revolta e menos valia.

Em sua pesquisa, Bandeira (2016) conclui que realmente os profissionais da Educação tendem a não se envolver nestes conflitos, fingindo não saber ou ver as agressões e na maioria dos casos, não há intervenção. A autora ainda assevera que estes profissionais admitem que a escola não está preparada, tendo então dificuldade para lidar com estes conflitos e portanto, se esquivam de se envolver em situações semelhantes.

Um fato interessante, exposto durante as conversas nos grupos, revelou que a partir dos sentimentos de raiva, os alunos demonstraram manifestações de violência: “Dá vontade de pegar ele e dar um soco bem na cara dele” (MARTA). Para os alunos, atitudes violentas seriam uma maneira de se defender das agressões sofridas por eles: “Se você mexer, eu vou ficar com raiva e te bater, porque eu já vou na violência, no tapa, no soco” (CAIO). Tais relatos indicam que os pré-adolescentes estão enfadados a tanta crueldade: “Eu não sei porque existe *bullying*, eu queria saber quem que fez [*bullying*], para eu mandar para polícia ou matar, alguma coisa tenho que fazer, meu Deus do céu” (FABIANA).

Mediante a estes fatos, compreendemos que a violência produz mais violência, como sugerem os relatos que exprimem a intensidade de enfurecimento dos alunos perante aos maus tratos que podem se elevar e trazer consequências nefastas. Referente a isto, Bandeira (2016) e Barreto (2017) trazem exemplos instigantes sobre a fúria dos alunos causada pelo *bullying*, como o Massacre de Columbine ocorrido em 1999 no Colorado nos Estados Unidos, deixando 15 mortos e 24 feridos e o caso brasileiro de Wellington Menezes de Oliveira em Realengo no Rio de Janeiro, em que o ex-estudante, atormentado por suas lembranças de intimidações por

andar mancando e não ser popular, provocou uma das piores tragédias em escolas públicas do país.

Em abril de 2011, o caso de violência escolar mais chocante ocorrido em nosso país, teve como cenário uma escola pública em Realengo, na cidade do Rio de Janeiro. Era o início da manhã, quando Wellington Menezes de Oliveira, ex-aluno da escola, atirou nos discentes de duas salas de aula, deixando 13 vítimas fatais e o país inteiro em alerta. De acordo com ex-colegas do atirador, este teria sido vítima de *bullying* na época em que ele era aluno do colégio (BANDEIRA, 2016, p. 16).

Embora tenhamos aqui a noção de descontentamento dos alunos, os danos como “[...] o custo humano de dor e sofrimento, naturalmente não podem ser calculados” (DAHLBERG; KRUG, 2007, p. 1164). Estas situações tendem a repercutir a longo prazo na vida dos indivíduos, inclusive levada para a fase adulta, como o comportamento de Wellington exemplifica (BANDEIRA, 2016) que depois de 10 (dez) anos fora da escola, ainda se ressentia dos sofrimentos vividos nela.

Ainda retratando a violência escolar, relembremos também o recente massacre de Suzano em 13 de março de 2019 em São Paulo, em que dois ex-alunos, Luiz Henrique de Castro e Guilherme Tauci Monteiro, invadiram a escola e assassinaram alunos e funcionários (EVANGELISTA, 2019). Nesta circunstância, as ações dos indivíduos submetidos a qualquer tipo de violência, possivelmente retribuirão com agressividade e ódio. Entendemos que a violência é aprendida e reproduzida socialmente (DAHLBERG; KRUG, 2007), neste caso, os alunos recorrem aos comportamentos agressivos para resolver seus conflitos e diferenças.

De um modo singular, o grupo da escola “C” revelou algumas peculiaridades. Camila por exemplo, especificou ter problemas por conta de suas roupas, se considerando fora dos parâmetros da moda: “Eu me arrumo e venho com a única coisa que eu tenho mesmo”. Este fato indica que as preocupações referentes a imagem corporal destes alunos são voltadas aos modos de vestir. Além disso, Camila ainda expressa que há a inquietação dos alunos, em se igualar a maioria: “Aí todo mundo quer igual combinando”, o que reforça a ideia da infinita busca do indivíduo em se adequar as regras coletivas de um determinado grupo quanto a aparência física.

Embora Camila e seus colegas sejam de uma comunidade indígena, e supostamente tenham definições específicas e culturais sobre o corpo, pode-se dizer que estes alunos juntamente com as outras escolas estão sob um sistema simbólico corporal maior que abrange todas as sociedades. Talvez, este fato possa ser explicado pelo fato de a comunidade indígena ser dentro das proximidades urbanas.

Sendo assim, Lima (2013) explica que na pré-adolescência, os grupos têm o poder de interferir na imagem corporal, o que pode provocar distúrbios na autoavaliação dos sujeitos. Nesta fase, “[...] há uma intensa busca pela sociabilidade, em que as normas vigentes no grupo de pares e as expectativas sociais têm uma importância acrescida” (LIMA, 2013, p. 17). Do mesmo modo, “[...] ter boa aparência e um guarda roupa cheios de roupas da moda e de grife constitui aspiração para a maioria” (FARIAS, 2004, p. 8), além de garantir sua participação no grupo social.

Partindo desta lógica, foi observado exclusivamente entre os participantes da escola “C”, situações de preconceito por questões socioeconômicas “Eu venho com a única coisa que eu tenho mesmo” (CAMILA). Percebe-se aqui que a roupa possui grande significado simbólico imprescindível para normatização e pertencimento a um grupo, ao mesmo tempo que representa as formas de exclusão dos indivíduos menos favorecidos ao mundo social.

Para este grupo de pré-adolescentes, poder se vestir de modo igualitário, representa estar bonito e estar de acordo com os padrões sociais. Dialogando com Farias (2004), o vestuário está relacionado a signos demarcadores de diferença, em que se promove *status* socioeconômico privilegiado, concomitantemente, agindo como mecanismo de exclusão. Submersos a esta situação, os alunos demonstram tristeza ao reconhecerem suas limitações devido a sua condição social, fazendo com que se sintam excluídos e marginalizados.

Ao discutir tal eventualidade, Bandeira (2016) aponta que as condições sociais e econômicas são fatores constituintes nas formações dos grupos e influenciam nas relações intergrupais. Estas características são também demarcadoras de discriminação e desigualdades sociais, além de servir como avaliação de pessoas, culminando em exclusão social.

Outro ponto instigante foi emergido pelos alunos da escola “C” voltou-se as questões raciais. No desenrolar da conversa, Carolina enunciava sempre na segunda pessoa, sobre *bullying*, devido a cor da pele: “ficar xingando por causa da cor dele, por causa da roupa que ele usa”, mais adiante, Carlos revela que fora a própria Carolina que sofrera perseguição dos colegas: “xingaram ela de negra”. Por este motivo, Carolina ofendida com o desprezo, desejava ser diferente: “Ah, eu fico muito morena, porque eu também queria mudar a cor, queria ser branca”. A questão surpreendente e que também explica o fato de Carolina dar sinais subjacentes de suas experiências com o preconceito, foi a descoberta de que Caetano (participante do mesmo grupo focal) fora o autor das discriminações sofrida por ela.

Sem se defender do ato, Caetano confirmou as acusações: “Às vezes eu xingava os outros quando estava brincando”, entretanto, demonstrou arrependimento de suas atitudes: “Depois nós conversamos com ela né, começamos a ter mais respeito com ela, nós percebemos

que isso fazia mal para ela”. Mais adiante, Caetano revela ser também alvo de preconceito por conta de sua estrutura física, que no caso, era ser extremamente magro, segundo a percepção dos demais. Com isso, Caetano, ao sofrer agressões, automaticamente reproduzia práticas preconceituosas com a colega, evidenciando o que sugere Saul (2010) de que em alguns casos, o agressor já sofreu ou sofre violência. Ao ter dificuldade em lidar com seus sentimentos de inferioridade e insegurança, o agressor sente a necessidade de chamar atenção para si, além de dominar e coagir as vítimas que não possuem habilidades de defesa.

Para Araújo-Morais, Coutinho e Araújo (2017), o comportamento de Caetano pode ser definido como vítima-agressora, a qual se estabelece quando o indivíduo apresenta fatores de agressão conjunta a vitimização, ou seja, reação aos ataques externos em forma de ações violentas (KIMURA, 2013). Equitativamente, Bandeira (2016, p. 46) atesta que “[...] aqueles que estão insatisfeitos com sua imagem corporal apresentam mais do que o triplo de chances de serem ou tornarem-se vítimas e quase o dobro de chances de serem ou tornarem-se agressores”.

Além da demonstração de tristeza e indignação por parte dos alunos quanto as situações humilhantes, o que fica claro, é que todas as instituições de ensino analisadas nesta pesquisa, apresentaram elementos que evidenciam a violência e *bullying* como realidade escolar. É possível afirmar que as situações de preconceito, tem diariamente impelido os indivíduos ao sofrimento por não atenderem aos padrões sociais quanto a aparência física.

Diante destes pressupostos, compreende-se que os pré-adolescentes submetidos as situações agressivas e preconceituosas, tendem a desencadear problemas emocionais e comportamentos violentos. Estes estudantes demonstram ter adquirido insatisfação corporal por constituir uma representação deturbada de si mesmo, como expõe Fábria: “As pessoas tão tirando o caráter da gente, a gente tenta ser uma pessoa melhor, a gente pensava que era ruim, a gente tenta melhorar, mas a pessoa não deixa, porque ela fica continuando com esse *bullying*”.

Neste contexto, percebe-se que as representações sociais sobre gordofobia, para os pré-adolescentes, estão ancoradas ao conceito de *bullying*, tendo como consequência a depressão. Fica evidente que as diversas representações voltadas ao corpo (como a aparência e vestuário), como também as de origens raciais, são as responsáveis por desencadear a violência e *bullying* nas escolas. Isto implica que a discriminação relacionada ao corpo acarreta não somente a autopercepção e a vida social destes alunos, mas também atinge o desenvolvimento integral.

Em relação as dificuldades nas atividades escolares, vale ressaltar que neste estudo, compreendemos a escola como um segmento social e uma instituição voltada para a formação humana, tendo como finalidade o desenvolvimento integral do aluno, entendido pelos aspectos

físicos, psicológicos, sociais e intelectuais, os quais fazem parte dos processos formativos incumbidos à escola (BANDEIRA, 2016). Portanto, é importante falar das consequências causadas pela gordofobia entre os escolares nas aptidões acadêmicas. Reputa-se aqui os relatos como “Aí, eles me disseram que tinha que emagrecer” (MIRELA) entre outros, que possibilitou visualizar e caracterizar os motivos que corroboram para as dificuldades acadêmicas dos pré-adolescentes.

Diante deste impasse ficaram evidentes os problemas acarretados pelo preconceito, segundo os depoimentos dos alunos. Ao relatar sobre suas experiências no espaço escolar, especificamente sobre a realização de atividades escolares, de imediato, a resposta foi os transtornos nas aulas de Educação física, em que os três grupos focais relataram tal casualidade.

Para os alunos que são considerados acima do peso, as atividades que exigem mobilidade motora, sincronizada aos exercícios físicos se tornam um tormento devido as piadas e exigências dos colegas, como revelou Mirela. A aluna expôs sua experiência durante uma atividade supervisionada pelo professor de Educação física, em que requeria contato direto entre os alunos: “Era um negócio de erguer o para o alto”, porquanto, Mirela se sentiu ofendida pelas alegações de seus colegas, em dizer que estava acima do peso: “A gente brincava de erguer pessoas sabe, e eles tinham medo de me erguer porque ninguém me aguentava, porque eu era gorda. Aí eles me disseram que eu tinha que emagrecer um pouco”.

Tal eventualidade representa as ocorrências corriqueiras do ambiente escolar. Para Martins (2006), é justamente nas aulas de Educação física que acontecem as piores situações de constrangimento. Em suas lembranças, a autora recorda dos momentos cruéis vivenciados por ela, durante seu período na escola:

Cursava a sexta série do ensino fundamental quando o professor de Educação Física propôs que os meninos sentassem de um lado do campo de futebol e as meninas sentassem no lado oposto. A atividade consistia em que, ao som do apito, os meninos deveriam correr, ir até o lado em que se encontravam as meninas, pegá-las no colo e levá-las ao lado do campo onde eles se encontravam inicialmente. A atividade encerrava-se quando todas as meninas estivessem no lado correto. Ocorre que tal atividade gerou extremo incômodo às meninas mais pesadas, entre elas eu, já que os meninos não queriam nos carregar. Aqueles que se arriscaram a tal propósito enunciaram o quanto eram fortes, já que conseguiam suportar o peso das mesmas. Além disso, no término da aula e até o fim daquele dia, tal atividade gerou inúmeros comentários e deboches ao excesso de peso de algumas meninas (MARTINS, 2006, p. 9).

Do mesmo modo, tal episódio foi marcante para Mirela. A partir disso, a aluna decidiu não participar de atividades que requeressem movimentação ou contato corporal: “Aí, no ano

passado, eu nem entrei [na brincadeira], eu só ficava assistindo mesmo”. Da mesma maneira, Fábria compartilhou semelhante propósito:

Várias vezes eu queria ficar só sentada, não queria brincar não queria fazer nada com ninguém, as pessoas que faziam *bullying* comigo, me chamavam pra brincar, aí eu ficava meio estranha, aí eu não ia, porque eu já sabia que elas ia fazer *bullying* de novo (FÁBRIA).

Vale ressaltar que este incidente foi visível nas 3 (três) escolas. Segundo Carlos, em determinados momentos, deixou de realizar atividades habituais das aulas de Educação física: “Ah, não sei, mas às vezes tipo..., jogar bola”. Semelhantemente, Fabíola assume não ter participado das aulas e lamenta: “Eu já deixei, mas eu senti uma tristeza”, reconhecendo que tal atitude lhe causaria um dano maior.

Além das contribuições pedagógicas e aquisições do saber, a escola tem como função, “[...] promover atividades ligadas aos domínios motor e cognitivo dos estudantes” (BANDEIRA, 2016, p. 57). Reconhecendo isto, a questão a ser pensada, é que os alunos além de não estarem exercendo seu direito de cidadania, o fato das alunas se isentarem das atividades físicas, pode gerar deficiência em seu desenvolvimento motor e na experiência social, comprometendo seu desenvolvimento integral, uma vez que a aluna ainda se encontra em fase de crescimento.

Neste sentido, Lima (2013) argumenta que nesta idade, é fundamental as práticas de atividades que estimulem movimentação física. Assim, o indivíduo adquire agilidade, equilíbrio, coordenação e força, desempenhos estes, cruciais para sua existência e bom funcionamento das habilidades cognitivas que corroboram para a aprendizagem. Para a autora, os alunos que não possui estímulos motores, podem desencadear dificuldades na escrita e leitura, as quais estão interligadas a falta de desenvolvimento motor.

É notória aqui, as consequências que a gordofobia causa na vida dos indivíduos, inclusive em suas realizações acadêmicas. O fato preocupante é que estas situações não encerram no momento da ocorrência, as lembranças podem perpassar as próximas fases do desenvolvimento do sujeito, transformando-se em complexos na sua autopercepção (MARTINS, 2006), pois, “[...] a insatisfação corporal começa desde cedo e acompanha os indivíduos ao longo do seu desenvolvimento’ (LIMA, 2013, p. 29).

Nesta circunstância, os problemas emocionais também representam ser um obstáculo quando o assunto é desenvolvimento integral, sobretudo, os de relação cognitiva como captação e assimilação dos conteúdos. Em referência a isto, Fabiana, validou tal pressuposto quando revelou ter deixado de realizar 4 (quatro) provas avaliativas. Segundo a aluna, seus colegas a

coagiram verbalmente no momento do exame, então, tendo desânimo e tristeza, não teve capacidade de completar a avaliação, o que lhe resultou em um mau desempenho escolar por não haver pontuação exigida pela instituição.

Nesta conjuntura, Marcelo expressa seus problemas com as demandas escolares de modo singular. O aluno afirma ter realizado todas as atividades que lhe foram impostas, contudo, afirmou faltar constantemente na escola por conta do preconceito: “porque falavam mal de mim [...] me chamavam de gordo”.

Vale lembrar que Marcelo apresentava algumas peculiaridades em relação aos outros participantes da escola “M” e também dos demais grupos, pois era o único aluno com 14 (catorze) anos de idade, portanto, repetente no 5º ano. Mediante a tal circunstância, é importante relatar que, durante a pesquisa de campo, ao ir à sala de aula para buscar os alunos para a realização do grupo focal, a professora indagou sobre o caso de haver a necessidade de Marcelo dar as respostas manuscritas, pois ele não seria capaz de fazê-lo, devido a suas limitações nas habilidades acadêmicas.

O fato de Marcelo não estar acompanhando a turma no que diz respeito as atividades cognitivas, pode estar relacionado a quantidade de faltas que o impedem de adquirir total compreensão dos conteúdos. Logo, relacionamos o desejo constante de faltar as aulas, ao fato de Marcelo não se sentir seguro no ambiente escolar, o que culminou em prejuízo na aprendizagem, evidenciando que a gordofobia influencia no processo de desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Ademais, os problemas emocionais apresentados por Marcelo, parece que interferem diretamente em sua condição afetiva, na constituição de si como sujeito social, sobretudo, nas relações estabelecidas com os outros e o mundo que o rodeia, impedindo que crie vínculo com o conhecimento, dado que a emoção, intervém no processo de retenção de informação (MARCANTE, 2017).

De acordo com Lima (2013), os alunos expostos as situações preconceituosas, se consideram insuficiente por conta da sua insatisfação corporal (uma vez que sua imagem está sempre em julgamento), tendem a ter baixo rendimento escolar (KIMURA, 2013) e como consequência, adquirem sentimento de menos valia (MARCANTE, 2017). Com isso, os alunos desenvolvem pânico por medo de novos ataques discriminatórios, culminando em faltas frequentes e até mesmo em evasão escolar.

Por este caminho, Bandeira (2016) aborda num tom parecido quando assegura que a primeira reação dos alunos que sofrem *bullying* é fugir da escola. As discriminações e agressões

são um dos fatores que contribuem para redução das habilidades escolares, perda de interesse pelo ensino e pela escola por não se sentirem seguros.

Para Kimura (2013), isto ocorre pelo fato de a escola receber representações negativas por ser considerada um ambiente hostil e marginalizada. Uma vez ancorado esta representação, os alunos afetados pelo meio escolar, são diariamente desmotivados e desenvolvem apatia pela escola e dificilmente terão ânimo para frequentá-la. A autora ainda ressalta que meninos e meninas possuem formas diferentes de internalizar os conflitos e rejeição e que o sexo feminino é considerado o mais atingido quanto a imagem corporal, fato este, analisado na próxima categoria.

6. 2. 3 “Tem mulher que não aceita homem gordo” – Gênero e gordofobia

As literaturas referentes a gordofobia tem apontado o fato de a mulher ser o principal alvo das ações gordofóbicas. Isto se justifica devido as representações sociais que impõem que o sexo feminino seja voltado aos cuidados da beleza e do corpo (ARAÚJO, 2014). Entretanto, a expressão “Tem mulher que não aceita homem gordo” (MIRELA), que denota a categoria gênero e gordofobia, nos desloca, à uma discussão um tanto inusitada a tal afirmativa.

Vale destacar que o grupo da escola “F” foi composto exclusivamente por meninas, o que nos dá ideia de que, nesta instituição, o sexo feminino está mais abalado quanto a aparência corporal. Assim, esta eventualidade a torna diferente das demais escolas, que tiveram a mesma quantidade de meninos e meninas.

Durante a conversa nos grupos focais, alguns conceitos centrais foram expostos para desenvolver o diálogo, entre eles, as opiniões dos alunos sobre o sexo mais afetado pela gordofobia. Nas escolas “C” e “F”, o sexo feminino foi elegido como o mais prejudicado, já na escola “M”, os participantes colocaram o sexo masculino em evidência. No geral, isto é, a maior parte dos alunos, apontaram que as meninas sofrem muito mais preconceito, quando se trata da imagem corporal.

Sob esta argumentação, devemos considerar as representações sociais internalizadas e reproduzidas em torno do corpo da mulher, as quais ditam os parâmetros da imagem feminina. De acordo com Louro (2000), historicamente o corpo feminino sempre esteve em evidência, sobretudo, segue submetido a práticas disciplinadoras permanentes também na sociedade atual.

Pelo mesmo prisma, Carvalho (2018) sinaliza que estas representações sociais respaldam os olhares repulsivos contra a mulher considerada fora do padrão exigido socialmente. Equitativamente, Silva (2017) afirma que as rejeições, advém do controle do sexo

masculino sob o feminino frente aos padrões idealizados e dissipados pela cultura, que objetivam as divisões sociais pautadas no sexo biológico, ou seja, as desigualdades de gênero.

A simbologia designada pelas relações de gênero, formam e idealizam os padrões que definem a identidade e subjetividade da mulher perante o próprio corpo (SECCHI et al., 2009). Diante deste asserto, os alunos demonstraram estar submersos as representações sociais que institui os cuidados concernentes ao corpo, ao revelar pensamentos ancorados no conceito de que a mulher deve ser sempre atraente e bela.

Para os alunos, não basta que a mulher seja magra, alguns atributos ainda são exigidos para que esta atinja a perfeição: “A gente percebe que tem algumas pessoas..., tem uma menina que chamam ela de sem bunda por causa do corpo dela, entendeu” (CATARINA). Esta fala evidencia o padrão de corpo necessário para a mulher ser considerada “tipo assim, mais bonita sabe” (CAIO), o que pode reforçar a discriminação daquelas que não possuem tal arquétipo. É devido a estas representações que as mulheres se submetem cada vez mais às cirurgias estéticas para modificar sua aparência corporal como ilustra Mirela: “Só aquelas meninas que têm o corpão lá, mas é tudo silicone, tudo, tudo, tudo”.

Neste sentido, Sacchi et al. (2009) esclarecem que as mulheres sentem a necessidade de transformar sua aparência cirurgicamente, devido a sua insatisfação com a imagem corporal frente as exigências que lhe são impostas socialmente. Semelhantemente, Santos (2008) reporta que os desejos de modificar o corpo, se trata de comparações a um corpo imaginário, construído culturalmente, todavia, difícil de obter. Além do mais, as percepções que o indivíduo possui, depende das comparações que se faz a partir do corpo do outro. Portanto, o sujeito cria representações de seu próprio corpo, ancorando-os à conceitos estipulados pela maioria. É por este motivo que Moscovici (2011) afirma que criamos ou internalizamos representações a partir de representações já existentes na sociedade, as quais exerce domínio, quiçá, imperceptíveis, em nossas opiniões e desejos.

Neste quesito, os alunos ainda demostram que há um tipo de corpo específico, bem cuidado, magro, sobretudo, os trabalhados em academia. Especialmente os meninos, indicaram um modelo ideal, não para os homens, mas sim para as mulheres: “As que têm um corpão, gente olha e fala “Nossa, aquela ali é bonita, hein”, aí é a maior febre” (CAETANO). Ao serem indagados sobre o significado da expressão “corpão”, os alunos ressaltaram o fato de o corpo da mulher ser menos gordo e bem vestido, reforçando a ideia de Silva (2017), quando afirma que as concepções concernentes ao corpo da mulher se dão a partir da ótica masculina.

Ainda neste contexto, Santos (2008) argumenta sobre a expressão “afinamos violão”, utilizadas pelas academias, as quais claramente expõem o corpo feminino e fomenta as

representações de que o corpo trabalhado será mais valorizado. Por conseguinte, estes discursos corroboram para que mulheres de várias faixas etárias tenham o desejo de modificar sua estrutura física e ancoram representações negativas sobre seus corpos.

Nas conversas dos grupos focais, as observações voltaram-se sobre as meninas terem maiores preocupações quantos as estruturas corporais “porque algumas meninas falam ‘Ah, queria ser igual daquele dali, queria ser magra, ter um corpo diferente’” (CAETANO), da mesma maneira, Fernanda, Fabiana, Felícia e Catarina, afirmaram que as discriminações e cobranças corporais ocorrem frequentemente entre as meninas, pois “os meninos não se importam com essas coisas” (FÁBIA).

Estas preocupações, podem estar associadas as questões corporais advindas do início do surto de crescimento e da puberdade. Este processo tende a ocorrer primeiro com as meninas, influenciando no peso, na altura e na percepção de si, ou seja, “[...] as alterações físicas e o aparecimento de características sexuais secundárias são frequentemente uma causa do aumento de interesse do indivíduo por seu próprio corpo e de um grande aumento no nível de autopercepção” (LIMA, 2013, p. 24).

Neste contexto, Lima (2013) ainda ressalva o fato de que as meninas se envolvem mais com o mundo da moda, o qual alimenta firmemente a padronização dos corpos, portanto, se tornam mais vulneráveis as concepções corporais vigentes. Desta feita, é inevitável que estas pré-adolescentes desenvolvam distorções e insatisfação quanto aos seus corpos, devido aos discursos gordofóbicos.

Entretanto, expressões excêntricas como “porque tem mulher que não aceita homem gordo” apresentado por Mirela, transportam a discussão à uma direção inusitada, do que foi revelado até aqui. Embora as literaturas enfatizem que as mulheres possuem mais dificuldade de se estabelecer em uma vida a dois devido a sua aparência (CARVALHO, 2018), a partir da percepção de Mirela, pode-se entender uma nova construção social mediante ao sexo e ao corpo, em que os meninos são os rejeitados quando o assunto é relacionamento amoroso.

Em consonância a fala de Mirela, Fernanda também expõe que os meninos não dão atenção ao corpo e não cuidam da saúde, “É que tem uns vídeos no *youtube* que mostra aqueles meninos bem gordos, que nem cabe na cadeira”, portanto, estão propensos à rejeição. Para Souza e Gonçalves (2019), tal representação já está se efetivando socialmente. Em sua pesquisa, as autoras também evidenciaram que o sexo masculino está em conflito quanto a sua aparência física e sofrido discriminações frente as cobranças de relacionamento amoroso.

As autoras ainda evidenciaram um fato relevante a ser discutido, pois o grupo de pré-adolescentes participantes do grupo focal foi composto por 5 meninos e apenas uma menina,

um episódio bem distinto do grupo focal da escola “F” de Sidrolândia, integrado apenas por meninas. Além do mais, um destes meninos demonstrou ser alvo de opressão por não possuir atributos corporais necessários para encontrar uma parceira “[...] Meu pai também me fala isso: ‘Se quer namorar, é só parar de comer e estudar’” (SOUZA; GONÇALVES, 2018, p. 940).

Por este motivo, entende-se que o poder da gordofobia perpassa o binômio masculino/feminino. Embora ainda exista firmemente as desigualdades nas relações de gênero na sociedade, e que o sexo feminino é ainda o mais afetado pela gordofobia, não se pode afirmar que este é um problema exclusivo da mulher. De acordo com Neto e Campos (2010), o corpo do homem sempre sofreu menos pressão no que se refere aos padrões de beleza, no entanto, as representações sociais de corpo ideal, têm invadido a fronteira dos sexos e os atingidos vigorosamente nos dias atuais.

Vale aqui ressaltar que as simbologias inerentes ao corpo se modificam e se reafirmam periodicamente. De acordo com Moscovici (2000), nenhuma consideração sobre os objetos é cristalizada, estanque, mas sim sofre alterações por conta do dinamismo social, e nesta dinâmica, o corpo ganha predicativos nada estáticos. Portanto, estas modificações se estabelecem por meio de novas representações e implementam novas opiniões na vida dos sujeitos.

Sob esta questão, Lima (2013) adverte sobre o fato de que a mídia, é a principal fonte destas representações, a qual moldam e determinam concepções sobre a imagem corporal. Com isso, a próxima categoria irá acordar sobre o poderio midiático e suas variáveis que podem intervir na autopercepção dos pré-adolescentes.

6. 2. 4 Superman X Cinderela: influência da mídia na autopercepção dos pré-adolescentes

Considerando que no contexto atual as representações sociais negativas sobre o corpo gordo também são dissipadas pelos meios midiáticos, esta categoria tem como objetivo apresentar a influência da mídia na autoimagem dos pré-adolescentes a partir do mecanismo de comunicação (MOSCOVICI, 2011), uma vez que a mídia, está relacionada inteiramente aos veículos de comunicação (NETO; CAMPOS, 2010). Para tanto, considerou-se tanto as opiniões sobre o assunto, quanto os anseios sobre a aparência física dos participantes.

Para entender os relacionamentos dos pré-adolescentes com seu corpo, deve-se também entender que o contexto cultural em que estamos inseridos atualmente é caracterizado pela cultura midiática (GUARESCHI, 2007). Diante deste pressuposto, houve a proposta para que

os participantes expusessem suas opiniões quanto a influência da mídia na dissipação da gordofobia.

Mediante a questão em pauta, os grupos foram enfáticos durante as discussões, salientando que a mídia pode sim influenciar a vida das pessoas, especificamente, nas referências corporais, isto é, “de ser bonito sim, igual elas” (MIRELA). Cabe salientar que houve divergência na conversação, embora concordassem com a interferência da mídia, os alunos apresentaram sentimentos distintos sobre o assunto, por exemplo, Marcelo apontou com firmeza, que os programas de televisão e propagandas estimulavam o desejo de ser bonito e pareceu estar bem com estes estímulos, enquanto Mirela, apontou inquietação ao fato de que a beleza exposta na televisão, é produzida artificialmente nas pessoas por meio de cirurgias plásticas.

O que se percebe é que de uma forma ou de outra, os meios de comunicação investem cada vez mais na padronização dos corpos. A questão a ser problematizada é que, em algumas situações, estas investidas obtêm êxito, fazendo com que os indivíduos idealizem um único protótipo de corpo, o ideal, o belo, no caso, o trabalhado, modelado e passível de modificações o que remete ao interesse de se igualar, como ficou claro no depoimento do Marcelo.

As alunas do grupo focal “F”, apontaram os investimentos da mídia em produtos e acessórios para se obter um corpo delineado, “tipo, parece uma mulher gorda com aquela cintura, tipo, cinta de lá de colocar e torna ela quase magra” (FABÍOLA). Do mesmo modo que Mirela, as alunas deste grupo demonstraram ceticismo quanto a tal beleza apresentada pela mídia: “eu não acredito mais nisso, não acredito mais em televisão, em celular que têm muitas mentiras, eu não acredito mais, sabe” (FABIANA).

A partir destes relatos, percebe-se que as propagandas são as principais formas de empregar o padrão ideal de corpo socialmente e estão vinculados aos ideais econômicos em busca de satisfazer o mercado (NETO; CAMPOS, 2010). Nesta circunstância, a falta de credibilidade desencadeadas pelos alunos, se dão por conta das tentativas frustradas em se adequar a estes padrões.

Nas observações do grupo da escola “C”, também foi possível vislumbrar a percepção sobre as propagandas de produtos que prometem modelar o corpo, como explica Caio: “quando passa uma reportagem, ‘ah aquele ali usa aquele negócio para emagrecer’, daí a pessoa acredita, vai lá e compra”. A fala de Caio revela que as propagandas exercem poder naqueles que acreditam na transformação do corpo por meio de “produtos milagrosos”, uma vez que “através da propaganda e da venda de imagens, constitui uma força que influencia, significativamente, nas decisões de consumo” (FARIAS, 2004, p.31).

Neste caso, Catarina adverte sobre os perigos que estes produtos podem provocar, “tipo assim, algumas coisas da mídia, às vezes não funciona, e pode fazer mal para a gente”. Caetano e Carlos concordam com a colega e ressaltam que o que funciona mesmo, é fazer dieta e praticar esportes.

Os alunos tiveram a convicção de que os produtos partem de uma perspectiva lucrativa, e colocam em julgamento sua eficácia, contudo, não perceberam os discursos de boa saúde nas publicações midiáticas como fonte de influência. Este contexto indica que estes discursos já estão internalizados, considerados então uma verdade absoluta dentro da normalidade simbólica. Isto ocorre pelo fato de as mensagens midiáticas agirem sutilmente na psique dos indivíduos (NETO; CAMPOS, 2010). É possível notar que implicitamente, os indivíduos recebem estímulos que os fazem internalizar um estilo de vida construído e manipulado pelas representações sociais de bem-estar, saúde e beleza veiculados pelos meios de comunicação.

Durante o diálogo nos grupos, foi possível constatar que a mídia é capaz de intervir na autopercepção dos pré-adolescentes. Todos os alunos, apontaram ter preferência a um personagem televisivo o qual gostariam de parecer, corroborando com a ideia de que o mundo cinematográfico possui uma intensa influência na formação do pensamento dos sujeitos. As preferências variavam desde conto de fadas a lutadores profissionais. Mas o que chama mesmo a atenção, é a forma como os estereótipos subjacentes são criados a partir das mensagens subliminares da mídia.

O grupo da escola “M”, se dividiu nas opiniões entre pessoas da vida real e personagens fictícios. Mirela, mesmo rejeitando as transformações corporais por meios cirúrgicos, apontou como referência, a atriz Viviane Araújo, devido ao seu corpo esculpido, Marcos, gostaria de ser o Luciano Hulck, já Marcelo e Marta sonham em parecer com os heróis em quadrinhos da DC Comics, como Superman e Supergirl.

No grupo da escola “F”, composto especificamente por meninas, não foi diferente, Fernanda e Flávia gostariam de ser a Mulher Maravilha, uma heroína também da DC Comics, interpretada por Gal Gadot. Em justificativa de suas escolhas, explicam que, “não é por ela ser uma heroína, é porque ela é forte e bonita” (FERNANDA).

Felícia gostaria de ter a aparência de Pietra Quintela que fez o papel de Lorena em “As aventuras de Poliana”, uma novela transmitida pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). Fabíola e Fábila compartilham o mesmo desejo, parecer Phiby, interpretada por Kira Kosarin em “The Thundermans”, uma série exibida pela mesma emissora. Já Fabiana deseja ser Alerquina, uma vilã na história do Batman, interpretada pela atriz Margot Robbie, também da

DC Comics, conhecida pela sua ousadia, sensualidade, personalidade sádica, figurino exótico e utilizar sua beleza para seduzir e derrotar seus inimigos com um bastão de baseball.

Quanto ao grupo da escola “C”, além dos heróis das histórias em quadrinhos, foi possível observar algumas peculiaridades. As meninas gostariam de ser as princesas da Disney como a Bela do filme *Bela e a fera* (CATARINA), a Branca de Neve (CAMILA) e Cinderela (CAROLINA). Já os meninos, exceto Caio que gostaria de ser o Batman, apresentaram referências inusitadas. Caetano por exemplo, gostaria de ser o Riquinho interpretado por Macaulay Culkin, o menininho mais rico do mundo, enquanto Carlos enfatizou o desejo de ser Kalisto, (um lutador profissional da WWE no programa da televisão americana Smackdown Live) que conheceu em vídeos na *internet*. Ao justificar sua escolha, Carlos destacou o visual do lutador: “É que ele lutava bem, ele tampava o rosto dele né, ele usava máscara, usava uma calça e uma bota e botava um negócio no braço”.

O fato do lutador Kalisto utilizar máscara para disfarçar sua identidade, pode ter sido interpretado por Carlos como um herói da vida real. Caetano, por outro lado, pode estar relacionando o personagem escolhido a sua condição econômica, na tentativa de criar um mundo imaginário em que não tenha problemas socioeconômicos. Lembrando que as questões socioeconômicas já foram expostas pelos alunos da escola “C”, como um signo demarcador de diferenças, em que os alunos possuem sentimento de menos valia por não terem valor aquisitivo para se “vestirem bem”.

Analisando as escolhas dos participantes, o que chama atenção são os estereótipos internalizados, referentes aos heróis das histórias em quadrinhos e as princesas dos contos de fada, representados por 62,5% dos estudantes. Historicamente os personagens cinematográficos têm inspirado os pensamentos e interferido na formação de identidade e autopercepção, sobretudo, dão referências corporais aos indivíduos. De acordo com Vieira (2008) o corpo por ser o instrumento que promove o homem a se relacionar com o mundo, é também, o elemento constituinte dos discursos das histórias em quadrinhos de super-heróis, carregados de representações em que o homem projeta imagens em si mesmo.

O fato interessante é que geralmente os meninos são os mais interessados neste tipo de entretenimento, devido as expressões de força, poder, virilidade e principalmente, os contornos corporais acentuados e sexualizados das mulheres neste segmento que atraem a atenção masculina (COSTA, 2010). Entretanto, as pré-adolescentes também apresentaram inclinações para o universo dos superpoderes. O que se percebe, é que na atualidade, as construções sociais em volta da mulher têm se modificado, isto é, a fragilidade e a espera de salvação por um

homem destemido parece sair de cena, ganhando destaque uma mulher majestosa e dona do próprio destino.

Nesta conjuntura, Motta e Tardin (2017) argumentam que anteriormente, as heroínas foram criadas como auxiliadora dos super-heróis e atuavam como coadjuvante. Atualmente, o mundo cinematográfico voltado a este gênero trouxe as heroínas como referência, surgindo então uma nova configuração social, um novo discurso proposto para o papel de uma nova mulher com um possível empoderamento feminino.

Esta eventualidade pode ser justificada a partir do pensamento de Moscovici (2011), que apresenta as representações em um contexto dinâmico e em constante transformação. Contudo, esta nova representação que surge, não pode ser afirmada em todas as comunidades, isto explica as diferenças de referências das pré-adolescentes da escola “C”, que sonham em ser as princesas da Disney.

Neste sentido, os contos de fadas ainda vêm semeando representações, especificamente, em como o sexo feminino deve ser e quais modelos corporais devem existir, com exibição de cinturas finíssimas, um corpo desenhado e a busca por um grande amor de um homem bem-sucedido (FERREIRA; GONÇALVES, 2019).

Vale destacar que embora as personagens das histórias em quadrinhos tragam uma nova leitura de mulher, ainda trazem o corpo feminino carregado de sexualidade e reafirmam os estereótipos de embelezamento estipulado pela cultura da beleza. Semelhantemente, as novas leituras dos contos de fadas, trazem as princesas com uma personalidade independente e realista (FERREIRA; GONÇALVES, 2019), no entanto, nas estruturas corporais parece não haver modificações, as personagens são representadas por atrizes extremamente magras e em conformidade com os padrões de beleza regente.

Outro ponto observado, é que todas as referências apresentadas, foram vistas pelos participantes por meio de vídeos da *internet* e televisão, fazendo com que estes sejam os instrumentos mais utilizados pela mídia para projeções corporais e práticas sociais. Conforme Conti, Bertolin e Peres (2010) a mídia como meio de comunicação social, é responsável por educar o mundo moderno com a transmissão de valores, padrões e condutas, que corroboram para a constituição identitária nos pré-adolescentes.

A partir deste pressuposto, entende-se que a mídia possui influência sobre o comportamento e percepção de si na vida dos participantes, devido ao seu investimento em produzir e circular valores exacerbados na construção do corpo magro. Acontece que, atualmente, o discurso que se estabelece socialmente, traz uma construção social do corpo como produto manipulável, que pode ser montado dependendo do interesse pessoal. Neste caso, as

representações corporais identificadas nos participantes, denotam que não adianta apenas ser magro, mas o corpo deve ser moldado e trabalhado, fato este analisado na próxima categoria.

6. 2. 5 Nem gorda, nem magra, abracadabra

É sabido que o momento histórico atual é constituído pela cultura digital voltada ao consumo, a qual molda os pensamentos dos indivíduos quanto a estrutura corpórea. Desta feita a respectiva categoria apresenta as opiniões dos pré-adolescentes sobre o próprio corpo e a preferência corporal, uma vez que estes, estão imersos nos padrões e representações de beleza acerca do corpo estabelecidos socialmente. É importante relatar, que esta categoria “Nem gorda, nem magra, abracadabra” se configura a partir dos relatos que demonstraram um novo padrão corporal que não abarca o corpo gordo ou magro.

Ao refletir sobre o fato de Carla e Rita (personagens da história “Gorda ou Magra, abracadabra”) pedirem que as bruxas transformassem seus corpos devido ao preconceito, os pré-adolescentes das respectivas escolas chegaram à conclusão de que Carla foi a mais discriminada por conta do excesso de peso. Com isso, todos os alunos chegaram a um consenso de que a pessoa gorda é a mais interessada em fazer alterações em seus corpos “porque uma gorda é mais falada” (FELÍCIA), ou “quando você é gorda, as pessoas falam muito mais coisas para a gente” (FABIANA) e ainda “Ah quem quer ser gordo né? Isso aí não” (MARTA).

Neste contexto, Martins (2006) reporta o repúdio demonstrado pelos pré-adolescentes em sua pesquisa. O termo “tudo, menos ser gorda”, se tornou o centro de sua investigação por conta da afirmação dos participantes em não consentir, de maneira alguma, em serem considerados gordos. A pesquisa da respectiva autora comprova com a afirmativa de que pessoas gordas são mais propensas a sofrerem preconceito, pois “[...] na cultura que elege o corpo como locus que privilegia e exalta a magreza, a gordura constitui uma das maiores formas de discriminação social e exclusão” (FARIAS, 2004, p. 42).

De acordo com a aluna Flávia, as pessoas não querem ser gordas porque acreditam que os magros não sofrem, fato este que pode ser considerado contraditório ao analisar as vivências destes grupos de pré-adolescentes. Vale destacar que os grupos focais foram constituídos pelas mais variadas estruturas físicas, não percebendo então estado de obesidade entre os participantes.

Desta maneira, ao serem questionados sobre a apreciação de seu próprio corpo, os participantes das escolas “M” e “C”, 7 alunos disseram gostar de sua aparência, enquanto o grupo da escola “F” ficou dividido. No entanto, ao continuar a conversação, foi possível notar

que todos os alunos não estavam inteiramente satisfeitos com seu perfil corporal como pode ser visto na fala de Fernanda: “eu gosto de 60% do meu corpo, os outros 40%, eu..., mais ou menos”; no relato de Fábíia: “porque tem umas partes que a gente gosta do nosso corpo, adora, umas partes mais ou menos, e umas que a gente odeia”; e também na afirmação de Fabíola: “eu só queria mudar a minha barriga, é só isso e mais nada, é que eu sou muito gorda”.

Em seu texto, Lima (2013) salienta que nesta faixa etária, notavelmente, os indivíduos apresentam insatisfação quanto a sua imagem corporal, devido a acentuada busca de sociabilidade. Por conseguinte, este público ingressa em um intenso esforço para obter um corpo ideal.

A questão a ser destacada é que, consonante a vivência da personagem Rita, os alunos que se declararam ser magros, também demonstraram descontentamento com o corpo conforme evidencia Flávia: “Eu quero ser gorda, mas eu não consigo, por mais que falam, que meu pai e minha mãe falam..., eles são gordos e eu sou magra, daí a minha tia é magra, então falam que eu sou filha dela e eu fico bem triste com isso”. Semelhantemente, Caetano revela o desejo de ganhar massa corpórea e se tornar forte para não mais ser chamado de magricelo ou de Seu Madruga (personagem do programa Chaves exibido pela emissora SBT).

Para Caetano, essas situações são extremamente conturbadoras, “Eu fico magoado, triste, fico pensando naquilo”. Com Flávia o ensejo não é diferente, a aluna revelou as tentativas de esconder as medidas de seu braço para evitar maiores constrangimentos: “Quando eu vou me vestir, eu tento vestir casaco, porque sempre as pessoas pegam meu pulso e fazem assim” (apertou o pulso com os dedos polegar e indicador).

Desta maneira, Flávia expressa com muita tristeza o desejo de ganhar massa corporal: “Sim, porque eu não gosto. Eu não queria ser muuuito gorda, mas só que tipo..., gorda é bem mais bonito”. Tal opinião se justifica porque ela costuma ser atacada por palavras que a deixam humilhada: “Eu não gosto, as pessoas falam ‘Nossa, como você é magra’”. A aluna ainda ressalta a repressão de familiares por conta da sua estatura física: “Minha tia me fala para comer mais, só que eu não consigo” (FLÁVIA). Tais cobranças já provocaram na aluna o desejo de acabar com sua própria vida: “Eu éhh... [baixou o tom da voz], eu já tentei me cortar, tipo..., eu peguei a tesoura e só fiz assim (simulou com o dedo, um corte no pulso), mas não me cortei, só ficou a marca”.

É interessante o modo pelo qual o corpo e o alimento são conceitos literalmente correlacionados, mesmo que de modos antagônicos. Por um lado, a pessoa gorda é penalizada por não controlar o apetite, tendo como resultado um corpo volumoso e anormal (SANTOS,

2008), por outro lado, a pessoa magra é martirizada por não comer o suficiente para manter um corpo nutrido e viçoso.

A partir destes relatos, é possível notar que ao existir um padrão ideal de corpo, pode haver terríveis consequências na autoavaliação dos pré-adolescentes. Embora o caso aqui não seja relacionado a gordofobia, é perceptível a relevância do corpo na sociedade e os variados transtornos quando não há a aceitação corporal pelos sujeitos. Desta forma, Martins (2006, p. 12) salienta que atualmente o “[...] corpo seria hoje a peça principal da afirmação pessoal e exibição de uma identidade escolhida provisória ou permanentemente”.

Sob o mesmo prisma, Santos (2008) aponta que as representações acerca do corpo se referem a um “corpo-aparência” simbolizado como um “cartão de visita” que emite a essência de um ser. Quando este cartão de visita não contém as características esperadas, a essência parece sofrer danos irremediáveis, uma vez que “Os distúrbios causados pela insatisfação corporal se acentuam frequentemente, pois o indivíduo pode vir a sofrer influências do ambiente social, cognitivo e afetivo, os quais se encarregam de criar desejos e reforçar imagens por meio da padronização de corpos” (LIMA, 2013, p. 16).

Neste sentido, pode-se fazer uma análise das diferentes percepções corporais observadas nos grupos relacionados as roupas. Fábia, por exemplo, se sente desconfortável por não encontrar vestes que acomodem seu corpo avantajado, “porque quando a gente quer usar um biquíni bonito, para sair para festa, assim, para passear... não dá por causa da barriga, que atrapalha muito”. Em contrapartida, Flávia tem sua autoestima abalada ao ser afligida por não usar roupas que disfarcem sua magreza: “Eu quero vestir um *shorts* bem colado e uma blusa bem solta, mas a minha mãe não gosta, porque ela quer tudo solto ou tudo frouxo”.

O fato é que o modo de vestir tem seu papel fundamental quando o assunto é a aparência física, em que os signos presentes nas roupas, produzem representações que estabelecem identidades pessoais e coletivas, as quais são reafirmadas nos sujeitos (FARIAS, 2004). Ao compreender que o modo pelo qual o indivíduo se relaciona com o próprio corpo, se dá a partir da cultura (MOSCOVICI, 2011), é possível afirmar que o “[...] corpo é corpo no seu sentido material, mas também é em seu uso e em suas sensações [...] com os usos em detrimento de aquisições materiais” (SANTOS, 2008, p. 93).

O que fica grifado aqui é que mediante as representações sociais, quanto ao corpo simbolizadas pelo senso comum, é que tanto a pessoa considerada gorda, quanto as que são consideradas extremamente magra, não fazem parte dos padrões estéticos impostos pela ditadura da beleza vigente. Logo, nos dias atuais, não basta ser magro, é preciso buscar formas padronizadas, que consolidam a ideia de que o corpo é interpretado por suas formas

minuciosamente planejadas e organizadas e com isso, as “[...] imagens de um corpo humano ideal são construídas, o que leva a múltiplas representações dos corpos que estão dentro e fora do padrão estabelecido: a norma e o desvio” (SANTOS, 2008, p. 95).

E neste cenário, os pré-adolescentes parecem estar em um estado de incertezas, fazendo com que não tenham reconhecimentos específicos entre os dois extremos, isto é, o corpo gordo e o magro, fato este que caracterizou esta última categoria como “Nem gorda, nem magra, abracadabra”. Isto não implica que os participantes não tenham um ponto de referência, pelo contrário, isto indica que os padrões corporais estão sob uma cultura que não reconhece o corpo que não esteja em movimento, conforme explica Santos (2008).

E é neste contexto que se entende o corpo como produto atrelado a uma rede de consumo (MARTINS, 2006). Pode-se aferir que os pré-adolescentes internalizaram as representações corporais atuais, as quais veem o corpo como objeto de consumo e que a ele deve-se contornar com as mais diversas adequações e adornos, a fim de se chegar à padronização. Então, estes alunos entendem que para ser “normal”, os corpos devem ter características idênticas. Portanto, percebe-se que não são consideradas as diferenças, e consequentemente, o diferente está longe de ser aceito socialmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do princípio que o estudo buscou identificar as representações sociais e os sentimentos de pré-adolescentes que estudam em escolas públicas de Sidrolândia / MS, sobre a gordofobia, evidenciando se o preconceito está relacionado com as questões de gênero e se há influência da mídia na dissipação do preconceito. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e de campo em âmbito escolar, a qual possibilitou chegar a algumas reflexões:

Na abordagem epistemológica da pesquisa, considerou-se que para entender os fenômenos sociais, é preciso avistar os valores culturais e sociais que constituem as representações sociais. As representações sociais são as responsáveis pela formação de conceitos e pensamentos dos indivíduos por meio das concepções coletivas. Ao buscar evidências sobre a gordofobia e percepções corporais, a Teoria das Representações Sociais de Moscovici, demonstrou maior possibilidade de cercar o objeto de investigação, por acreditar que o sujeito é um ser dependente dos grupos sociais, que partilham ideias coletivas subjacentes entre os membros, influenciando diretamente em sua subjetividade.

Ao contextualizar gordofobia, percebeu-se que este fenômeno se refere ao preconceito devido a padronização corporal, resultando na aversão do corpo gordo e enaltecimento do corpo magro. O corpo para além de sua função biológica, é também o principal mecanismo de interação social e a partir dele, a percepção da imagem corporal é constituída coletivamente, formando uma ideia específica de como o corpo deve ser. Para chegar na concepção corporal existente na sociedade atual, o modo de conceber a imagem corporal passou por diversas transformações, isso é, em outros momentos históricos, o corpo gordo teve seus dias de glória e boa aceitação.

Na perspectiva grupal, as representações e os sentidos dados ao corpo, estão relacionados às denotações determinadas pela cultura. Na sociedade contemporânea, a mídia é o maior dispositivo de propagação negativa da pessoa gorda, pautada nos discursos médicos que insistem em tratar tal modelo corporal como doente e em uma suposta falta de amor próprio. As concepções corporais também reforçam as desigualdades de gênero em que o corpo feminino em sua constituição histórica, se insere em constante observação e fiscalização.

Por pré-adolescência, verificou-se que esta etapa do desenvolvimento humano, se insere em uma fase dinâmica e conflituosa, devido a posição social que ainda não está bem estabelecida, isto é, ocultamento social, o que gera ansiedade pelos tempos vindouros e desejo de materializar a participação social. Sobre a gordofobia em contexto escolar, entende-se que esta, se faz notória a partir do *bullying*, o qual se eleva a consequências mais graves como a

violência e o suicídio. Vale destacar que ações violentas, seja ela verbal ou física, interferem no desenvolvimento integral, psicológico comprometendo a autoestima do aluno além de promover um ambiente hostil e ameaçador.

No Estado do conhecimento, evidenciou-se o pequeno número de produções acadêmicas sobre gordofobia. Em geral, as obras existentes trazem o fenômeno como preconceito pautado no peso devido a padronização corporal presente na sociedade contemporânea, com apontamentos tenazes sobre a influência midiática na formação do pensamento coletivo. Este procedimento foi crucial para delimitar a temática proposta, possibilitando que as poucas investigações retratassem o interesse unânime pelo sexo feminino e o pouco interesse no campo educacional e pré-adolescência.

Nos caminhos metodológicos da pesquisa, foi possível visualizar a gordofobia como possibilidade de investigação no campo educacional, ancorada no referencial epistemológico das Representações Sociais, o qual favoreceu na construção de uma metodologia para alcançar o resultado almejado. Com isso, constatou-se que tal perspectiva teórica juntamente com os instrumentos de coleta de dados como o questionário e o grupo focal foram relevantes e eficazes para compreender o contexto social e cultural em que as percepções corporais se inserem.

O questionário por exemplo, apresentou informações surpreendentes. Embora a gordofobia se constitua socialmente como aversão baseada no peso, constatou-se que nem todos os alunos sabiam seu peso, sobretudo, estavam insatisfeitos com seus corpos, fazendo com que haja a interpretação de que a gordofobia é um preconceito fundamentado exclusivamente na aparência corporal.

Mediante os dados obtidos, percebeu-se que os alunos mesmo que insatisfeitos, aceitam seus corpos unicamente por acreditar em uma força divina que lhes concedeu tal estrutura, demonstrando a força e influência da religião em suas subjetividades. Contudo, evidenciou-se que as representações que circulam entre os escolares, dão preferência ao corpo magro.

Na continuidade das categorias, constatou-se inúmeras manifestações de tristeza, raiva, angústia e a intolerância relacionadas as discriminações em torno do corpo. A barriga foi o destaque no processo de descontentamento corporal. O vestuário também esteve em ressalva, dando a impressão de que para além do peso e estrutura corporal, os adornos e acessórios são fundamentais para a aceitação social.

Outras considerações também vieram à tona, os alunos desejam constantemente a participação nos grupos sociais, e sua aceitação pessoal depende relativamente da aceitação dos outros, por isso, especialmente as meninas, apontaram o anseio de alterar sua aparência física. Ficou bem claro que outros marcadores de diferenças estão presentes no cotidiano destes

sujeitos, como as desigualdades socioeconômicas, o que traz a ideia de que a igualdade está longe de se efetivar na sociedade.

As questões mais graves ocasionadas pelo preconceito, ficaram visíveis a partir dos indícios de violência apontados pelos alunos por conta do *bullying*. Os maus tratos em forma de brincadeiras, os apelidos e xingamentos correlacionam a gordofobia com o *bullying* e violência na escola e foram os principais motivos da não aceitação dos alunos com seu próprio corpo e na disposição de ações violentas.

E é nesse diálogo sobre discriminação que se observou que a escola e os profissionais da Educação, não estão preparados para agir nas situações de gordofobia e pouco se fala sobre o assunto neste espaço, fazendo com que os alunos se sintam inseguros e indispostos a frequentá-lo. O que fica evidente é que os pré-adolescentes submersos a cultura da beleza ancorada na ditadura da magreza, internalizaram as características determinadas ao corpo ideal e as representações negativas contra a pessoa gorda. Como consequência disso, os alunos são excluídos e intimidados pelos colegas, gerando sérios problemas na autoestima e na aquisição de conteúdo, afetando seu desenvolvimento acadêmico.

Em relação ao gênero, entende-se que mesmo que haja algumas peculiaridades, isto é, do homem também receber ataques gordofóbicos, as mulheres ainda estão em evidência quando o assunto é doutrinação corporal. Compreende-se que a mídia é a principal condutora de discursos discriminatórios na propagação das ideias de um corpo trabalhado em academias e de fácil administração, além de ter um papel fundamental na formação da percepção corporal por meio de personagens que personificam o modelo de corpo ideal. No final das contas, o corpo que se preza hoje, não se enquadra aos predicativos gordo ou magro e sim, esculpado, dependendo da força de vontade de cada um.

Esta padronização se demonstrou presente em todas as escolas pesquisadas. Não há fronteira quando o assunto é preocupação com a autoimagem e aparência física. Ficou muito claro nos relatos dos pré-adolescentes, que as representações sociais que seguem reproduzidas, estão fundamentadas nos discursos junto a beleza e a estética, fazendo menção de que o corpo magro simboliza agilidade e saúde, causando vários problemas aos alunos considerados fora deste padrão.

À vista disto, como pesquisadora entendi que somos obrigados a viver uma homogeneidade, que a sociedade atual regida pelo consumo e pelo mercado, se organiza a partir dos interesses capitalistas, estipulando que os sujeitos se enquadrem em uma árdua padronização, se inserindo nas relações de desigualdades que não toleram as diferenças. Com isso, percebi que a pessoa gorda é vista sem utilidade diante de um meio social que vê o corpo

como máquina, que preza a funcionalidade corporal muito mais que a essência dos indivíduos. Mas como pesquisadora, acredito que a partir da ideia das mutações das representações sociais e na dinâmica dos fenômenos, algo pode e deve ser feito. Entendi que a percepção corporal nem sempre foi assim e nem deve continuar a ser, pode mudar, cabe refletir sobre a realidade e os problemas que assolam os indivíduos para buscar possibilidades de transformação. Para isso, considero as instruções da aluna Fabiana quando reconheceu a falta de intervenção nas escolas sobre a temática.

Como proposta de uma possível solução, destaco a necessidade de tornar presente nas escolas, programas estudantis voltados para informação e prevenção do preconceito, levantar discussões, intervenções e palestras sobre o assunto, conscientizando a comunidade escolar dos agravos que ações discriminatórias podem causar na vida dos indivíduos. Aponto aqui a importância de haver maiores investimentos na formação de professores, visando orientar sua atuação quanto as situações de gordofobia e a necessidade de realizar mais escritos sobre a problemática para dar visão as vítimas e conscientização dos agressores. Do mesmo modo, é preciso informar a sociedade no geral, que pessoas estão perdendo a vida e saúde mental devido as consequências das ações gordofóbicas. É necessário buscar uma sociedade empática, que frisa o respeito e igualdade, que dá guarida para aqueles que foram afetados pelo preconceito e os incentivem ao tratamento.

É importante refletir sobre a peculiaridade do contexto em que a pesquisa foi realizada, um período atípico de pandemia causada pelo novo Coronavírus, que resultou no isolamento social da população. Então faço aqui as seguintes indagações: Qual o estilo de vida dos indivíduos diante de um possível ganho de peso, por ficarem mais em casa, com mais acesso a alimentação? Como as ações gordofóbicas estão sendo praticadas neste contexto único? São indagações que merecem reflexões, uma vez que a saúde mental dos sujeitos está sendo afetada.

Ressalto aqui, que esta pesquisa permitiu trazer algumas reflexões relevantes para o campo educacional, expondo temáticas polêmicas como a gordofobia, gênero, *bullying* e a posição da escola frente ao preconceito. Isto traz o entendimento do compromisso que a escola possui em ofertar um espaço seguro para seus alunos, fazendo dela, um lugar menos excludente e mais aberta às diferenças, à humanização e à tolerância, o que torna esta discussão pertinente a assistência para os profissionais da educação.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal**: Um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 1981.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações Sociais: aspectos teóricos e aplicações à Educação. **Em aberto**. n. 61, v. 14, jan/mar. 1994. Disponível em: <file:///C:/Users/Vagner%20Willian/Downloads/1944-2004-1-PB.pdf >. Acesso em: 06 jun. 2019.

ALVES-MAZZOTTI, A. J; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. Pioneira, São Paulo- SP, 2000.

AMARAL, L. S; ALVES, M. S. Nó ou núcleo central e esquema periférico. **CadernosCespuc**. Belo Horizonte, n. 23. 2013. Disponível em: <ttp://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/viewFile/800/7181 >. Acesso em: 04 abr. 2019.

ARAÚJO-MORAIS, L. C; COUTINHO, M. P. L; ARAÚJO, L. S. Papeis sociais do bullying escolar: Um Enfoque Psicossociológico. In: COUTINHO, M. P. L.(org). **A psicologia e sua interface com a saúde**. João Pessoa: Editora IESP, 2017.

ARAÚJO, L. S. et al. Discriminação baseada no peso: representações sociais de internautas sobre a gordofobia. **Psicologia em estudo**. Paraná, v. 23, p. 1-17. 2018.

ARAÚJO, L. S. **Obesidade e preconceito**: o que dizem o saber científico e a mídia impressa. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa, João Pessoa, 2014.

ARAÚJO, L. S. **Representações sociais da obesidade**: identidade e estigma. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa, João Pessoa, 2017.

ARAÚJO, L. S. et al. Universo consensual de adolescentes acerca da violência escolar. **Psico-USF**. Bragança Paulista, v. 17, n. 2, p. 243-251, mai/ago, 2012.

ARONSON, E; WILSON, T. D; AKERT, R. M. Psicologia Social. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC editora, 2002.

ARRUDA, A. Teoria das Representações Sociais e Teoria de Gênero. **Cadernos de Pesquisa**. n.117, p. 127-147, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n117/15555.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2019.

BANDEIRA, Y. M. **BULLYING, Representações Sociais e grupos no contexto escolar**. 2016. TESE (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Janeiro, Rio de Janeiro. 2016.

BARBOSA et al. Bullying e sua relação com o suicídio na adolescência. **Id on line Revista multidisciplinar e de Psicologia**. Jabotão dos Guararapes, v 10, n. 31, set-out, 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições Ltda, 2016.

BARRETO, L. X. **Bullying contra gordos: uma análise a partir do preconceito**. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza. 2017.

BATISTA, T. V. et al. A violência na escola e os adolescentes em conflito com a lei: estudo de caso. **Educação Teoria e Prática**. Rio Claro, v. 29, n. 60, p. 197-215, 2019.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1998.

BRASIL, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Brasília, 1990.

BRASIL, Lei nº 10. 048, de 8 de novembro de 2000. **Dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e dá outras providências**. Brasília, 2000.

BRASIL, Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. **Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)**. Brasília, 2015.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades do Mato Grosso do Sul**. Sidrolândia, 2017.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde Escolar**: 2015. Rio de Janeiro, Brasil. p. 71, 2015.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. ed. 2. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CAMPOS, S. S. et al. Gordinha da Silva: análise discursiva acerca do corpo feminino considerado gordo no universo dos *blogs*. **Demetra: alimentação & saúde**. Rio de Janeiro. p. 629-642, 2016.

CARVALHO, A. B. **Representações e identidades de mulheres gordas em práticas midiáticas digitais: tensões entre vozes de resistência e vozes hegemônicas**. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2018.

CONTI, M. A; BERTOLIN, M. N. T; PERES, S. V. A mídia e o corpo: o que o jovem tem a dizer? **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 2095-2103, 2010.

COSTA, R. Q. F. As representações sociais transmitidas nas histórias em quadrinhos de super-heróis. **Revista de Psicologia da UNESP**. São Paulo, v. 9, n. 2, p. 43- 54, 2010.
COUTINHO, M. P. L. A depressão infantil: de uma concepção clínica a uma concepção psicossocial. In: COUTINHO, M. P. L.(org). **A psicologia e sua interface com a saúde**. João Pessoa: Editora IESP, 2017.

DAHLBERG, L. L; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 11, p. 1163-1178, 2007.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes. 2009.

DURKHEIM, E. **Educação e Sociologia**. 1973. Tradução. Stephania Matousek. Petrópolis, RJ: Vozes. 2011.

EVANGELISTA, J. I. S. **Massacre em Suzano**: análise da cobertura jornalística no programa Brasil urgente. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2019.

FANTE, C. Bullying escolar: prevenção do problema começa pelo conhecimento. **Jornal UNESP**. São Paulo, v. 20, n. 213, jul. 2006. Disponível em: <<http://www.unesp.br/aci/jornal/213/suplec.php>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

FARIAS, R. C. P. **Nos bastidores da moda**: um estudo sobre representações de vestuário e de imagem corporal por um grupo de pré-adolescentes. 2004. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2018.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002.

FERREIRA, V. C. M; GONÇALVES, J. P. Princesas Disney e cinema: representações do gênero feminino. **Comunicações**. Piracicaba, v. 26, n. 2. P. 99-121, maio/ago, 2019.

FONSECA, J. Z. B; OLIVEIRA, K. C. S. Objetivação. **Cadernos Cespuc**. Belo Horizonte, n. 23, 2013. Disponível em: periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/download/8301/7182. Acesso em: 04 abr. 2019.

GUARESCHI, P. A. Mídia e democracia: o quarto versus o quinto poder. **Revista Debate**. Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 6-25, jul-dez, 2007.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOMES, A. M. A. Representações sociais, corpo e sexualidade no protestantismo. In: LUCENA, C. T; CAMPOS, M. C. S. (orgs). **Práticas e representações**. São Paulo: Humanitas/CERU, 2008.

GONÇALVES, J. P. **O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em homens que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2009.

JESUS, J. G. Psicologia das massas: contexto e desafios brasileiros. **Psicologia & Sociedade**. Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 493-503. 2013.

JODELET, D. **Les representations sociales**. Press Universitaires de France, 1989.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.) **As representações sociais**. Trad. Lilian Ulup. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2001.

JODELET, D. *The representation of the body and its transformations*. In: R. Farr & S. Moscovici (Orgs.), **Social representations**. Cambridge: Cambridge University Press. 1984. Disponível em:

https://www.academia.edu/12102443/Jodelet_D._1984_.The_representation_of_the_body_and_its_transformations._In_R._Farr_and_S._Moscovici_Eds._Social_Representations._Cambridge_Cambridge_University_Press_pp._211-238 . Acesso em: 02 dez. 2019.

KAKESHITA, I. S; ALMEIDA, S. S. Relação entre índice de massa corporal e a percepção da auto-imagem em universitários. **Revista Saúde Pública**. São Paulo, v. 40, n. 3, p. 497-504, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v40n3/19.pdf>. Acesso em 01 ago. 2019.

KIMURA, P. R. O. **Representações Sociais de alunas do ensino fundamental sobre o bullying**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém do Pará, 2013.

LE BRETON, D. **Adeus ao Corpo**: Antropologia e Sociedade. Campinas: Papirus, 2003.

LIMA, F. E. B. **Imagem corporal e desempenho motor de adolescentes escolares**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2013.

LIPOVETSKY, G; SERROY J. **A estetização do mundo**: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LOURO, G. L. Corpo, escola e identidade. **Educação e realidade**. Porto alegre, v. 25, n. 2, p. 59-76, 2000.

LOURO, G. L. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132, 1995.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pró-Posições**. Campinas, v. 19, n.2, maio/ago. 2008.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. ed. 2. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARCANTE, C. F. F. **Avaliação e intervenção neuropsicopedagógica nos distúrbios de aprendizagem**. Curitiba: Editora São Braz, 2017.

MAROUN, K; VIEIRA, V. Corpo: uma mercadoria na pós modernidade. **Psicologia em revista**. Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 171-18, 2008.

MARTINS, J. **Tudo menos ser gorda**: a literatura infanto-juvenil e o dispositivo da magreza. 2016. Tese (mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS/RS. Porto Alegre, 2006.

MELO, F. V. S.; FARIAS, S. A.; KOVACS, M. H. Estereótipo e Estigmas de obesos em propagandas com apelos de humor. **Organização e Sociedade**. Salvador, v. 24, n. 81, p. 305-324, abr./jun. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/osoc/v24n81/1413-585X-osoc-24-81-0305.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2017.

MOSCOVICI, S. "Influences conscientes et influences inconscientes. In: **Psychologie sociale des relations à autrui**. p. 141-160. Paris: Nathan/HER, 2000.

MOSCOVICI, S. **La era de las multitudes: un tratado histórico de la psicología de las masas**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MOSQUEIRA, J. J. M; STOBÄUS, C. D. Auto-imagem, auto-estima e auto-realização: qualidade de vida na universidade. *Psicologia, Saúde & Doenças*. Lisboa, v. 7, n. 1, p- 83-88, 2006.

MOTTA, W. F; TARDIN, E. B. Mulher maravilha: ícone feminista ou reafirmação de estereótipos? **Revista transformar**. Itaperuna RJ, v, 11, p. 96-107, 2017.

NERY, J. O; SANTIAGO, A. Gordofobia: discursos e estratégias de empoderamento de mulheres gordas ao preconceito. **Anais**. XIII Encontro de Iniciação Científica, Fortaleza, v.7, n. 1, 2017.

NETO, I. B; CAMPOS, I. G. A influência da mídia sobre o ser humano na relação com o corpo e a auto-imagem de adolescentes. **Caderno de Educação Física**, Paraná, v. 9, n. 17, p. 87-99, 2010. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/citations?user=J-0nKfYAAAAJ&hl=pt-BR>. Acesso em: jul. 2018.

NICOLÉLIS, G. L. **Gorda ou magra, abracadabra**. Coleção Girassol, 19 ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1985.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra, 2002.

PEREIRA, B. B.; OLIVEIRA, P. P. Gordofobia, mocinha só magrinha: valores do corpo feminino nas telenovelas. **INTERCON- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. São Paulo, 2016. Disponível em: portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1719-1.pdf. Acesso em: 24 jun. 2017.

PFUETZETZENREITER, N. P. B. **Obesidade sob o olhar antropológico** - Etnografia online do movimento plus size. 2018. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva Instituição de Ensino) - Universidade Católica de Santos, Santos. 2018.

PORTO, M. S. G. Crenças, valores e representações sociais da violência. **Sociologias**, n. 16, v. 8, jul/dez. p. 250-273. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n16/a10n16>. Acesso em: 06 jun. 2019.

RANGEL, N. F. A. **O ativismo gordo em campo**: política, identidade e construção de significados. 2018. Dissertação (Mestrado em Sociologia política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2018.

ROCHA, F. B. M. **A quarta onda do movimento feminista**: o fenômeno do ativismo digital. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

SÁ, C. P; ARRUDA, A. O estudo das representações sociais no Brasil. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, n. 3, p. 11-31. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/24121>. Acesso em: 06 jun. 2019.

SAMPAIO, F. A. **Gordofobia**: as vozes da opressão no gênero piada. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - com habilitação em Língua Portuguesa) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/15896>. Acesso em: 05 mar. 2018.

SANTOS, L. A. S. **O corpo, o comer e a comida**: um estudo sobre as práticas corporais alimentares cotidianas a partir da cidade de Salvador-Bahia. Salvador: EDUFBA, 2008.

SANTOS, M. F. S. A Teoria das Representações Sociais. In: SANTOS, M. F. S; ALMEIDA, L. M. **Diálogo com uma teoria das Representações Sociais**. Recife: Universitária UFPE, 2005.

SAUL, L. L. **Escola e violência**: representações sociais de um grupo de educadores de escolas públicas estaduais de Cuiabá-MT. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

SCHULZE, C. M. N; CAMARGO, B. V. Psicologia social, representações sociais e métodos. **Temas em Psicologia da SBP**. Florianópolis, v. 8, n. 3, p. 287-289. 2000. Disponível em: [389X2000000300007&script=sci_abstract&tlng=en](https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1721/1705). Acesso em: 06 jun. 2019.

SCOTT, J. W. **Gênero**: uma categoria útil para a análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1995.

SCOTT, J. W. Preface a gender and politics of history. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 3. 1994. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1721/1705>. Acesso em: out. 2019.

SCUTTI, C. S. et al. O enfrentamento do adolescente obeso: a insatisfação com a imagem corporal e o bullying. **Rev. Fac. Ciênc. Méd.** Sorocaba, v. 16, n. 3, p. 130-133, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/15188>. Acesso em: 10 maio 2018.

SECCHI, K. CAMARGO, B. V. BERTOLO, R. B. Percepção da Imagem Corporal e Representações Sociais do Corpo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 25, n. 2, p. 229-236, abr/jun, 2009.

SILVA, C. B; CARMO, G. T; SILVA, A. M. C. Breves observações sobre a Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici e a interdisciplinaridade. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**. Londrina, v. 6, n. 2, p. 59-70. dez. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v6n2/a05.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2019.

SILVA, K. C. et al. *Bullying* e depressão no contexto da adolescência: uma revisão sistemática. In: COUTINHO, M. P. L.(org). **A psicologia e sua interface com a saúde**. João Pessoa: Editora IESP, 2017.

SILVA, M. O. **Corpo, cultura e obesidade**: desenvolvimento de posicionamentos dinâmicos de si em mulheres submetidas à gastropластиа. 2017. Tese (Doutorado em Processos de desenvolvimento humano e saúde Instituição de Ensino) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SIQUEIRA, T. L. Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero. *Revista Ártemis*. João Pessoa, v. 8, p. 110-117, jun. 2008.

SOUZA, V. C. S; GONÇALVES, J. P. Discussão sobre gordofobia e estereótipos de gênero: relatos de pré-adolescentes no contexto escolar e familiar. **Anais X JORNADA NACIONAL DE EDUCAÇÃO DA UFMS/CPNV**: 'História do livro, da leitura e das práticas escolares na educação brasileira: os desafios do tempo presente. p. 928-943. Naviraí, 2018.

SOUZA, V. C. S; GONÇALVES, J. P. Vivências de Gordofobia e Discriminações de Gênero entre Pré-adolescentes Naviraienses. **Anais VI CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/62993>. Acesso em: 25 nov. 2019.

SPINK, M. J. P. O conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 300-308, jul/set. 1993.

SPINK, M, J, P; LIMA, H. Rigor e Visibilidade: A explicação dos passos de interpretação. In: SPINK, M, J, P (org). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: Aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

STENZEL, L. M; GUARESHI, P. A. A dialética obesidade/magreza: um estudo em representações sociais com adolescentes. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, p. 183-194, 2002.

SUDO, N. LUZ, M. T. O gordo em pauta: representações do ser gordo em revistas semanais. **Ciência & saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 1033-1040, 2007. Disponível em: http://rnp-primo.hosted.exlibrisgroup.com/primo_library/libweb/action/display.do?tabs=viewOnlineTab&gathStatTab=true&ct=display&fn=search&doc=TN_scielo_sS1413_81232007000400024&indx=16&recIds=TN_scielo_sS1413_81232007000400024&recIdxs=5&elementId=5&renderMode=poppedOut&displayMode=full&frbrVersion=3&frbg=&dscnt=0&scp.scps=scope%3A

%28CAPES%29%2CEbscoLocalCAPES%2Cprimo_central_multiple_fe&vid=CAPES_V1&mode=Basic&srt=rank&tab=default_tab&dum=true&vl(freeText0)=CORPO%20GORDO&dstmp=1554581605807. Acesso em: 25 ago. 2019.

TAVARES, M. C. G. C. F. **Imagem corporal**: conceito e desenvolvimento. Barueri, SP: Manole, 2003.

TONINATO, S. G. **Crianças e adolescentes**: descortinando a violência nas ruas. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) -Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

TORRÃO FILHO, A. T. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**. Campinas, v. 24, p.127-152, jan/jun, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a07.pdf>. Acesso em: 29 set. 2019.

VALIM, C. C. **Moda plus size em governamentalidade**: (in)visibilidades sobre o corpo da mulher gorda na contemporaneidade brasileira. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

VIEIRA, M. Corpo, identidade e poder nos quadrinhos de super-heróis: um estudo de representações. **Contemporânea**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 207-221, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A – PARECER CONSUBSTENCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTENCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GORDOFOBIA ENTRE PRÉ-ADOLESCENTES NO CONTEXTO ESCOLAR

Pesquisador: VALDELICE CRUZ DA SILVA SOUZA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 25215319.7.0000.0021

Instituição Proponente: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.831.285

Apresentação do Projeto:

Apresentação do Projeto

O presente projeto é uma pesquisa de mestrado, objetiva averiguar a existência de conflitos enfrentados pelo indivíduo durante a transição entre infância e adolescência em relação a gordofobia no contexto escolar. A pesquisa é de caráter qualitativo, por meio de realização de grupo focal, com 6 (seis) pré-adolescentes do 5º ano escolar de 3 (três) escolas públicas no município de Sidrolândia-MS. Os participantes serão escolhidos mediante uma triagem realizada por meio da aplicação um questionário nas respectivas turmas. Critério de seleção são os identificados, por meio de tal questionário, insatisfeito a partir da própria percepção corporal e a autoimagem, ou seja, como veem seu corpo e que relatem ter sofrido algum tipo de agressão referente a sua estrutura física, ou os alunos que queiram debater sobre a temática não estando, necessariamente, acima do peso. O projeto tem por justificativa a necessidade de buscar evidências aos possíveis transtornos causados pela gordofobia, as desigualdades de gênero e como a tecnologia fomenta a dissipação de padrões de beleza, e como isso afeta a vida dos pré-adolescentes. O trabalho será desenvolvido por meio de grupo focal mediado por meio entrevista, será realizado um único encontro de 60 minutos em cada escola, a discussão será gravada em áudio.

Endereço: Cidade Universitária - Campo Grande

Bairro: Caixa Postal 549

CEP: 79.070-110

UF: MS

Município: CAMPO GRANDE

Telefone: (67)3345-7187

Fax: (67)3345-7187

E-mail: cepconep.propp@ufms.br



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO
MATO GROSSO DO SUL -
UFMS**



Continuação do Parecer: 3.831.285

Cronograma	Cronograma.pdf	10:57:21	DA SILVA SOUZA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_PESQUISA.pdf	08/01/2020 10:56:42	VALDELICE CRUZ DA SILVA SOUZA	Aceito
Outros	Recurso.pdf	08/01/2020 10:56:03	VALDELICE CRUZ DA SILVA SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	08/01/2020 10:51:36	VALDELICE CRUZ DA SILVA SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	08/01/2020 10:51:16	VALDELICE CRUZ DA SILVA SOUZA	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	Carta_de_recurso.pdf	30/11/2019 13:30:50	VALDELICE CRUZ DA SILVA SOUZA	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_ CEP_3723419.pdf	29/11/2019 21:48:57	VALDELICE CRUZ DA SILVA SOUZA	Aceito
Outros	Questionario.pdf	29/11/2019 21:37:45	VALDELICE CRUZ DA SILVA SOUZA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	01/11/2019 18:30:35	VALDELICE CRUZ DA SILVA SOUZA	Aceito
Orçamento	Materiais.pdf	24/10/2019 18:08:00	VALDELICE CRUZ DA SILVA SOUZA	Aceito
Outros	parecer_academico.pdf	24/10/2019 17:12:35	VALDELICE CRUZ DA SILVA SOUZA	Aceito
Outros	Roteiro.pdf	24/10/2019 17:05:43	VALDELICE CRUZ DA SILVA SOUZA	Aceito
Outros	autorizacao.pdf	24/10/2019 16:58:58	VALDELICE CRUZ DA SILVA SOUZA	Aceito
Outros	Parecer.pdf	24/10/2019 16:47:58	VALDELICE CRUZ DA SILVA SOUZA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Cidade Universitária - Campo Grande

Bairro: Caixa Postal 549

CEP: 79.070-110

UF: MS

Município: CAMPO GRANDE

Telefone: (67)3345-7187

Fax: (67)3345-7187

E-mail: cepconep.propp@ufms.br

APÊNDICE B – PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

De: Valdelice Cruz da Silva Souza sob orientação de Josiane Peres Gonçalves.

UFMS/ Câmpus de Campo Grande – MS.

À Secretaria de Educação de Sidrolândia – MS.

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

SIDROLÂNDIA – MS, _____ de _____ de 2019.

Solicitamos **autorização** para o desenvolvimento de uma pesquisa de campo, mediante realização de entrevistas individualizadas, referente ao Projeto de Pesquisa de Mestrado em Educação intitulado **AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GORDOFOBIA ENTRE PRÉ-ADOLESCENTES NO CONTEXTO ESCOLAR** de autoria de Valdelice Cruz da Silva Souza sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Josiane Peres Gonçalves.

As entrevistas serão gravadas, integrarão e serão suporte de dados para elaboração da dissertação de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação, nível de mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

O objetivo da pesquisa é investigar sobre gordofobia (preconceito pautado na imagem corporal), gênero e influência da mídia na dissipação da discriminação, tendo por base experiências preconceituosas, ou não, contra pessoas que são consideradas socialmente acima do peso. Para que, por meio da vivência dos pré-adolescentes haja a possibilidade de compreender em como se estrutura o preconceito em relação a imagem corporal, refletindo sobre suas origens, as práticas que validam a manutenção dessa discriminação e as consequências dessas experiências.

Atenciosamente,

Valdelice Cruz da Silva Souza
RGA: 201900804
valczsouza@gmail.com
(67) 999xx-xx94
Educação/PPGEDU/UFMS
Cidade Universitária – Cx. Postal 549
Campo Grande – MS, CEP: 79070-900

Prof^ª. Dr^ª. Josiane Peres Gonçalves
Telefone (Secretaria): (67) 3345-7616/ 3345-7617

Ciente:

Sidrolândia – MS, _____/_____/_____

Secretaria de Educação de Sidrolândia MS

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA OS RESPONSÁVEIS

1. Este documento oficializa o consentimento da participação voluntária do pré-adolescente sob sua responsabilidade na pesquisa de Mestrado em Educação do programa de Pós-Graduação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, com o título provisório: **“AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GORDOFOBIA ENTRE PRÉ-ADOLESCENTES NO CONTEXTO ESCOLAR”**.
 2. As experiências de pré-adolescentes diante da gordofobia (preconceito devido a aparência corporal) é o motivo deste convite. A participação não é obrigatória.
 3. Como responsável, a qualquer momento você pode retirar seu consentimento ou interromper a participação do pré-adolescente.
 4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.
 5. Essa pesquisa tem como objetivo: compreender as dificuldades e analisar os sentimentos e experiências de pré-adolescentes, no que se refere às discriminações vividas por eles quanto à gordofobia em ambiente escolar, desvendando quem é mais afetado (menina ou menino) e a influência da mídia na dissipação do preconceito.
 6. A colaboração do pré-adolescente consistirá em participar com uma entrevista em grupo focal (roda de conversa) que será gravada em áudio por meio de um aparelho portátil, visando o alcance do objetivo descrito anteriormente. As entrevistas, com duração de aproximadamente 60 minutos, serão realizadas em local institucional e serão agendados previamente, fazendo com que o impacto no desvio de suas atividades cotidianas seja o menor possível.
 7. Os riscos da participação do pré-adolescente na pesquisa podem surgir mediante algum desconforto originado durante a entrevista ao recordar alguma memória, nesse caso, o participante é livre para não responder à questão que julgar invasiva e o procedimento será interrompido imediatamente, para que o participante não se sinta pressionado, além de acionar o responsável pela escola e o responsável pelo participante para dar assistências cabíveis, inclusive o acompanhamento deste, após o encerramento da pesquisa, prestando apoio as profissionais e responsáveis, colaborando para recuperação dos supostos danos ocorridos.
 8. A participação não envolve gastos ou pagamentos de qualquer natureza.
 9. Os benefícios relacionados com a participação têm origem na experiência existencial como possibilidade para fomento para esta pesquisa sobre a relação da Educação e gordofobia, contribuindo para a produção do conhecimento no campo educacional e social.
 10. O depoimento, dado em entrevista, poderá ser utilizado e divulgado em publicações em eventos científicos em forma de artigo científico, *banner*, *pôster*, livros, *websites* e periódicos via meio eletrônico, relacionados com Educação.
 11. O nome do pré-adolescente será mantido em sigilo, de forma a proteger sua identidade, razão pela qual no decorrer da pesquisa se opta por utilizar um pseudônimo que será apresentado quando for feita alguma referência à suas contribuições para com a pesquisa.
 12. Este termo de consentimento será feito em duas vias – sendo uma delas destinada a você, com o telefone dos(as) pesquisadores(as) deste trabalho, para que você possa contatar a qualquer momento a fim de tirar dúvidas sobre a pesquisa e sobre sua participação.
- Encerrada a investigação, os resultados obtidos e reflexões realizadas serão de inteira responsabilidade da pesquisadora. Caso queira receber uma cópia do relatório final em formato digital, indique um e-mail para o envio. Informamos ainda que as entrevistas serão destruídas após o período de cinco anos de sua realização.
13. Caso seja de seu interesse obter mais informações de diretrizes de sua colaboração com esta pesquisa, entrar em contato com o Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da UFMS através do telefone: (67) 3345-7187 ou pelo endereço eletrônico: cepconep.propp@ufms.br.

Valdelice Cruz da Silva Souza
valczsouza@gmail.com
telefone: (67) 999xx-xx94

Josiane Peres Gonçalves
Telefone (Secretaria): (67) 3345-7616/ 3345- 7617

Nome do Responsável (em letra de forma)/ Grau de parentesco com o(a) adolescente:

Nome do(a) pré-adolescente (em letra de forma):

() Autorizo a gravação em áudio da conversa do pré-adolescente sob minha responsabilidade,
para que possa ser utilizados na produção de trabalhos científicos.
() Não autorizo

Assinatura do Responsável: _____ Data: __/__/__

APÊNDICE D – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO (TALE) PARA OS PRÉ-ADOLESCENTES

Você está sendo convidado(a) a participar de forma voluntária da pesquisa intitulada **“AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE GORDOFOBIA ENTRE PRÉ-ADOLESCENTES NO CONTEXTO ESCOLAR”**. Este estudo está sendo conduzido pelas pesquisadoras Valdelice Cruz da Silva Souza e Josiane Peres Gonçalves.

Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte à responsável pelo estudo qualquer dúvida que tiver. Sua participação é voluntária e será documentada através deste Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. A assinatura deste termo implica na autorização do uso do conteúdo das informações dadas para que seja utilizado parcial ou integralmente, sem restrições de prazos e citações, a partir da presente data.

Esta pesquisa tem por finalidade analisar e compreender as dificuldades e analisar os sentimentos e experiências de pré-adolescentes, no que se refere às discriminações vividas por eles quanto à gordofobia em ambiente escolar, desvendando quem é mais afetado (menina ou menino) e a influência da mídia na dissipação do preconceito.

Sua colaboração consistirá em participar com uma entrevista em grupo focal (roda de conversa) que será gravada em áudio por meio de um aparelho portátil, visando o alcance do objetivo descrito anteriormente. As entrevistas, com duração de aproximadamente 60 minutos, serão realizadas em local institucional e serão agendados previamente, fazendo com que o impacto no desvio de suas atividades cotidianas seja o menor possível. Os riscos de sua participação na pesquisa podem surgir mediante algum desconforto originado durante a entrevista ao recordar alguma memória, nesse caso, você é livre para não responder à questão que julgar invasiva, caso você venha a sentir algo dentro desses padrões, comunique ao pesquisador para que sejam tomadas as devidas providências e o procedimento será interrompido imediatamente, para que não se sinta pressionado, além de acionar o responsável pela escola e o seu responsável para lhe dar assistências cabíveis, inclusive o acompanhamento, após o encerramento da pesquisa, prestando apoio aos profissionais e responsáveis, colaborando para sua recuperação dos supostos danos ocorridos.

A participação não envolve gastos ou pagamentos de qualquer natureza. Os benefícios relacionados com a participação têm origem na experiência existencial como possibilidade para fomento para esta pesquisa sobre a relação da Educação e gordofobia, contribuindo para a produção do conhecimento no campo educacional e social.

Seu nome será mantido em sigilo, de forma a proteger sua identidade, razão pela qual no decorrer da pesquisa se opta por utilizar nomes fictícios que será apresentado quando for feita alguma referência às suas contribuições para com a pesquisa.

Seu depoimento, dado em entrevista, poderá ser utilizado e divulgados em publicações em eventos científicos em forma de artigo científico, *banner*, *pôster*, livros, *websites* e periódicos via meio eletrônico, relacionados com Educação.

Encerrada a investigação, os resultados obtidos e reflexões realizadas serão de inteira responsabilidade da pesquisadora. Caso queira receber uma cópia do relatório final em formato digital, indique um e-mail para o envio. Informamos ainda que as entrevistas serão destruídas após o período de cinco anos de sua realização.

Caso venham a surgir novos questionamentos sobre o estudo, há possibilidade de esclarecimento junto à pesquisadora responsável pelo projeto pelo telefone (67) 999xx-xx94 podendo contatar inclusive em chamadas a cobrar. Para perguntas referentes aos aspectos éticos da pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS, localizado na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – PROPP, Cidade

Universitária, Campo Grande – MS, telefone (67) 3345-7187, ou via e-mail: cepconep.propp@ufms.br.

Nome da pesquisadora: Valdelice Cruz da Silva Souza
Telefone: (67) 99xx-xx94. E-mail: valczsouza@gmail.com

Caso seja de sua vontade participar desta pesquisa, por gentileza, assine e date este Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, em duas vias idênticas, das quais uma ficará com você.

Nome da participante (em letra de forma): _____

() Autorizo a gravação em áudio da conversa para que possa ser utilizados na produção de trabalhos científicos.

() Não autorizo

Assinatura do Participante: _____ Data: __/__/____

Declaração da pesquisadora: Declaro que os dados pessoais coletados na pesquisa serão mantidos em sigilo. Agradecemos a colaboração.

Nome da Pesquisadora: Valdelice Cruz da Silva Souza

Assinatura da Pesquisadora: _____ Data: __/__/____

APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO

1. Idade: _____
2. Qual o seu gênero?
() feminino () masculino () outro: _____
3. Qual o seu peso? _____
4. Qual a sua altura? _____
5. Qual a sua opinião sobre seu corpo?
() perfeito () bonito () razoável () feio () horrível () outro _____
6. Como você se considera?
() magro () gordo () nenhum
7. Você gosta do seu corpo? Justifique.
() sim () não _____
8. Você gostaria de mudar seu corpo?
() sim () não
Em caso afirmativo, o que mudaria? _____
9. Você sofre preconceito por causa de seu corpo?
() sim () não
10. Você já sofreu preconceito por causa do seu corpo?
() sim () não
11. Você já foi maltratado(a) por causa do seu corpo?
() sim () não
12. Qual o local onde você mais sofre preconceito?
() na escola () em casa () outros _____
13. Você sempre teve a mesma aparência física?
() sim () não, emagreci () não, engordei
14. Se sua resposta foi sim desconsidere essa questão. Qual o motivo da mudança da aparência física?
() preconceito () desejo próprio () outros _____
15. Qual o corpo que você considera bonito? Justifique.
() magro () gordo _____
16. Você gostaria de participar do grupo focal (roda de conversa) para debater o tema?
() sim () não

APÊNDICE F – ROTEIRO PARA O GRUPO FOCAL

- 1 - Ao ler a história da Carla e da Rita (livro: Gorda ou magra, abracadabra), vocês sabem me dizer por que elas queriam ser diferentes?
- 2 - Quem tinha mais problemas com a aparência, na opinião de vocês, Carla ou Rita?
- 3 - Por que as bruxas pensaram que as meninas gostariam de ser diferentes?
- 4 - Vocês acreditam que as pessoas querem ser diferentes? Vocês gostariam de ser diferentes? Por quê?
- 5 - O que vocês pensam sobre gordofobia? Já ouviram esse termo?
- 6 - Como vocês se sentem em relação ao corpo?
- 7 - Vocês já sofreram preconceito de alguma forma, em relação ao corpo?
- 8 - Falem um pouco de como foi isso?
- 9 - O que fizeram quando sofreram o preconceito?
- 10 - Qual o lugar onde vocês mais percebem o preconceito?
- 11 - Vocês já foram chamados de algum apelido que não gostaram?
- 12 - Qual o pior apelido na opinião de vocês?
- 13 - Quando acontecem situações de preconceito na escola, com quem vocês falam?
- 14 - Como são tratadas as situações de preconceito na escola?
- 15 - Qual o sentimento de vocês quanto ao preconceito?
- 16 - Vocês já se privaram de participar de alguma atividade escolar por conta do preconceito?
- 17 - Quando vocês estão no grupo, se sentem aceitos pelos colegas?
- 18 - Como acontece em casa, vocês relatam isso aos pais? Como eles reagem?
- 19 - Vocês acreditam que a mídia (filmes, novelas, séries e programas de TV), ajuda a ter mais cobranças em relação ao corpo?
- 20 - Qual ator (a) ou personagem de televisão vocês gostariam de se parecer? Por quê?
- 21 - Vocês são compreendidos na escola? E na família?
- 22 - O que faz vocês se sentirem mais ofendidos, quanto ao preconceito?
- 23 - Vocês se sentem cobrados para ser diferente?
- 24 - Quem são mais cobrados, os meninos ou as meninas?
- 25 - O que vocês acreditam que deve ser feito para acabar com o preconceito?
- 26 - Vocês gostariam de falar mais alguma coisa que não foi dita? Alguma situação ou exemplos?
- 27 - Vocês acharam importante nossa conversa?

ANEXOS

ANEXO A – LIVRO “GORDA OU MAGRA ABRACADABRA”

